

Aparecida Maciel da Silva Shikida

Informação, História e Memória:

A Constituição Social da Informação em Relatos Orais

Belo Horizonte
2005

Aparecida Maciel da Silva Shikida

Informação, História e Memória:

A Constituição Social da Informação em Relatos Orais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa Dra. Maria Aparecida Moura. ECI/UFMG.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade - ICS

Belo Horizonte
Escola de Ciência da Informação
2005

Para Fábio, amado companheiro... coisas do coração.
Para Lucas e Gabriel, amor sem pressa.

RECONHECIMENTOS

É comum em obras literárias e de pesquisa o agradecimento àqueles que contribuíram para sua realização. Entretanto, olhando para a minha trajetória, creio que agradecer não seria justo. Agradecer teria um efeito efêmero para o sentimento que me toma ao finalizar este trabalho.

Prefiro o reconhecimento por esperar que ele represente o tamanho e a eternidade da minha gratidão, por tudo, absolutamente tudo que a vida me permitiu viver.

Reconheço que sem a luz e a permanente proteção de Deus e de Nossa Senhora Aparecida, que desde o ventre de minha mãe me acompanham, com certeza eu não chegaria até aqui.

Reconheço o amor de meus pais que sempre fizeram a defesa intransigente da educação em minha vida, a eles dedico não apenas esta obra, mas todas as vitórias que tive e terei.

Reconheço a força e apoio de meus irmãos e em especial de Dirinha e João Luiz, pois quando podiam, como muitos, ter pensado apenas em suas vidas, generosamente lutaram por dias melhores para toda a família.

Reconheço que sem o amor incondicional de meus filhos e a gratuidade dos sorrisos e beijos nas horas mais duras; tudo; tudo seria mais difícil.

Reconheço que o amor de Fábio, sua fé em minha capacidade, às vezes fez de seus olhos os meus olhos, de suas mãos minhas mãos e assim andamos juntos, isso é amor.

Reconheço que a amizade e disponibilidade de Jú, Raquel e Cida Gonçalves, foram mais que estímulo, foi aquilo que me faltava para crer, quando as dúvidas eram maiores que as certezas.

Reconheço que sem os mestres da Universidade Federal de Minas Gerais/ Fafich e em especial, Lígia, Lucília, Lena e Michel, nada seria possível. Com eles aprendi que conhecimento sem generosidade não constrói. Educar é construir pessoas melhores, mais humanas e que lutar por isso não é ideal, é a própria razão de viver do homem.

Reconheço que foram preciosas as orientações dos Professores Marta Pinheiro Aun e Michel Marie Le Ven na oportunidade da qualificação.

Reconheço a presença iluminada desde o meu primeiro encontro com Cida Moura. Sem a sua competência, ternura, compreensão e firmeza, trilhar este caminho teria sido difícil, desenvolver este trabalho apenas um sonho. A você dedico todos os instantes em que se faça imprescindível o carinho, o afeto, o ouvir, o riso compartilhado e o acalanto necessário de uma amiga.

Reconheço a oportunidade ímpar que o Programa de Pós Graduação da ECI/UFMG me proporcionou, ao acreditar em meu projeto, inclusive me propiciando a ida ao CPDOC/ FGV- RJ para ampliação da pesquisa. Aos professores que elucidaram caminhos e deram respostas as várias indagações que assim, ficaram pelo caminho.

Reconheço a sincera, gratuita e sensível contribuição da Professora Verena Alberti, do CPDOC/ FGV, que me permitiu conhecer a lucidez de uma das mais importantes especialistas em História Oral do Brasil.

Reconheço a dedicação e a disponibilidade incondicional de Maria Gorethi Maciel e Viviany Carvalho. O seu apoio fez com que todos os meus esforços estivessem voltados para a pesquisa e isso foi muito importante.

À todos meu sincero e eterno reconhecimento.

Não, não tenho caminho novo.

O que tenho de novo

É o jeito de caminhar.

Aprendi

(o caminho me ensinou)

a caminhar cantando

como convém

a mim

e aos que vão comigo.

Pois já não vou mais sozinho.

Thiago de Mello

Faz escuro mas eu canto

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar, caracterizar e analisar os processos de construção social da informação e do conhecimento em relatos orais, sob o olhar da Metodologia de História Oral e da Ciência da Informação, tendo em vista a potencializar as informações contidas nos acervos dos Programas de História Oral representados no estudo por dois objetos de pesquisa: o Centro de Documentação e Pesquisa – CPDOC da Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro e o Programa de História Oral – Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/ UFMG. São também objetivos específicos: identificar a perspectiva de informação e conhecimento que orientam a formação dos acervos dos Programas analisados e compreender a função da oralidade no processo de constituição social da informação e do conhecimento. Para cumprir tais proposições, além de ampla pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas com os pesquisadores, fundadores do Programa de História Oral – Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/ UFMG e do CPDOC/FGV/RJ. A coleta de dados deu-se através de entrevistas temáticas, semi-estruturadas, realizadas de acordo com a metodologia qualitativa de história oral. Assim, sob o âmbito da Ciência da Informação concluiu-se que o potencial informacional e do conhecimento constituído nos acervos dos Programas de História Oral são de extrema relevância na compreensão da realidade contemporânea, desde que a disseminação e restituição destas informações e conhecimento possam alcançar não apenas o universo acadêmico, mas a sociedade como um todo, estimulando assim, a reflexão sobre os fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais. Sobre a função da oralidade na constituição social da informação e do conhecimento pode-se concluir que ela é alicerce de todo o processo informacional. Sua universalidade e caráter democrático permitem e propiciam a inclusão do homem como ser constitutivo de sua história e trajetória. Portanto, esforços precisam ser empreendidos em direção ao seu reconhecimento como ferramenta fundamental ao conhecimento do homem em seu universo social.

Palavras-chave: Informação, Conhecimento, História-Memória, Oralidade, Constituição Social da Informação e do conhecimento, Metodologia de História Oral.

ABSTRACT

This qualitative study aims to identify, characterize and analyze the processes of social construction of the Information and knowledge in oral accounts, in agreement with the Methodology of Oral History and Information Science. We seek to highlight the potential of the information contained in the data stored in the Programs of Oral History, represented, in this study, by two research centers; the Documentation and Research Center – CPDOC of the Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro and the Program of Oral History – Study Center of Minas Gerais /Fafich/UFMG. More specific objectives lay on identifying the perspective of the information and knowledge that guide the formation of the data collection of the analyzed programs, and understanding the function of Orality in the process of social constitution of the information and knowledge. In order to achieve such purposes, researchers and founders of the Program of Oral History – Study Center of Minas Gerais /Fafich/UFMG and of the CPDOC/FGV/RJ were extensively interviewed, and beside that, wide bibliographical researches were made. The data collection was carried out through thematic interviews made in agreement with the qualitative methodology of oral history. This way, under the extent of the Information Science, it was concluded that the potential of information and knowledge present in the data of the Programs of Oral History was of extreme relevance in the understanding of the contemporary reality, as long as the diffusion and restitution of this information and knowledge reach not only the academic world but the society as a whole, thus stimulating the reflection on social, economical, political and cultural phenomena. As for the function of orality in the social constitution of the information and knowledge, it can be concluded that it stands as the principle of the process of information. Its universality and democratic character allows and helps man's inclusion as a constituent body of his history and path. Therefore it needs and deserves to be recognized as a fundamental tool for man's recognition in his social universe.

Key words : Information, knowledge, History – Memory, Orality, Social Constitution of the Information and knowledge – Methodology of Oral History.

RÉSUMÉ

Cette étude qualitative a pour but d'identifier, de caractériser et d'analyser les rapports oraux, en accord avec la méthodologie d'Histoire orale et de la Science de l'Information. Ceci, en vue de relever le potentiel des informations contenues dans les données des Programmes d'Histoire Orale, représentées dans cette étude par deux bases de recherche : le Centre de Documentation et de Recherche – CPDOC de la Fondation Getúlio Vargas – Rio de Janeiro et le Programme d'Histoire Orale – Centre d'Etudes de Minas Gerais /Fafich/UFMG. Les objectifs spécifiques sont d'une part, d'identifier la perspective d'information et de connaissance qu'oriente la formation des données des Programmes analysés et d'autre part, de comprendre la fonction d'oralité dans le processus de constitution sociale de l'information et de la connaissance. Dans cette optique, outre une importante recherche bibliographique, de nombreuses entrevues ont été réalisées auprès de chercheurs et fondateurs du Programme d'Histoire Orale – Centre d'Etudes de Minas Gerais/Fafich/UFMG et du CPDOC/FGV/RJ. Le rassemblement des données s'est fait à travers d'entrevues thématiques, semi-structurées, réalisées en accord avec la méthodologie qualitative d'Histoire Orale. Ainsi, sous l'ampleur de la Science de l'Information, il a été conclu que le potentiel d'information et de connaissance présent dans les données des programmes d'Histoire Orale est d'une extrême pertinence dans la compréhension de la réalité contemporaine, à partir du moment où la diffusion et restitution de ces informations et connaissance n'atteignent non seulement le monde académique mais aussi la société comme un tout, stimulant de ce fait, la réflexion sur les phénomènes sociaux, économiques, politiques et culturels. En ce qui concerne la fonction de l'oralité dans la constitution sociale de l'information et de la connaissance, il peut être conclu qu'elle est le fondement de tout le processus d'information. Son universalité et son caractère démocratique permet et favorise l'inclusion de l'homme comme être constituant de son histoire et trajectoire. Par conséquent, il est nécessaire de s'efforcer à la faire reconnaître comme outil fondamental à la connaissance de l'homme dans son univers social.

Mots-clef : Information, Connaissance, Histoire – Mémoire, Oralité, Constitution sociale de l'Information et de la connaissance – Méthodologie d'Histoire Orale.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	10
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 2	18
ORALIDADE, HISTÓRIA E MEMÓRIA: PROCESSOS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO A PARTIR DAS NARRATIVAS ORAIS	18
2.1 TRADIÇÃO ORAL: NARRATIVAS E ORALIDADE.....	19
2.2 MEMÓRIA E HISTÓRIA - HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	40
2.3 FORMAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL: COMUNIDADE.....	50
CAPÍTULO 3	54
HISTÓRIA ORAL: A METODOLOGIA	54
CAPÍTULO 4	70
HISTÓRIA E MEMÓRIA: OS PROGRAMAS DE HISTÓRIA ORAL	70
4.1 O CPDOC – CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO: PIONEIRISMO E REFERÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL NO BRASIL.....	78
4.2 O PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL – CEM – FAFICH-UFMG PIONEIRISMO E REFERÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA METODOLOGIA DE HISTÓRIA ORAL NO ESTADO DE MINAS GERAIS.....	95
CAPÍTULO 5	116
A INFORMAÇÃO NOS RELATOS ORAIS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO	116
CAPÍTULO 6	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E OS PROGRAMAS DE HISTÓRIA ORAL: INTERDISCIPLINARIDADE	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	142
ANEXOS	151
8.1 IMAGENS DA ORALIDADE : OS PROGRAMAS DE HISTÓRIA ORAL	
8.2 DOCUMENTAÇÃO:	
8.2.1 PROJETO ORIGINAL DO PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL – PHO-CEM/Fafich/UFMG	
8.2.2 RELATÓRIO DE 10 ANOS DE ATIVIDADES – PHO-CEM/ Fafich/UFMG	

CAPÍTULO 1

Introdução

"O apagamento da memória afeta a todos nós. Se descartadas ou se omitidas as contribuições históricas das sociedades (...), arriscamos a perder evidências da diversidade humana e soluções alternativas para problemas humanos complexos".

(Lee, Richard. 1992, p.54)

Este estudo teve por objetivo compreender o lugar social da oralidade e sua função nos processos de construção e constituição da informação e do conhecimento. Para tanto, partimos do pressuposto de que conhecer as tradições orais e seus engendramentos na organização e no fazer social é, de fato, compreender, valorizar e evidenciar as experiências humanas. A partir das vivências, reflexões, elaborações, formas de produção de sentido através da palavra - aquela que sai da boca e voa aos ouvidos - (Brandão, 1999) que a humanidade, ao longo dos séculos, vem construindo conhecimento e constituindo o homem como sujeito histórico.

A palavra sempre ocupou um lugar privilegiado nas formas de organizações sociais. Fontes (2004) afirma não ser exagero dizer que a palavra proporcionou ao homem um domínio de seu espaço imediato, fazendo-se presente na extensão e duração da memória. De outra forma, esta é reduzida aos fugazes limites da consciência.

Em um primeiro momento faremos uma breve análise do papel da oralidade nas sociedades ágrafas, sua função como suporte da história-memória - lembranças do já vivido - e seu uso presente; no qual os relatos orais conformados pela memória social cumprem o objetivo de serem portadores das memórias coletivas. Discutiremos então as narrativas orais, permeadas de informações que auxiliam o homem em seus processos identitários e coletivos. Processos estes, fundamentais na construção social do conhecimento.

A ênfase será dada à história-memória de grupos sociais - tratados aqui como comunidades - os impactos que suas práticas sociais produzem em um espaço mais amplo, ou seja, seu papel nos processos históricos de produção do saber. Serão reflexões que pretendem contribuir e abrir caminhos

para novas discussões de um entendimento no uso presente de fragmentos do passado e dos espaços que as narrativas ocupam nas sociedades de outrora e contemporâneas. Desta forma, trabalharemos com alguns conceitos importantes como: tradição oral, história-memória, comunidade, narrativa e relatos orais na perspectiva da metodologia da história oral. O objetivo proposto perpassa pela ampliação da discussão destes conceitos.

São objetivos gerais deste trabalho: identificar, caracterizar e analisar os processos de construção social da informação e do conhecimento em relatos orais, tendo como referencial a Metodologia de História Oral e a Ciência da Informação. Especificamente nos propusemos a:

- 1º Compreender a função da oralidade na construção social da informação e do conhecimento na sociedade contemporânea.
- 2º Caracterizar os processos de constituição social da informação e do conhecimento em relatos orais realizados nos acervos dos Programas de História Oral.
- 3º Identificar a perspectiva de informação e conhecimento que orientam a formação dos acervos dos Programas de História Oral.
- 4º Identificar as metodologias de organização e disseminação da informação adotadas nos Programas de História Oral analisados.

Tendo em vista os objetivos dessa pesquisa, foram tomados como elementos de estudo dois Programas de História Oral; o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, vinculado à Fundação Getúlio Vargas - CPDOC - FGV/ RJ - e o acervo de história oral do Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros, vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas /UFMG - PHO - CEM - Fafich/UFMG.

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas foi criado em 1973 com o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país e desenvolver pesquisas históricas, tendo inicialmente seu próprio acervo como fonte privilegiada.

Em 1975 foi iniciado o primeiro acervo de história oral do país, com o intuito de resgatar a história contemporânea brasileira; o programa de história oral vem desde então, recolhendo depoimentos de personalidades que atuaram no cenário nacional. Contando atualmente com mais de 4.000 horas de gravação, correspondentes a cerca de 800 entrevistas, boa parte delas aberta à consulta.

Desde a criação do CPDOC, algumas linhas de investigação vem sendo desenvolvidas, e permanecem como pontos de referência e identidade de seu grupo de pesquisadores. Elites Políticas, História Institucional e Pensamento Social Brasileiro são áreas de interesse que se sustentam, quer como escolha intelectual dos profissionais, quer como projetos institucionais que recebem apoio de agências de financiamento. Estas grandes áreas desdobram-se em outros recortes de pesquisa, que incluem como objeto de estudo biografias, temas ligados à educação e matrizes institucionais de políticas públicas, sempre na perspectiva multidisciplinar, tradicionalmente adotada, e que se reflete em uma equipe de pesquisadores de distinta extração no mundo acadêmico e intelectual¹.

O Programa de História Oral da Fafich/UFMG foi criado em 1990 e integra o Centro de Estudos Mineiros. Seus objetivos principais são a constituição de um acervo de documentos orais, aberto a pesquisadores, ao

¹ Fonte: www.cpdoc.fgv.br/htm.

público em geral e a realização de estudos sobre temas específicos com base nos documentos produzidos e referidos aos processos sociais, políticos, econômicos e culturais de Minas Gerais.

O acervo divide-se em três grandes áreas temáticas: História das Elites, História das Cidades e História dos Partidos e Sindicatos. Ao longo dessa última década iniciou-se o acervo, com a coletânea de histórias de vida, entrevistas temáticas, objetos pessoais dos entrevistados (fotos, correspondências particulares, artigos, jornais e outros.) e hoje este acervo conta com mais de 400 horas de entrevistas gravadas e transcritas, além de diversas pesquisas e publicações desenvolvidas, tendo como princípio a interdisciplinaridade. O Programa continua fiel à sua proposta de constituir-se como acervo e promover novas análises e releituras dos processos sociais referentes à história contemporânea de Minas Gerais. Portanto, o PHO – CEM – Fafich/ UFMG está intimamente vinculado ao nosso universo acadêmico tanto por sua história como pela proximidade das fontes a serem pesquisadas.

Ao nos propormos identificar, caracterizar e analisar os procedimentos de constituição social da informação em relatos orais devemos ressaltar, que foram os processos teóricos e metodológicos da Ciência da Informação e da História Oral que orientaram a construção dessa pesquisa.

Na primeira fase foram realizadas pesquisas bibliográficas e revisão de literatura. Pelas referências bibliográficas, percebe-se que tivemos como interlocutores preferenciais a produção teórica da Ciência da Informação, Sociologia e História, e como mediadores a literatura que trata a questão da informação e do conhecimento como um produto social.

Na segunda fase buscamos traçar o perfil do Programas de História Oral definidos como objeto de estudo. Na elaboração deste perfil foram

consideradas as orientações teóricas e técnicas presentes nas duas unidades informacionais. Este procedimento contou com dois momentos:

- 1º Entrevista temáticas com pesquisadores e fundadores do Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/ UFMG e com a atual coordenadora do Programa de História Oral - CPDOC/ FGV- Rio de Janeiro.²

- 2º Análise das entrevistas no intuito de traçar o perfil de cada acervo, sua constituição, sua política de organização e representação, seus critérios na escolha dos depoentes, dentre outros elementos que nos possibilitou alcançar o objetivo proposto.

Nestas entrevistas procuramos identificar as perspectivas teóricas que orientam as políticas de organização dos Programas, ou seja, as entrevistas nos auxiliaram na compreensão do que é informação e conhecimento para estes profissionais e de que forma esta compreensão influencia a condução destes núcleos de pesquisa.

Na fase final, realizamos a análise do funcionamento destas instituições, para compreendermos como a oralidade e a metodologia de história oral interagem no processo social de construção da informação e do conhecimento. Obviamente, que além dos estudos teóricos tanto no campo da Ciência da Informação, como no da História e Sociologia, este trabalho contou com aporte metodológico da história oral. Como a pesquisa foi realizada no espaço da

² Entrevistados : CPDOC/FGV – Professora Verena Alberti. PHO/ CEM- Fafich/UFMG – Lígia Maria Leite Pereira, Lucília de Almeida Neves Delgado, Michel Marie Le Ven , Otávio Soares Dulci, Regina Helena Alves da Silva

Ciência da Informação, duas questões perpassaram nossa trajetória neste trabalho. São elas:

- De que modo a Ciência da Informação pode contribuir nos processos de socialização da informação referentes às trajetórias dos distintos sujeitos que constróem a história social brasileira?
- Quais são as possibilidades de se estabelecer políticas e estratégias para os Programas de História Oral usando os aportes da Ciência da Informação, de forma a permitir o diálogo e as trocas entre os acervos, bem como a socialização, recuperação e democratização da informação?

Foram estes questionamentos que motivaram a estruturação deste trabalho de pesquisa.

No capítulo dois trataremos da oralidade, história e memória. Proporemos algumas reflexões a respeito do papel das narrativas orais no fazer histórico e cotidiano do homem e a sua função nos engendramentos sociais e suas formas de organização.

No capítulo três faremos um estudo panorâmico da metodologia de história oral, sua importância e inserção nos espaços acadêmicos do Brasil. Buscaremos resgatar, de forma geral, a trajetória dessa metodologia nas produções historiográficas brasileiras e como ela pode enriquecer os estudos das Ciências Sociais no país.

No capítulo quatro faremos um resgate da memória dos acervos dos Programas de História Oral, aqui expostos como objeto de pesquisa, utilizando a metodologia e a partir dos relatos orais dos próprios pesquisadores que

foram fundadores do Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros/ Fafich - UFMG e da atual coordenadora do Programa de História Oral CPDOC/FGV-RJ. A construção deste capítulo se deu a partir da memória destes sujeitos.

O capítulo cinco buscará uma maior compreensão do que vem a ser informação e conhecimento para esses pesquisadores e de como essa conceituação norteou, influenciou e influencia a dinâmica organizacional desses acervos.

Por fim, no capítulo seis, nos dedicaremos às considerações finais, propondo algumas reflexões, pois elas por si só impõem a continuidade desta pesquisa para que se possa avançar em busca do movimento permanente de construção social do conhecimento e assim com meu fazer, com futuras e possíveis reflexões, com a contribuição de um ou de muitos outros se possa chegar às respostas no sentido da equilíbrio³.

³ Equilíbrio: Conceito desenvolvido por Piaget em seus estudos. O conhecimento nunca alcança o estado de equilíbrio, está sempre em equilíbrio, ou seja em busca de algo mais, do novo. PIAGET, Jean. Problems of equilibration. In: GRUBER, E. e VONËCHE, Jacques. *The essential Piaget*. London: Routledge e Kegan Paul, 1977. pág. 838-841. (From an address by Jean Piaget to the Jean Piaget Society, Philadelphia, 1975 in *Topics in Cognitive Developments*, volume I, M. Appal, ed. Plenum Press, 1975. Reprinted by permission. Translated by Eleanor Duckworth.)

CAPÍTULO 2

Oralidade, história e memória: processos sociais na construção e constituição da informação e do conhecimento a partir das narrativas orais.

"Os conhecimentos do passado não são aqueles remanescentes mortos e quase mortos de uma cultura oral passada, transmitida por estreitos canais de geração a geração (...) mas estão relacionados com a inteligência crítica e a utilização ativa do conhecimento. E ainda, é mais incluyente do que excluyente."

(Chang Tai, in: Cruikshank, 1992, p.159)

2.1 Tradição Oral: Narrativas e Oralidade

Antes da invenção e da utilização sistemática da escrita, todo o saber construído e constituído em um grupo social era transmitido oralmente entre seus membros e de geração em geração. A oralidade e suas tradições desempenham o papel de guardar e evidenciar as vivências comunitárias. Desde os tempos imemoriais que diferentes comunidades com diversos padrões sociais utilizam-se das narrativas não somente como forma de transmissão de suas tradições culturais, mas também como um mecanismo mantenedor da unidade e da identidade entre os seus⁴. Neste contexto, cabe à memória humana - essencialmente auditiva - o status de guardião da história.

“Sob a ação de uma ilusão quando crê que as analogias sobrepujam as diferenças, porém lhe é impossível dar-se conta disso, uma vez que a imagem que fazia de si mesma outrora, transformou-se lentamente (...). O essencial é que os traços pelos quais se diferencia dos demais subsistam e que estejam assinalados por todo o seu conteúdo.” (Halbwachs, 1990, p.89).

A fala, a palavra dita, é o único recurso de que se dispõe para o "arquivamento e a transmissão" do saber.

A história e as práticas sociais estão intrinsecamente vinculadas à memória. Assim, a oralidade contribui para "documentar" o mundo, suas mensagens, e suas experiências de vivências através de narrativas repetidas e mnemonicamente apreendidas. Hoje estudiosos sociais, antropólogos e literários reconhecem o caráter intelectual das narrativas orais.

⁴ É importante chamar atenção para o fato de que todo espaço social é também um espaço de conflito e negociações. Balman (2003) argumenta que a unidade, o consenso comunitário é alcançado a partir de exaustivos acordos, sempre ameaçados por novas demandas coletivas e questionamentos individuais.

Estudá-las, torna-se importante na apreensão de condutas, costumes e ações de determinados grupos ou de atos individuais isolados, motivados pela memória social. Mesmo porque uma ação pessoal tende a encerrar diversos pontos de vista “da combinação de onde saiu o sujeito”.

A reflexão acerca do papel da oralidade no mundo contemporâneo nos conduz à civilização grega, que é um universo social onde a palavra é mágica, a cultura difusa e as obras anônimas. Onde as poesias - atividades inspiradas e facilmente memorizadas - pertenciam a todos e eram de autoria coletiva.

Fontes (2004) aponta para as narrativas míticas cantadas e contadas em versos - "Ilíada e Odisséia - atribuídas a enigmática figura – Homero. Elas representam para os gregos, não somente o símbolo da unidade cultural como povo, mas igualmente a expressão da sua religião, e da sua visão de mundo".

Na antigüidade grega, a partir dos Aedos⁵ e através das narrativas poéticas, os mitos eram socializados, os costumes e idéias recriados. Essas sociedades eram fortemente marcadas por uma paisagem predominantemente oral e esses narradores ocupavam um lugar de prestígio. Eram vistos "como um instrumento de poder que lhes era exterior, mas que dominavam e falavam através deles com a própria voz. Considerados profetas, visionários, agentes de forças invisíveis e desconhecidas" (Fontes, 2004). Nas suas poesias estavam impressos valores religiosos, morais, éticos, condutas sociais e outros.

Platão via os Aedos como homens possuídos e inspirados pelas musas e a elas cabia não só a inspiração dos poetas como também garantir a fidelidade destes para com as memórias coletivas das comunidades que falavam através deles.

Então a arte desses narradores consistia em dar aos ouvintes a certeza de que aquilo que ouviam retratava sua própria história, seus próprios sentimentos e que dos poetas era emprestado apenas a sua voz. As narrativas sugerem identidade cultural entre todo o povo grego e estão intimamente ligadas aos deuses, estabelecendo fortes elos entre as várias fases da história da humanidade, mantendo assim uma ponte entre o povo e seus antepassados. Ao anunciar a vida divina pareciam estar bem próximos do fazer humano.

"Não era sem razão que o oráculo de Delfos proferia a ação de suas mensagens misteriosas em versos, ou que Hesíodo fala de si próprio como sendo o homem que conhece tudo aquilo que existiu, aquilo que existe e que está para existir".

(Fontes, Carlos. Universo Sonoro. A Escrita Alfabética. Os desafios da tradição. 2004)

As tradições orais lembram, processam e transmitem conhecimento, um saber em movimento, continuamente ativo, dissecado, acrescentado e refeito. Utilizado na prática social das comunidades como parte vital do fazer histórico. A rememoração é estruturada de tal forma que passa a responder questionamentos prementes do presente: “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada” (Halbwachs, 1990, p.71). A lembrança é a base sobre a qual se realiza a educação desde a infância, que se ajusta perfeitamente à consciência lúdica e infantil. Daí a importância da disseminação desse imaginário criado e constantemente recriado pelos Aedos.

⁵ Poetas – Contadores de histórias ambulantes – que recitavam suas composições se acompanhado com a lira (Cunha, 1986, p.15)

A forma de manifestação da tradição oral está intrinsecamente ligado à história do lugar, ao mapeamento dos acontecimentos, a terra, à família, a descrição geográfica e climática da região - ventos, relevos, rios, e outros..... O tempo e o espaço possuem sua própria significação.

“As datas e as divisões astronômicas do tempo estão encobertas pelas divisões sociais de tal maneira que elas desaparecem progressivamente e que a natureza deixa cada vez mais à sociedade o encargo de organizar a duração, já que neste sentido as mudanças são lentas, evocando um sentimento de eternidade (perpetuidade); os homens se acomodam facilmente às divisões temporais”

(Halbwachs,1990, p.90).

Os eventos estão ligados a lugares e são atemporais, seus significados tornam-se evidentes nos rituais, na religião, nas lendas, nos cânticos, nas festas, nos códigos de narrativas dramáticas com grande peso emocional, em séries sucessivas e artificiais dos acontecimentos. São muitos os suportes da memória trazidos pelas tradições orais que estão impressos na humanidade . A dimensão simbólica das tradições orais perpassa o passado, o presente, o futuro e sustenta a estruturação do projeto social, lutando contra a efemeridade do saber e o apagamento da memória⁶.

A memória coletiva, ao contrário, possibilita que o grupo seja visto de dentro, durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que se desenrola no tempo, já que trata o passado de tal maneira que é inevitável o reconhecimento de si mesmo a partir das imagens, falas e reconstruções onde a memória individual se entrelaça com a memória coletiva.

⁶ No entanto é preciso ressaltar que todo esse processo depende essencialmente do homem como portador e conhecedor desse saber.

Para Brandão (1999), a técnica de composição desses poemas é bastante semelhante ao que observamos hoje nos repentistas, nos poetas de cordel e nos "contadores e cantadores" de rua (*Rappers*, por exemplo), na medida em que não existe um texto composto integralmente de antemão, são elaborações feitas de acordo com o contexto e ao sabor das demandas do momento, diluindo a noção de autoria e invocando uma perícia especial de convencimento - a arte da retórica - na conquista da crença de todos aqueles que estiverem abertos a ouvir: os interlocutores. Alves (2005) aponta para estes grupos e o uso das tradições orais no século XXI, garantindo de maneira própria a troca de saber.

"Eu vejo o *hip-hop* como o que há em oralidade (...) eu fui olhar para o hip-hop por causa disso. São impressionantes, conseguem construir um circuito entre eles que é absolutamente pela oralidade. É um circuito de comunicação, informação e uma troca de coisas, do que eles fazem (...) agregam e desagregam de determinadas maneiras a partir da cultura não é? Daquilo que eles consideram como sendo identidade cultural deles (...)"

(Regina Helena Alves da Silva)⁷

O aparente contraste entre o *Hip-Hop* e o Repente, mais aproxima do que afasta, mais inclui do que exclui, pois em sua essência, ambos existem pela força e consistência da oralidade. Por sua força, a palavra dita, cantada, recitada se constrói no presente, projetando-se no futuro em pleno movimento de criação.

Assim é o saber-sabor, construído palavra por palavra, justamente por ter como único recurso o "sair da boca de quem fala para o ouvido de quem escuta" (Brandão, 1999).

⁷ Depoimento cedido à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros – Fafich / UFMG em 23 de fevereiro de 2005 – Belo Horizonte.

É a criação em processo absoluto, refletindo um determinado contexto e sendo refletido, acrescentado pela própria experiência de quem narra. Os narradores se constituem como sujeitos fazedores da história. Não uma história descolada dos grupos sociais ou acima deles, mas uma história em movimento, que considera as mudanças incessantes, ao mesmo tempo em que fixa seu olhar no conjunto e não desconsidera o singular e o individual. Para Alves (2005) é a partir da observação de toda a mensagem (informação) impressa nos relatos orais que podemos refletir sobre estes processos:

"A oralidade possibilita olhar para o movimento (...) entender que existe este movimento. Não pode ser captado o tempo todo, mas está vivo, podemos entender que ele existe (...) você dá um outro status para conhecimento (...) ele sai do lugar e é possível na sociedade, possível no mundo (...)"

(Regina Helena Alves da Silva)⁸

A oralidade contribui para a compreensão dos movimentos sociais, dando a estes fenômenos uma possibilidade de reflexão única, na medida em que a multiplicidade de visões e enfoques sobre o mesmo fato, não apenas ajuda a elucidá-lo como a compreender o universo da sociedade em pleno movimento.

Desta forma é que a memória - e suas várias possibilidades de guardar o passado - passa a ser um saber constituído de vários povos. Saber estilizado, saber criado, saber reflexivo, saber socialmente construído. No entanto é importante ressaltar que esse passado não é guardado de forma integral como pontua Brandão (1999, p.3): "se houvesse a possibilidade de preservação da memória pura, bruta, que não fosse lapidada pelo

⁸ Idem 7

esquecimento (*no caso proposital*)⁹ , provavelmente seu caráter totalitário impediria não só a história como seu próprio discurso".

É através dos séculos que se constata o verdadeiro papel das narrativas orais constituindo-se como uma das maiores fontes da historicidade humana. Fonte de transmissão, de disseminação, de reiteração e de transformação do saber. "Em todas as épocas, a educação humana, a formação de hábitos e a transmissão de conhecimento baseou-se (e se *baseia*)¹⁰ na oralidade". (Queirós. 1988, p.16). Alves (2005) em seu depoimento nos relata uma de suas experiências com a tradição oral e os danos que os cortes dos acordos silenciosos feitos nos fazeres sociais e reiterados pelas tradições orais podem causar:

“Eu coordenei um projeto em uma comunidade remanescente de quilombo. Uma senhora de 90 e tantos anos estava conversando comigo – Fizemos uma oficina de história oral por causa da fala dessa senhora. Ela falou assim: _ Pois é, vocês estão aqui trabalhando com esses meninos nossos aqui... é bom! É bom! Esses meninos não querem saber de nada, não querem mais saber mais da gente, não querem mais saber desse lugar, eles vão embora e a gente fica aqui, para eles não tem importância. Eu falei para ela:

_Em todo lugar isolado, os jovens têm que ir embora para achar outras oportunidades e em todo lugar que eu passo as pessoas falam que os jovens já não querem mais saber da história do lugar.

_Não! A história eles sabem... a história eles tem que aprender.

_Como é aqui?

_A história eles aprendem porque é assim... . Na realidade eles sabem a história, eu é que não sei mais.

_Agora não entendo mais nada, porque toda comunidade que eu vou os mais velhos falam que os jovens não querem mais saber de história, que estão morrendo e a história está morrendo com eles.

Essa senhora fez o processo inverso e então ela falou:

⁹ Grifo meu

¹⁰ Grifo meu

_ Olha, como é que a gente funcionava? Como é que a gente era? Desde lá de trás quando a gente veio para cá... quem veio para cá contava a história uns para os outros para a gente se lembrar o porque é que a gente veio para cá, então a gente tinha que saber o jeito de cada um para saber o que era nossa história e a gente ia contando, e contando, e contando. Vocês vieram aqui e ouviram as histórias da gente e aí vocês fizeram um livro. Nossa história ficou lá escrita no papel. Agora não tem mais história diferente da outra, só tem uma história... Esses meninos aprendem isso lá na escola e a gente se esqueceu da história, a gente não fala mais uns com os outros sobre a nossa história, porque agora está no papel. [silêncio] (...)" .

Regina Helena Alves ¹¹

Quando se pretende homogeneizar culturas, identidades, formas de como a humanidade se vê dentro do processo histórico, perde-se a riqueza, a multiplicidade e as várias possibilidades de se construir e constituir o saber de um povo, perde-se o movimento que é essencial para o contínuo fazer do conhecimento. Mesmo porque é a partir das narrativas que a humanidade pôde apropriar-se de infinitas informações que lhe possibilita responder de maneira diversa as suas demandas cotidianas, construir e constituir conhecimento para gerações futuras, fazendo-se presente e útil dentro do mundo.

"É exatamente a compreensão cada vez maior neste mundo de mudanças rápidas de que a oralidade é um meio ao qual se pode recorrer para registrar aquilo que de outra maneira se perderia. Portanto a oralidade confere um estado de perenidade, àquilo que está em plena mutação".

(Lígia Maria Leite Pereira)¹²

Em um mundo que se quer instantâneo no contato global, através da *internet*, com múltiplas possibilidades de contato entre pessoas e instituições pode-se considerar suplantada a força das tradições orais, todavia tal

¹¹ Idem 7

¹² Depoimento cedido à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros – Fafich / UFMG em 19 de janeiro de 2005 – Belo Horizonte.

conclusão mostra-se precipitada e poderá conduzir a um perigoso equívoco: a ausência da identidade, o esquecimento absoluto, a perda definitiva e irremediável dos fatos que transformam vidas e sociedades, que produz na humanidade momentos de reflexão e a busca de superação de impasses que podem comprometer o futuro das novas gerações. A supremacia do dado instantâneo, sem a baliza da experiência retratada e perenizada pela oralidade pode refletir única e exclusivamente uma ideologia prejudicial à sociedade.

Em meio à dinâmica da vida social, as perdas são ameaçadas pelas narrativas que sobrevivem como atividade social, fazendo e dando sentido para o homem, na medida em que toda narrativa depende fundamentalmente de sua finalidade social. Quando se reconhece o papel dos sujeitos no processo cumulativo de transformação, a mensagem socialmente transmitida ganha status de memória.

É no âmbito da oralidade que o homem inicia seu processo de aprendizagem e interação com o mundo que o rodeia, abrangendo aspectos essenciais na existência humana, como trabalho, política, cultura, ética e outros... É a partir da necessidade de perpetuar, de transmitir, de trocar informações que se instala a figura daquele que conta porque existem outros que precisam ouvir. Neste sentido, a responsabilidade para com a memória é primordial no fazer comunitário, pois é um dizer que cria algo novo, mesmo repetindo aquilo que muitas vezes já foi dito.

Estes narradores são indivíduos que contam histórias de grupos ou de sujeitos singulares, mas universais. Eram os Aedos na civilização grega, e em diversas outras sociedades onde a tradição oral se fez presente, a coesão e a longevidade do mundo humano se fixa sobre a responsabilidade dos guardiões

da memória - especialistas da tradição oral e de extremado valor para as comunidades onde a escrita ainda não vigora.

"A memória é um elemento essencial daquilo que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais do ser humano" (Fortuna, 2004).

Ainda que a escrita impere absoluta sobre a oralidade, esta é perene, difusa, de todos e para todos, acima de todos os conceitos e símbolos que restrinjam o universo do registro. A construção dedicada e cuidadosa de um enredo produz limitações intrínsecas ao objeto que se deseja relatar e construir, dificilmente alcançará a plenitude da realidade exposta sem pudor, a partir de toda a expressão do corpo, compreendida entre olhares e silêncios que falam, exprimem, às vezes, aquilo que não se desejaria citar.

"A oralidade é um elemento importante no tipo de ator que eu pesquiso, as elites econômicas. A oralidade transmite e expressa um olhar que os registros escritos, abundantes neste setor social, sempre deformam de algum modo... porque são elaborações cuidadosas, versões, relatos caprichados e oficiais. As memórias escritas são feitas com certo cuidado, a oralidade gera muito mais espontaneidade. Ela permite conhecer melhor o personagem, o modo de falar dele, seu lado social, psico-social que transparece na oralidade".

(Otávio Soares Dulci, 2005)¹³

Eis a grande diferença entre o registro "definitivo" e a oralidade. Esta, ao contrário daquela permite a espontaneidade, a expressão sem rebuscamento ou a simplicidade da palavra dita, que expõe sem rodeios e medos, os limites dos atores sociais e ao mesmo tempo sua força, a exposição dos erros e acertos, sem omissões propositadas e ideológicas, a leitura do

¹³ Depoimento cedido à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros – Fafich / UFMG em 24 de janeiro de 2005 – Belo Horizonte.

silêncio que entre frases e palavras pode enunciar um novo dado, um fato novo, uma nova visão.

Estes relatos possibilitam a inserção da comunidade no âmbito social. É possível encontrar a visão do movimento realizado no universo do passado ali reconstituído, como se fosse um *videotape*, uma retrospectiva, onde a sociedade age e reage. Raça, cor, religião e classe social são dados a mais, logo esse fenômeno é eminentemente democrático, embora o direito da narrativa seja dado a poucos.

Existe um respeito - por parte dos membros da comunidade - pelos anciãos narradores que guardam um passado sacralizado, que pretendem fundar um presente sólido, projetando um futuro melhor. A mensagem transmitida é mágica, é atemporal, subtraída, modificada e acrescentada sempre ao sabor de novas leituras que possam significar contribuições importantes. A constituição dos relatos orais acontece de forma "coletiva e difusa, como se fosse um texto cultural" (Iasbek, 2000, p.11).

“Quem narra, narra com mais liberdade, com mais emoção, portanto a verdade aparece melhor, a personalidade se exprime melhor no oral do que no escrito. O ser humano se comunica melhor e se faz compreender na fala. A escrita é sempre uma elaboração mais rígida. (...) Você me perguntou e eu fui falando livremente. Se você me pedisse para escrever eu ia elaborar mais, daria uma coerência que na realidade não aconteceu”.

(Otávio Soares Dulci, 2005)¹⁴

A coerência se apresenta como antítese da subjetividade, que permeia a leitura dos relatos orais. Mas não podemos desconsiderar a subjetividade como um fato real, que pode ao mesmo tempo revelar novas possibilidades de

¹⁴ Idem 13

percepção ou reforçar o conteúdo já registrado. Todavia, como bem diz Dulci (2005), a coerência nem sempre acontece, é construída.

Essa forma de transmissão do conhecimento embora possa ser acessível a todos é um poder que cabe a poucos indivíduos, que dentre outras funções pretende manter o grupo informado, socializado e coeso. As maneiras como são transmitidas possibilitam a aproximação entre os povos e a diversidade dos saberes.

Outra possibilidade das narrativas orais encontra-se na compreensão, ainda que subjetiva das experiências coletivas, tornando mais próximos os indivíduos, as comunidades e as vivências singulares, adquirindo status e autoridade de legítimas leituras históricas. As elaborações históricas acontecem de forma colaborativa, atribuindo um lugar central ao indivíduo.

Embora seja construída por todos, sua transmissão na maioria das vezes, é delegada aos mais velhos.

"A autoridade pertence aos antigos, aos velhos, nos quais sobrevive o tesouro da experiência ancestral ciosamente guardado, frágil e ameaçado porque se aquele que sabe desaparece, já ninguém saberá (...).

(Fontes, Carlos 2004)

Neste contexto, os anciãos são reconhecidos como os mais sábios, já que a vivência e a experiência trazem consigo o conhecimento acumulado. É o ancião encarnado na figura do mestre que transmite a arte do ofício e da sabedoria. Para Levy (1993) essa era a melhor estratégia de codificação:

"As representações que têm mais chances de sobreviver em um ambiente composto quase que unicamente por memórias humanas, são aquelas que estão codificadas em narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva, acompanhada de músicas e rituais diversos". (Levy , 1993, p.10).

Neste aspecto o contar e ouvir histórias tem uma função que vai além do entretenimento, embora utilize esse recurso. A sua função tem um forte caráter de engendramento social, onde os homens e suas subjetividades são colocados no centro de toda historicidade tornando-o sujeito criador-criatura de suas práticas sociais.

"A oralidade é o principal instrumento de transmissão da memória e da história (...) continua elaborando a preservação histórica do homem (...) é uma fonte de conhecimento muito rica. Não é única, mas é muito privilegiada".

(Lucília de Almeida Neves Delgado)¹⁵

O privilégio da oralidade de que fala Neves (2005), se fundamenta, principalmente, na possibilidade objetiva e real da oralidade estar junto ao fato, de vislumbrá-lo no presente, vivo, sem maquiagens. Sua narrativa pode ser rebuscada, mas perpassa o tempo levando a essência do fato.

Desta forma, todos os sujeitos historicamente constituídos refazem o seu itinerário em algum momento de suas vidas, na tentativa de fixarem-se no tempo e no espaço, através da fala, do relato ou de qualquer vestígio que o leve a perpetuar-se. Grossi (1999) nos relembra um provérbio grego que diz sermos seres de um dia só. Daí a necessidade de nos fixarmos na efemeridade da existência.

"A inscrição do vivido na memória do corpo carece de permanecer no mundo desejando a imortalidade. Leva-nos a continuar construindo histórias com fragmentos e ruínas do passado. A razão narrativa com significações e memórias objetiva apenas expressar vozes que se desejam contadas e que fazem parte de uma história: a história da humanidade". (Grossi, 1999, p.5).

¹⁵ Depoimento cedido à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros – Fafich / UFMG em 20 de janeiro de 2005 – Belo Horizonte

De fato, embora as tradições orais busquem sua narrativa no passado, são elas documentos do presente, são narradas no presente. Todo conhecimento é construído de muitos passados, de multifacetadas histórias familiares, de trabalho, de contatos com o outro, de sonhos, de leituras da vida. A tradição oral procura dar seqüência à vida, transgredindo as possibilidades do silêncio e do esquecimento, como bem nos lembra Le Ven (2004):

"(...) então é uma luta política contra o silenciamento, contra o apagamento da memória, contra a não-história nos sujeitos históricos (...) cada um tem uma história para contar... na sociedade, nas relações sociais, nas relações de poder, eu diria que pouca gente tinha possibilidade de ser e de se fazer contador de história, que é um dos destinos da humanidade, de dizer para si mesmo e para os outros a que veio e o que realizou"

(Michel Marie Le Ven)¹⁶

A oralidade e suas tradições ficam impressas na humanidade como o fazer do homem, seus vestígios em sua trajetória social, fazendo-o dizer a que veio e inserir-se na cena pública como interlocutor da história. Se o homem não precisa das tradições orais como mediadora, na medida em que ela traduz seu saber e o evidencia na cena pública, como irá transmitir às gerações futuras o saber, tudo o que se construiu?

Na contemporaneidade, a sociedade letrada também adota procedimentos que aperfeiçoam, fixam e disseminam informações e as narrativas orais ainda nos possibilita esclarecer as dimensões subjetivas das experiências humanas, porque somos subjetivos, autores de nossa própria trajetória. Falamos do que vivemos e contamos experiências relevantes da nossa memória, então esse universo é subjetivo. Mas não podemos confundir

¹⁶ Depoimento cedido à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros – Fafich / UFMG em 22 de dezembro de 2004 – Belo Horizonte

subjetividade com infidelidade aos fatos, a subjetividade de que se reveste a oralidade não interfere na essência do fato e do ato. A subjetividade convive, é parte do universo oral e da memória. Neste sentido as narrativas orais carregam profundos conhecimentos e de diversos povos. São processos que permitem estabelecer o contato das e com as pessoas, com os pequenos grupos, comunidades, enfim, com pequenas histórias que tecem uma rede de saberes diversificados, matizados, mas acima de tudo permite, torna possível a compreensão.

"A oralidade é uma das coisas mais fundamentais do homem. Ainda é o ponto crucial de comunicação. Não aquela comunicação: eu falo com você e você fala comigo. É comunicação na forma de produção de sentido (...) a oralidade é uma potência, você vê a potência da palavra".

(Regina Helena Alves da Silva)¹⁷

A oralidade vem dar valor a dimensão humana, tanto de quem narra como de quem escuta e do que tudo isso representa no movimento do mundo e dentro de uma comunidade. São histórias de sujeitos que se fazem históricos.

A informação transmitida a partir da narrativa oral influencia a formação moral e intelectual, o conceito de moradia, a escolha profissional, o lazer, os padrões éticos..., sua singularidade leva à construção social, seja ela de dimensões políticas, culturais ou econômicas. Através dela se estabelecem regras que regem o cotidiano - apesar dos contínuos questionamentos - baseados no consenso negociado pela tradição oral, usado para legitimar as instituições e os estatutos legais, sobre os quais se erguem as relações de poder e manutenção de uma estrutura vigente.

¹⁷ Idem 7

A narrativa oral e suas tradições lembradas continuamente acabam por favorecer as práticas das relações de poder dentro de uma comunidade, perpassando pela profunda experiência de meio de controle público vinculando-se a movimentos políticos.

“É interessante você poder observar como as memórias são constituídas. Memórias de diferentes grupos, porque a gente sabe que memória não é só uma, são muitas memórias. Existem disputas entre as memórias nos diferentes grupos ou no mesmo grupo – entre si. Disputam determinadas memórias, coisas que querem esquecer, coisas que querem guardar e isso mostra as disputas políticas dos grupos. Memórias tem tudo a ver com a identidade e luta-se por uma determinada memória porque se quer lutar por uma determinada identidade...O estudo das narrativas tem bastante a nos oferecer neste terreno, do estudo das memórias em disputa”.

(Verena Alberti)¹⁸

É evidente que a oralidade subverte, permitindo a convivência e a permanente interação entre memórias, para além da disputa. Ainda que determinado grupo faça prevalecer a “sua memória”, a outra memória sucumbida subsiste. O desdobramento social deste conhecimento propagado ecoará pelos tempos incólume a qualquer força em sentido contrário.

Alguns estudiosos como Malinowski e Lévi-Strauss (In: Cruikshank, 1998, p.153), compara a forma de organização e funcionamento de uma comunidade a um Estado Moderno. A reificação da tradição oral ilustra dois princípios básicos, onde o exercício do poder comunitário é apropriado e usado como poder de Estado:

- A tradição oral com enfoque nacionalista tendo como mediadora a herança cultural.

¹⁸ Depoimento cedido a Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral em 27 de abril de 2005 – Rio de Janeiro - CPDOC

- Ampliação do controle político e administrativo por uma ideologia que se quer hegemônica.
- Usando as formas de linguagem e expressão no entrelaçamento dos povos.

A narrativa e a tradição oral estão ligadas à criação de nações, vinculando o passado e o presente, validando poder e saber. Por vezes, sua narrativa política tem um forte propósito de apagar questionamentos inviabilizando outras interpretações. Dessa forma, são múltiplas as funções da oralidade perpassando a organização social de um grupo como também o papel por excelência da construção social do saber. Seu significado não é fixo e precisa ser contextualizado, mas o fato é que pode ser visto como um "sistema coerente e aberto para construir e transmitir conhecimento". (Cruikshank, 1998, p.155).

Estes processos têm sido utilizados por antropólogos, cientistas sociais, historiadores, dentre outros para refletir sobre o passado e como esse passado influencia no presente. A falsa oposição entre passado e presente perde o sentido. Neste contexto o que é passado? O que é presente? A palavra é o meio pelo qual o homem se manifesta plenamente, é também pela palavra que os conteúdos informacionais impressos nas narrativas ganham movimento e ao mesmo tempo perenidade.

Seus múltiplos significados emergem pela maneira como são usados no cotidiano, nos momentos de negociação, da busca do consenso, da legitimação de regras que venham a governar a vida diária. No entanto ela só faz sentido no trânsito entre o individual e a história social porque abre a possibilidade de fluir entre o público- privado e vice-versa. Se o dia-a-dia está

permeado de inconsistências, diferenças de sonhos, opiniões e escolhas, cabe à tradição oral o papel de mediador dessas diferenças.

Estas tradições Oraís nos permitem enxergar as diferentes visões de mundo, os valores que informam as ações e tomadas de decisões dos homens, o que está informando àquelas decisões. É ter a possibilidade de analisar a história em movimento.

"As pessoas refletem sobre suas tradições orais para dar sentido à ordem social vigente".(Malinowski, In: Cruikshank, 1998, p.153). São caminhos que se apresentam para o sujeito social, de pensar - mesmo que simbolicamente - seus problemas coletivos que são muito complexos.

"Essa idéia de território de negociação... não acredito em diálogos... continuo sabendo que é o conflito que impera. Então esse território de negociações se constitui muito rapidamente em determinados momentos em que você tem que minimamente que negociar... minimamente você tem que entrar em um acordo, mas ele é mínimo, ele é fluido, ele muda, ele se constitui e desconstitui.... A oralidade é a potência latente para esse lugar, é onde está colocada a possibilidade, existe consenso, existe negociação e aí a oralidade tem papel fundamental".

(Regina Helena Alves da Silva)¹⁹

Se a vida real é marcada por antítese e contrapontos, é na tradição oral que a humanidade encontra referências para seguir em frente. Ao criar e recriar permanentemente o seu sentido, possibilita intervenções externas e ao mesmo tempo funciona como um espelho onde a percepção interna de um grupo - costumes, condutas e idéias - passam a ter sentido na compreensão, na apreensão e na elaboração da realidade, abrem-se assim novos caminhos para possíveis leituras do fazer histórico.

¹⁹ Idem 7

"Em vez de atuarem como reflexos de fato da sociedade, as narrativas orais podem inverter o comportamento social, porque o propósito de tais narrativas é resolver simbolicamente as questões que não serão necessariamente resolvidas nas esferas da atividade humana".

(Cruikshank, 1998, p.153)

Nas trocas estabelecidas entre testemunhos e experiências vê-se que as vivências históricas tendem a confirmar, ampliar ou revitalizar as condutas da humanidade. É, sem dúvida um espaço de referência social que se ajusta ao sabor das contribuições coletivas.

O estudo da origem da oralidade, do tempo e do espaço nas práticas sociais do homem em suas comunidades e seus reflexos na sociedade como um todo, é amplo e complexo e nos possibilita a reflexão sobre a importância da tradição oral na construção da informação e do saber. Esse estudo antropológico e ontológico dos grupos humanos permite visualizar que uma das tarefas da tradição oral é iniciar os novos indivíduos em seus grupos sociais. Essa iniciação acontece a partir da transmissão de informações e conhecimentos básicos essenciais para a sobrevivência individual em um âmbito comunitário, como mostra Le Ven (2004):

“(...) saber-fazer, saber-dizer, saber-sofrer – tudo isso é construído por inúmeras vias. Pela cultura, pela alimentação... Tudo isso é oral e não tem saber? É claro que tem saber. Não só na receita, no gosto, mas na sobrevivência”.

(Michel Marie Le Ven)²⁰

Para Levy (1993, p.10) o saber oral ainda existe e continuará a existir sempre.

²⁰ Idem 16

São os mitos com os seus feitos deificados que constituem as principais representações comunitárias e essas representações são carregadas de significações. É justamente nesse espaço de significações que ocorre a transmissão de informações locais, vitais para assegurar a sobrevivência da cultura local.

Os suportes utilizados para a socialização das informações, no que diz respeito às culturas locais vão desde as lendas, músicas e danças até um determinado ofício. Portanto, é no espaço social comunitário que acontece a produção e o fluxo da informação e do saber, dentro de um processo de comunicação social. Os fazeres históricos preservam ou rompem com o saber coletivo, na medida em que as informações produzidas no cotidiano possuem fluxo contínuo e intenso. São processados nos espaços institucionais ou não - pelos narradores, Aedos, trovadores, contadores de história, anciãos, *rappers* e outros - para serem transmitidas aos "usuários" que por sua vez são também produtores informacionais, respondendo com novas formas de saber, dando continuidade a esse processo de informação e conhecimento.

A tradição oral nunca está intacta, é criativa, geralmente reconstruída, revista, questionada a cada geração, a cada demanda do presente histórico. Seus significados não são superficiais - qualquer análise nesse sentido seria equivocada - a realidade é sempre complexa, subjetiva e seu conhecimento exige um grande aprofundamento analítico.

"A tradição oral não deve ser tratada como evidências (simples) que são vasculhadas para se chegar a fatos, elas são contadas por pessoas cujos pontos de vista diferem inevitavelmente, dependendo do contexto, da posição social e do grau de envolvimento. Não há homogeneidade de opiniões e interesses".

(Cruikshank, 1998, p.162)

A oralidade deve ser vista como algo mutável, que se transforma o tempo todo, que vem carregada de muitas possibilidades de reflexão, de diversidades, de diferenças e historicidades. Só assim podemos atuar na produção social do conhecimento, como bem salienta Alves (2005):

“A oralidade é constitutiva da história, foi assim que tudo começou (...). Acho que o tempo de hoje é absolutamente trabalhado pela oralidade. Para mim a oralidade está no ponto constitutivo da história e é ali aonde quero chegar”.

(Regina Helena Alves da Silva)²¹

Partir do homem e chegar à humanidade, nosso ponto de partida e chegada em todas as áreas do saber. A palavra, a fala, a oralidade são conceitos que ainda vem sendo construídos e que vão enriquecendo. Passado, presente, futuro, assim como o instante, duração, espaço são conceitos ainda em construção e que compõem a base da história e da memória.

Assim, ao longo dos séculos esse movimento da humanidade tende a se efetivar a partir e através da memória que utiliza a tradição oral como um de seus suportes, enfatizando a história de um grupo, de indivíduos e suas relações com os processos históricos da produção de identidade coletiva.

Ao ligar o corpo presente com um passado remoto ou recente, a história-memória tem trabalhado com as identidades individuais e seus reflexos nas memórias coletivas. E ao buscar uma interação contínua e possível entre os indivíduos, sua identidade e coletividade, a história-memória abre também a possibilidade de análise das experiências humanas, suas condutas, praxis e outros... .

²¹ Idem 7

2.2 Memória e História - História e Memória

"O homem é o único ser que planeja. Joga-se para além de si, não aceitando o que a natureza lhe propõe nem o destino (...) o futuro é a dimensão fundamental do homem. Pelo projeto, torna-se senhor do futuro. Analisa o passado, retoma-o na memória, para ir adiante com ele ou apesar dele".

(Almeida, Fernando. *As aparências enganam*.

in: Brasil: Salto para o futuro. MEC, 1998, p.78).

Sempre foi inerente e necessário ao ser humano constituir-se historicamente, principalmente comunicar-se - falar com e para o outro - e perpetuar-se em toda sua historicidade.

O homem é um ser social e como tal está fortemente vinculado a seu grupo, conseqüentemente estabelece relações sociais e culturais. Neste sentido Peter Gay (1990) aponta para as experiências humanas individualizadas que embora ricas e gravadas no espaço de convivências múltiplas, tendem a observar certos padrões temporais de desenvolvimento que por muitas vezes se assemelham com outros padrões sociais. Não obstante, em um círculo contínuo e atemporal, as sociedades não se situam apenas como portadoras de uma história política, econômica ou cultural, muito menos estão presas a elas por laços indelévels. Ao contrário, as sociedades são formadas por homens que se querem fazedores de sua história, que lutam pela preservação de seu patrimônio social: a memória, que está gravada nos homens, tendo a história-memória como sua mediadora no diálogo com a sociedade como ressalta Alves (2005);

"Eu como uma historiadora e uma historiadora que cada vez mais pensa no patrimônio... tenho entendido cada vez mais que o patrimônio é aquilo que está com as pessoas".

(Regina Helena Alves da Silva)²²

Assim quando enfatizamos a história-memória de um sujeito ou de seu grupo - e o uso que se faz dela - estabelecemos possibilidades de análises para os movimentos históricos e suas relações com os processos de produção das identidades coletivas. Nesta mesma linha de análise, que valoriza o sujeito e sua importância nos movimentos históricos e não apenas os fatos, eventos ou instituições é que Le Ven (2004) mostra estes sujeitos e seus fazeres conduzindo a história-memória do homem.

"Sempre achei que sujeitos valiam mais que as instituições (...) são pessoas inteligentes... inteligencie que vem do latim: saber ler a vida. Porque tem pessoas que não sabem ler a vida, lêem livros... apenas (...)".

(Michel Marie Le Ven)²³

É neste contexto que a memória pode exercer sua função de excelência, ou seja, ponte não só entre o passado, presente e futuro, mas elo que favorece e fortalece os laços efetivos e afetivos entre os sujeitos e suas múltiplas coletividades. Múltiplas porque somos compostos de vários matizes, atuando em vários espaços como bem pondera Alves (2005), quando afirma não sermos únicos e nem pertencentes a um só grupo.

"(...) na realidade a gente não pertence a um único grupo. Depois de um determinado tempo pertencemos a vários grupos (...). Durante muito tempo a gente olhou para os grupos assim: grupo social, o grupo econômico, etc..... O grande desafio é que a gente não pertence a um grupo apenas. Sou mulher, sou classe média, que é fruto

²² Idem 7

²³ Idem 16

de dois tipos de classes diferentes (...) eu fui criada em famílias absurdamente diferentes (...) trabalhar com pessoas é complicado por causa disso ".

(Regina Helena Alves da Silva)²⁴

Então, se somos sujeitos construídos e constituídos por "diversas multidões" estamos diante de um grande desafio: nos fazermos singulares e ao mesmo tempo universais em um mundo que se quer globalizado, com a pretensão de homogeneizar as culturas identitárias, onde a comunicação e a troca de saberes com intenso fluxo vem dando novos contornos sociais à humanidade. São desafios para a história-memória: a captura e a estruturação dos conhecimentos existentes nas comunidades, nos pequenos grupamentos sociais, nas cidades, nos meios rurais, dentre outros. Cor, raça, sexo, religião... nos tornam solitários, solidários, autônomos e heterônomos, singulares e universais.

"(...) essa idéia do indivíduo como singular e universal; aquela idéia de Sartre, que o indivíduo, ao mesmo tempo em que é singular, ele expressa o seu grupo, sua classe, sua época, sua geração. Através dele você enxerga toda uma teia de relações sociais, você enxerga o indivíduo enquanto ser social, que fala de si, mas fala também de nós, dos outros, de seu grupo mais próximo, de sua família, de sua geração".

(Lígia Maria Leite Pereira)²⁵

Somos um, somos muitos. Esta riqueza peculiar a cada sujeito historicamente constituído se faz junto a uma coletividade que segundo Halbwachs (1990), firma-se em contato com o outro, mais especificamente em contato com as comunidades de convívio e com suas tradições. Cada um de nós interage com diversas formas de pensamentos sociais e estamos ao

²⁴ Idem 7

²⁵ Idem 12

mesmo tempo em vários grupos coletivos. Assim é a memória, com sua forma simbólica de poder e resistência, marcada por rupturas ou desejos de continuidade, unindo início e fim, protagonizando uma vida ativa e dinâmica, contínua, que forja assim o ciclo vital da humanidade, em meio aos conflitos e contradições. À memória é resguardado o lugar do lembrar, construir, desconstruir e compor. Trabalho de elaboração, reflexão, localização. Lembrar não é reviver, é antes de tudo, refazer caminhos e trajetórias. É organizar e ordenar o tempo, bem como situar o passado em uma cronologia que é única. Desta forma, os impactos da memória individual e coletiva para a historicidade humana devem ser vistos dentro de uma sucessiva interação entre o homem, o tempo, o espaço, cultura e sociedade, com todas as implicações que possibilitem novas escolhas e permitam o repensar e o fazer histórico, tendo em vista o presente e o futuro sem o rompimento com passado. É o reconhecimento absoluto do movimento humano, da construção do pensamento e das ações do homem.

Ao definir a memória Halbwachs (1990, p.58) coloca que:

"(...) lembramos de questões colocadas no presente, a partir deste lembrar restauramos o passado. A memória não é sonho, é trabalho (...) o trabalho da memória apoia-se no testemunho da experiência passada do indivíduo e no de outros internalizados ou presentes fisicamente. O sujeito da memória é coabitado por diferentes pontos de vista. O confronto entre esses pontos de vista constitui a própria matéria da memória".

(Halbwachs, 1990, p.58).

De fato, a sociedade é composta por muitas memórias. O que o indivíduo ou o seu grupo exprime tem na lembrança o seu quadro de referência, recuperando o passado de maneira tal que ele se reconheça como sujeito deste processo.

“As representações que as pessoas fazem do passado são tão importantes como o próprio passado em si. Inclusive as diferenças dessas representações com aquilo que aconteceu são importantes para entender as diferentes significações sobre o passado. São elas que irão incidir sobre o presente. Conforme uma pessoa de um grupo considera um determinado fato, mesmo que este fato seja “distorcido” e a forma como elas vêem a história, vai incidir e influenciar nas decisões que vão tomar no presente. O que um grupo social acha que aconteceu pode influenciar na forma de como eles vão votar por exemplo. Então esse é um fato a ser estudado porque vai explicar muitas das posturas, posições e ações desse grupo”.

(Verena Alberti)²⁶

A história da memória de um grupo e suas relações com os processos históricos de produção estão intimamente vinculadas à construção de uma identidade coletiva, afinal a memória se constitui também de marcas, de valores e costumes específicos fazendo frente às contínuas mudanças políticas, econômicas e sociais.

"O passado deixou traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares (...) os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar".

(Halbwachs, 1990, p.68).

Assim, a memória se refaz, manifestando-se em diferentes espaços, diante dos conflitos a nós impostos pelo presente. Memória que "conserva e reproduz símbolos, signos de geração a geração: depositários da informação social"²⁷. Memória que carrega códigos sociais, orientação da conduta formal, conservando rituais eruditos e populares, formas de trabalho.

Memória que se manifesta na festa, na magia, na medicina popular, na culinária, dentre outros. Memória que se faz presente nas inconsistências do cotidiano, nas diferenças de opiniões, nas diferentes reivindicações. Memória

²⁶ Idem 18

que permite um olhar comum para a história-memória e este olhar "ajuda o indivíduo não só a lembrar e localizar suas recordações, mas também a ver e observar a realidade presente" (Halbwachs, 1990, p.60)

Toda sociedade tem o seu saber sedimentado na memória. A comunidade seleciona o que lembrar, para que lembrar e para quem lembrar. A memória coletiva conserva o que é útil, capturando "fragmentos significativos e transformando-os em elementos de tradição"²⁸. Neste contexto insere-se a história, ciência que se dedica à prática social do homem, que contribui para a compreensão da sociedade contemporânea ao mesmo tempo em que possibilita o planejar do futuro, como lembra Facillon (1984):

"A história não é unilinear ou puramente sucessiva. Pode-se antes considerá-la como uma superposição de presentes. Há sim, passados que estão no presente, e já tem elementos do presente que, por mais que continuem existindo, já pertencem logicamente o passado."

(Henri Facillon in: Flamarion, 1984,p.87)

A história-memória vem preencher lacunas deixadas pela história dos eventos, celebrativa, enaltecadora de heróis. A história-memória tem um caráter de história-problema, mudando o enfoque para o cotidiano, para o coletivo, para o homem e não para os fatos. A história-memória pretende-se mediadora da memória social, enriquecendo suas possíveis representações, "favorecendo símbolos, conceitos, instrumentos (...) para que a sociedade pense em si mesma em relação ao seu passado"²⁹.

²⁷ Santos, Carmelita & Freire, Isa M. Relatos de Experiências: Quissamã somos nós!
"Construção participativa de hipertexto". C.Inf. Brasília, V33 m, p155-168, Janeiro/ Abril 2004.

²⁸ Idem 27

²⁹ Idem 27

Thompson (1998) afirma ser a história-memória uma atividade social com pleno sentido comunitário e democrático. É por meio da história-memória que o indivíduo se enxerga inserido nos contextos sociais e se compreende nos processos de mudanças, cortes e seqüências de sua própria vida, onde toda a conduta está inserida em um mundo de significações e sentido. As marcas de rupturas e continuidade estão gravadas neste indivíduo que exprime de diversas maneiras o mundo ao qual pertence. É Le Ven (2004) que nos chama a atenção para as múltiplas formas de expressão humana:

"Você pode falar por gestos, por dança, por canto, por rádio, (...) o médico usa a anamnese, para ouvir a fala do doente. Não é só para um falar e outro escutar e ficar olhando um para o outro. É para criar um fato novo, é para criar o acontecimento. É o fato de conseguir se expressar e que essa expressão tenha sentido em relação ao outro e a partir daí se crie alguma coisa".

(Michel Marie Le Ven)³⁰

São através dessas formas de expressão que todo sujeito sente-se capacitado - voluntariamente ou não - a conduzir mudanças que por vezes são essenciais na estruturação social, e nesse sentido a perda da memória encarcera e escraviza. Esquecer é perder o contato com marcas e valores de um povo, tornando a sociedade órfã da referência necessária para que o passado se conserve, o presente se expresse, e o futuro se projete no que há de mais vivo na história-memória: a vida imperecível do homem nos espaços que ocupa e nos quais atua.

³⁰ Idem 16

A memória de um pode ser a memória de muitos, o que possibilita a compreensão do movimento social na construção da historicidade de um povo a partir das singularidades individuais, subjetivas e coletivas. Para Nora (1993, p.7), aí reside o maior desafio para a história: a preservação da memória em comunidades diversas, se faz fundamental frente ao dinamismo social que está sempre revelando novas políticas econômicas e culturais. Se os indivíduos são diferentes, podemos afirmar que em espaços amplos, essas diferenças tornam-se mais tênues, pois são influenciadas por diversas formas de saber. Para Halbwachs (1990) o trabalho da memória apoia-se no testemunho da experiência passada do indivíduo e no de outros, internalizados ou presentes fisicamente. Deste ponto de vista, são as contradições e diferenças que compõem a própria matéria da memória. O diálogo destes diferentes pontos de vista é material fértil na construção do saber. É a diferença que impede a inércia, a totalidade inteiramente saturada, que proporciona a inserção individual dentro do coletivo, na medida em que esse coletivo tem possibilidades para os iguais e para os que não são tão iguais.

Todos nos originamos e falamos de algum lugar, somos localizados e neste sentido até os mais modernos carregam traços de uma etnia, de uma cultura, de um espaço socialmente dividido. Le Ven (2004) e Alberti (2005) pontuam que os nossos lugares sociais se entrelaçam com o mundo que nos rodeia e como espelhos refletimos o outro e construímos saberes.

"É evidente que o saber nasce do encontro com o outro, essa é a mais pura filosofia do indivíduo. (...) todos falam do discurso do outro, eu sou feito pelo discurso do outro e mesmo sendo um, já é social...até o nome que ele tem alguém deu a ele, a cor que ele tem alguém deu a ele, ele se insere em um momento histórico que ele não inventou... já é social".

(Michel Marie Le Ven)³¹

“Não tem jeito de você pensar o indivíduo sem suas interlocuções sociais. Tem um jurista que diz assim: Quando você nasce, logo é mergulhado em um caldo cultural. Então, é impossível você pensar em indivíduo sem cultura, sem sociedade”.

(Verena Alberti)³²

Todo grupo e todo o sujeito da memória têm seus saberes cumulativos, organizados em um espaço histórico como argumenta Le Ven (2004) e Alberti (2005). A vida individual está impregnada de contextos culturais múltiplos. Em toda sociedade coexistem gostos, querereres, desejos e sonhos em camadas sociais diversas. É na memória que se encontram espaços para construir discursos, entretecer lugares, construir saberes e constituir histórias, o que Jung chama de inconsciente coletivo, ou seja, arquétipos construídos coletivamente a partir de representações simbólicas comuns aos indivíduos através do tempo. Existe então uma certa coerência que se manifesta nas condutas individuais com relação a seu grupo. É o espaço histórico, de trocas coletivas propícias para a construção social do saber.

A memória interliga os homens, pois orienta um conjunto de condutas e permite a associação e a convivência entre eles, aglutina e constrói os seres sociais, interativos.

³¹ Idem 16

³² Idem 18

A história-memória faz do cotidiano um fato significativo onde um narrador - ou diversos - detém a memória a partir do contar e no seu contar registram para os outros a sua forma de freqüentar o mundo. "Assim, a construção da identidade do narrador se embriaga com a memória em direção ao território da diferença, em jogos de poder que enlaçam grupos sociais estruturados" (Grossi, 1998, p. 8). Grupos estes, que lutam para fazer prevalecer sua história-memória.

2.3 Formas de organização social: comunidade

“Acontece com muita freqüência que nós atribuímos a nós mesmos, lembranças, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma se não em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então, tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssonos, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros”.

(Halbwachs, 1990,p.45)

O homem, no decorrer de sua história, sempre buscou manter laços de sobrevivência com o outro, vinculando expectativas de desvelar novos horizontes, explorando todas as possibilidades para garantir essa sobrevivência. Além da sobrevivência, o homem impulsiona-se pelo desejo da descoberta, de domínio, de interação. E é neste desejo de interação que o homem procura a experimentação do viver comunitário.

Bauman (2003) em sua obra "*comunidade: a busca por segurança no mundo atual*" tece diversas considerações a respeito dessa procura humana, por uma forma de organização social que atenda aos desejos de conhecer e dominar o mundo que o rodeia.

"Comunidade é: círculo aconchegante para captar o mesmo tipo de imersão ingênua na união humana (...) não deriva de uma lógica social externa ou de qualquer análise econômica de custo-benefício".

(Göran, Rosemberg, in: Bauman, 2003, p13).

Não é simples definir comunidade, muito menos porque os homens vêm se dedicando ao longo dos séculos ao aperfeiçoamento dessa forma de organização social. Talvez pelo fato de permanecer no campo do ideal e ainda não se fazer perfeito ou real no cotidiano. Talvez porque a palavra comunidade

traz consigo sensações e sentidos variados, mas todos com uma conotação positiva. Traz o sentido de aconchego, de segurança, de domínio, de conforto, abrigo e liberdade. É um mundo que tem sentido na palavra, mas permanece no campo das idéias (Bauman,2003, p13). Na verdade, o que aproxima os homens é a necessidade da construção de um saber comum e as lembranças fazem parte dessa atividade. Na medida em que se busca no passado quadros onde a história e a memória encontram, fazendo superar as barreiras que as separam no presente. Além disso, é no intenso fluxo informacional, que normalmente ocorre a partir das tradições orais, que se abrem espaços para as identificações, confundindo a memória e levando lembranças a permanecerem coletivas.

Pretende-se uma coletividade que é alcançada a partir do consenso, de constantes e contínuas negociações. Mesmo com opiniões e reivindicações opostas, o alcance de um "denominador comum" é a garantia de que todos os indivíduos permaneçam juntos - mesmo que isoladamente - pois as diferenças podem separá-los mas a necessidade de permanecer e ser identificado com um determinado grupo ou um lugar, produz a superação dos pontos divergentes levando ao consenso comunitário.

O consenso pode ser encontrado na história local, no sentido próprio de sua natureza, na mudança, na história social, cultural e política que é essencialmente "ensinada, transmitida" - refeita, revitalizada, recomposta e reconstituída - levando seus membros a compreender, aceitar ou modificar o mundo comunitário ao qual pertence e apreender o modo com que a força do conflito tem operado e continua operando na evolução do homem.

É importante ressaltar que o consenso - unidade - é essencialmente artificial, é negociado, é mediado, é o resultado de concessões. Bauman (2003)

argumenta que esses acordos estão sob constante ameaça, seja pela memória, seja pela reflexão ou quando um ou mais membros dessa comunidade se tornam autoconscientes.

É interessante lembrar que a memória, no âmbito comunitário, exerce o papel tanto de continuidade como de ruptura. Esta - memória - depende fundamentalmente das questões que são colocadas pelo presente. "*O balanço do passado, a avaliação do presente e a previsão do futuro*" (Bauman, 2003, p.27), são postos em xeque por diferentes olhares e conflitos. A cada questionamento, a cada demanda, o conceito de comunidade e seu funcionamento efetivo são colocados à prova por novas negociações, novos confrontos que estão sempre sujeitos a renovação. As decisões de uma comunidade identitária têm que ser repetidas diariamente, e manifestadas "*com tal zelo e dedicação que se faz valer de verdade*" (Bauman, 2003, p.67).

Neste sentido o papel das tradições orais é fundamental, com a função de criar identidade entre os diferentes e seus contraditórios desejos, jogos de poder, resistência, passividade e negociações. É na história-memória das comunidades que cada indivíduo se vê em relação aos processos históricos, a produção de conhecimento e a formação das identidades sociais. No cerne das comunidades coexistem várias formas de um intenso fluxo informacional, que alimenta toda essa estrutura social. Até os dias de hoje essas informações são basicamente transmitidas pela e através da oralidade.

“Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados, de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras (...) certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias”.

(Halbwachs, 1990,p.25)

Então quanto mais pessoas tiverem suas experiências contadas e preservadas, mais se garante à história-memória dos pequenos grupos sociais das comunidades. Conseqüentemente mais se preserva a historicidade da humanidade.

As construções de obras em comum garantem a “unicidade” de uma comunidade. Levando em consideração que o sentimento de pertencimento é importante no diálogo entre o homem e a sociedade.

CAPÍTULO 3

História Oral: a metodologia.

"... como tudo o que pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra sua presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem... ali está o fazer histórico".

(Febvre. In: Le Goff, 1996, p.98)

A humanidade sempre procedeu de forma a fixar e socializar as informações por ela constituída a fim de promover um conhecimento que pudesse favorecer uma forma melhor de vida entre os seus. Os movimentos comunicacionais garantem não apenas a permanência do saber como também abre espaços para múltiplas interações entre os povos. Assim o processo de transmissão de informação e conhecimento dentro do universo social teve - e ainda tem - como um dos seus principais suportes a oralidade.³³

São experiências e habilidades que garantem a perpetuação de importantes tradições, como também a sobrevivência de várias gerações e grupos sociais, como nos lembra Le Ven (2004) em relação às comunidades contemporâneas:

"Com relação à sobrevivência, por exemplo... o discurso sobre as favelas... ora as pessoas não nasceram faveladas, elas se fizeram, foram feitas faveladas... . Só que conseguiram criar uma civilização a partir disso. Onde nasce a música? Onde nascem às formas de sobrevivência dentro de uma situação de escassez ? O desejo de alguma coisa que faz a produção do saber?

(Michel Marie Le Ven)³⁴

Nascem da necessidade de sobrevivência como sujeitos socialmente constituídos no universo da historicidade humana, de apreenderem e repassarem suas práticas sociais que garantem a inserção e perpetuação das gerações futuras. É neste contexto de valorização da experiência humana na construção e nas transformações sociais que a história – ciência que se dedica a estudar as atividades sociais - procura dar sentido aos fazeres e às formas de comunicação do homem e sua importância na estruturação social.

³³ É importante salientar que vários povos nos deixaram informações em outros suportes como artesanato, pinturas, ritos religiosos, e etc.... . Através desses signos que solidificam um saber constituído é que a história social da humanidade atravessou gerações até chegar a nós.

³⁴ Idem 16

A história deve ser comprometida com o homem e para o homem, se este campo da ciência tem elementos importantes para contribuir na compreensão da sociedade atual, se o seu papel está nos processos de busca da identidade dos indivíduos nas esferas sociais, não podemos então, deixar de reconhecer que a "historiografia tradicional" tendeu - pelo menos por um bom número de séculos - a comprometer-se com o individualismo, com os feitos de "grandes homens", deixando de lado as vivências e o fazer histórico de todos aqueles que constroem a história de seu tempo. Ao contrário do sujeito socialmente inserido, surgem personagens deificados, solitários em suas lutas, que promovem verdadeiras odisséias sociais.

O registro dessa memória esteve a serviço de uma história patriótica e de grandes eventos. Quem sempre esteve no poder, utilizou o passado como fonte de reificação, onde símbolos e pessoas reproduzem e apoiam mártires, vitórias imperiais e valores que refletem o ponto de vista de uma camada social de governantes.

Paul Thompson (1998) chega a afirmar ser essa historiografia comprometida com o minimizar do papel de todas as camadas sociais, enquanto agentes transformadores e históricos. História escrita por quem? Para quem? Somente podemos supor que o objetivo seria o de apagar a memória, sufocar lembranças, substituindo-as por uma "história celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos. As lembranças pessoais ou grupais vão sendo envolvidas por uma outra história, por uma outra memória, sem sentido, transparência ou verdade" (Bosi, 1979, p.17).

Todavia, a história deve ser a ciência que dá sentido à nossa própria natureza, onde o sujeitos compreendem o sentimento de duração de sua vida e

por onde passam as revoluções e mudanças, com a possibilidade de gravarem suas ações além da própria morte. Para Halbwachs (1990, p.81-82) a história que quiser tratar dos detalhes, dos fatos, torna-se erudita e a erudição é condição de apenas uma minoria. Quando a ciência se coloca fora ou acima dos grupos sociais, apenas introduz os fatos de forma simples, obedecendo a uma necessidade didática de sistematização. Quer-se mais nessa área de conhecimento, que deve reconhecer os grupos sociais, os processos cumulativos de transformações, ampliando e enriquecendo seu próprio campo de ação e modificando a mensagem social da produção histórica.

É nessa lacuna deixada pela "historiografia celebrativa" que observamos um crescimento mundial de pesquisadores e cientistas sociais que propõem resgatar a história e a memória sob diversos ângulos e novos olhares, a partir das fontes orais. É neste espaço de trocas sociais - de um lado o pesquisador e de outro lado o narrador e suas infinitas possibilidades de interação - que se constroem os discursos e os argumentos que potencializam a informação.

O recurso da Metodologia de História Oral vem sendo fortemente utilizado desde a década de 60, procurando repensar a história da humanidade a partir das narrativas dos sujeitos sócios-políticos e economicamente envolvidos nas trajetórias das construções sociais, lançando assim, um novo olhar para os processos e para as práticas humanas. São possibilidades de releituras e traduções do passado, ampliando conhecimento das estruturas, organizações de conjunturas sociais a partir de análises e elaborações das diversas experiências humanas. Estabelecendo fértil diálogo entre o singular e o plural, tornando a atividade da história um fazer democrático e coletivo.

O uso da evidência oral na construção do conhecimento remonta à própria história da humanidade uma vez que toda a história um dia foi uma

narrativa, um relato oral. Com o advento da escrita e dos documentos cuidadosamente deixados à posteridade, as evidências orais perderam sua credibilidade, ganhando status de subjetividade. Provavelmente, aqueles que só vêem verdades nas fontes escritas, desconsideram o fato de que todo documento é concebido para justificar e defender uma causa ou um ponto de vista. Ingenuidade acreditar que a evidência histórica não está impregnada de intencionalidades. No dizer de Paul Thompson (1998, p.97) seria uma espécie de: "Marketing para o futuro". Não obstante em pleno século XIX, a transmissão do conhecimento a partir das narrativas orais ainda eram comumente usadas na França sob a orientação dos mais velhos que traziam em suas vivências o saber prático.

Um dos primeiros historiadores a usar sistematicamente os relatos orais em suas pesquisas foi o francês Jules Michelet ³⁵ quando escreve sobre a revolução francesa. No prefácio de sua obra "O Povo", Michelet nos diz que "os documentos não são apenas papéis, mais sim vidas de homens, de províncias e de nação (...) o documento não é o conhecido, mas o conhecível (...) minha investigação entre documentos vivos ensinou-me muitas coisas que não se encontram em nossas estatísticas".

Contudo, é apenas na década de 70 - século XX - que a historiografia americana presencia um crescimento significativo do uso de relatos orais nas análises e elaborações teóricas das ciências sociais. Em 1967 é criada a OHR (Oral History Review) nos Estados Unidos e em 1973 na Grã-Bretanha. Desde 1998 a Metodologia de História Oral faz parte do currículo escolar em países como Canadá, França, Itália e Alemanha, abrindo possibilidades para a valorização das experiências humanas e para a construção coletiva de fontes

³⁵ In: Thompson (1998,p.72).

documentais, onde o homem torna-se centro dos estudos históricos e patrimônios sociais.

A Metodologia de História Oral propõe captar, a partir das narrativas de história de vida, o momento em que sujeitos tornam-se "criador-criatura", fazendo-se presentes na construção de sua história e da memória coletiva. Como nos mostra Le Ven (2004) ao falar de suas experiências com os relatos orais:

"A história oral para mim, hoje, é uma arte, é um ofício. Não é uma disciplina, uma metodologia só, uma teoria. É uma postura, é muito mais que uma postura. E exige tato, cuidado. Não pode ser feita de qualquer maneira... é uma arte. É uma coisa de falar e de ouvir, dar seqüência, criar uma relação com outro, interagir, compreender. Portanto, de fazer história e contar a história. Acredito que no século XXI, temos que falar mais da nossa história, de nossos feitos e realizações, de nossos pensamentos e não esperar um século para ter um livro falando sobre nós (...) o contar a história é muito mais do que gravar, transcrever. É dar valor a dimensão humana, tanto de quem fala, como de quem escuta ou como de quem vai interagir e do que isso representa afinal... é uma história de sujeitos que se fazem fazendo a história e isso é uma marca".

(Michel Marie Le Ven)³⁶

A história oral é uma reflexão construída em torno dos sujeitos, imprimindo vida dentro das teorias sociais, ampliando o campo de ação, favorecendo a compreensão e a identidade entre classes sociais, grupos diferentes, raças, religiões e entre gerações. Na ótica de Alves (2005) é uma metodologia que reconhece o lugar social de todos os sujeitos.

"(...) é constituir o outro enquanto interlocutor e emissor autorizado, alguém que diz algo. Não é a visão simplista de dar voz a quem nunca teve voz. Na realidade é um reconhecimento de estabelecimento... . Para todas as pessoas entenderem que todos... jovens, velhos..., têm direito à voz, tem direito de se constituir enquanto interlocutores (...). Para olhar a sociedade você tem que pensar em "nós". Gosto de

³⁶ Idem 16

pensar em “nós”, porque o “nós” faz a gente olhar para o outro de maneira diferente. Como você institui esse nós? Essa cena pública? Esse espaço de conflito? Que não é um espaço argumentativo, de conciliações? Então é reconhecer o lugar da fala do outro, e reconhecer a forma de fala do outro, reconhecer e respeitar o jeito como os outros se colocam na cena pública”.

(Regina Helena Alves)³⁷

Busca-se então reconhecer que as narrativas transmitem significados e elementos fundamentais das experiências sociais. Cultura, trabalho, família, política, divisões de classe, relações de poder são temas que ganham novos contornos quando argumentamos e dialogamos a partir de contextos sociais e vidas vividas.

"A metodologia de história oral permite conhecer o movimento das sociedades, ela permite conhecer e apresentar a idéia de processos que é uma coisa importante para a ciência social. Os processos de mobilidade, de imigração, migração. Temas caros para a humanidade. Através da relação de entrevistas você poderá ir perscrutando as mentes e o subjetivo das pessoas, ir fundo nas razões, nas indagações, nas motivações que as pessoas têm, porque mudaram suas vidas, de um lugar para outro. O que fez com que elas tivessem uma determinada trajetória e não outra (...).As visões de mundo, os valores que informaram as ações, as tomadas de decisões”.

Lígia Maria Leite Pereira³⁸

Ainda Leite (2005) nos narra as experiências que teve ao trabalhar com a metodologia de história oral e a riqueza que os relatos orais podem acrescentar nas análises sociológicas³⁹:

"Eu posso dar alguns exemplos de trabalhos que eu fiz sobre a elite mineira. Eu percebi nos discursos de uma elite já mais velha, homens de uma elite que hoje teriam 90,100 anos e que foi atuante nos anos 50 e 60. Foram pessoas formadas dentro de um espírito muito humanista, no Colégio do Caraça em Minas Gerais.

³⁷ Idem 7

³⁸ Idem 12

³⁹ A relevância do depoimento nos permite e compensa a transcrição integral.

Por outro lado foi também uma formação tecnocrática influenciada pela Escola de Minas. Mas dentro do Colégio do Caraça a formação era muito voltada para o coletivo. É muito comum ouvir o seguinte discurso dessa geração: a coisa mais importante que aconteceu na minha vida foi o momento em que fui Secretário de Planejamento de Estado. Por quê? Porque o público é mais importante que o privado. Quando eu vou buscar o porquê, pois não basta apenas saber, vou lá atrás e descubro todo o caráter, como foi formado o pai, o avô, todos tiveram uma formação humanista. Um deles me disse o seguinte: _ O meu avô foi um humanista e ele teve grande influência na minha vida. Ele e meu pai eram médicos, serviram a comunidade e a taxa de seus serviços não era cobrada para a comunidade carente. Me davam livros, leituras. Então eles aprenderam que o serviço público era mais importante. Muitos deles tinham vergonha de falar de suas outras atividades, a maioria era empresário, porque falar de suas atividades públicas era mais nobre. A geração de 70 - do milagre - já tem outra visão, já é outro empresariado. Como eu pude saber de tudo isso? Através da história de vida deles, eu tive acesso ao processo de formação de valores que eles tiveram, que tipo de... aquilo que Bordieu chama de capital cultural e social que eles receberam. Tudo isso foi formado dentro desse espírito, e desses valores, dessa mentalidade. Então a contribuição da metodologia de história oral para o conhecimento da realidade vem do fato de me permitir o acesso a essa idéia de processo, de trajetória, a história em movimento e em construção".

Lígia Maria Leite Pereira⁴⁰

Vivemos um tempo privilegiado para captar os fluxos informacionais que perpassam os relatos orais. As idéias, as mudanças experimentadas, para Queirós (1988, p.30) "não é apenas uma tentativa de recuperar o passado, mas uma apreensão das mudanças e das realidades que nesse aspecto, jovens, adultos, velhos são igualmente importantes".

Embora a denominação de metodologia qualitativa de história oral nos remeta ao campo da história, sua inserção acaba por extrapolar as linhas tênues das ciências humanas e sociais.

⁴⁰ Idem 12

“É uma metodologia de pesquisa que não tem dono. Não é da história, não é da antropologia, ela pode ser adotada e empregada nas mais diferentes disciplinas do conhecimento humano (...). é interdisciplinar por excelência porque se aplica a diferentes campos do conhecimento”.

(Verena Alberti)⁴¹

O uso dessa metodologia dentro das ciências biológicas é um exemplo tangível da sua demanda em diversas pesquisas, pois sua utilização vem se constituindo como importante ferramenta na busca do conhecimento em estudos mais recentes que não são possíveis de serem analisados de forma satisfatória por meio de registros escritos. A proposta é de captar aquilo que não está explícito, que ainda não foi notado. De valorizar o cotidiano, aproximar diferentes vivências humanas partindo do pressuposto de que a linguagem é um meio de interação entre o sujeitos e de vários campos de saberes. A proposta é de reescrever a história a partir dos relatos vindos de "indivíduos comuns" acerca de um mesmo momento, contudo falando de lugares diferentes, levantando questões que abrangem a coletividade. Le Ven (2004) argumenta para essas diferentes leituras e possibilidades, como por exemplo, o golpe militar de 1964:

"(...) a história do golpe de 1964... quem quer ouvir a história do golpe contada por Magalhães Pinto vai ter uma visão, contada por Dazinho, que são os mesmos dias, os mesmos momentos, vai ter uma outra história. Agora você escolhe qual quer ouvir".

(Michel Marie Le Ven)⁴²

São pessoas diferentes, falando de lugares diferentes, mas sobre um mesmo momento. Talvez não se trate de escolher uma versão, mas de

⁴¹ Idem 18

⁴² Idem 16

considerar o fato de que elas existem e que são possíveis nos contextos sociais. O indivíduo mesmo em sua singularidade é excedido por infinitas influências que se cruzam, sua presença no mundo se justifica em suas ações e discursos que são reconhecidos a partir do lugar social de onde se fala. Compreender a diversidade, a subjetividade e as diferenças entre os homens é reconhecer sua legitimidade na historicidade humana, é o grande desafio dos pesquisadores orais como questiona Alves (2005):

“O difícil de trabalhar com oralidade é estabelecer um diálogo com outra pessoa, em que você vai guardar aquilo que ela vai dizer e o que você diz... é compreender que essa outra pessoa é muita coisa, que ela não é participante de uma só coisa. Você está conversando comigo, me perguntando sobre determinadas coisas. É óbvio que a minha forma de olhar e compreender as diversas possibilidades de entrada dessa conversa é diferente da Lucília ou da Lígia, por exemplo. Isso é um grande desafio”.

(Regina Helena Alves)⁴³

Este não é apenas o desafio, mas também a riqueza que a própria metodologia traz, ou seja, favorece a participação de múltiplos sujeitos sem impelir coações de qualquer natureza na narrativa de seu cotidiano. É a partir dessas narrativas que os oralistas propõem traçar uma nova composição histórica, não desconsiderando os processos comunicacionais impregnados de informações que possibilitam efetivamente a construção coletiva do conhecimento.

“Eu acho que aí está a riqueza que a metodologia traz. Você pode transformar a visão que o narrador tem sobre a história, que é uma visão subjetiva mas que também é determinada por contextos sociais, políticos, econômicos, mas você toma essa visão sobre o passado como um dado objetivo (...) é tomar a

⁴³ Idem 7

subjetividade como um dado objetivo, para você poder entender aquela sociedade”.

(Verena Alberti)⁴⁴

É neste processo da narrativa que o pesquisador oral consegue vislumbrar o movimento da sociedade e como se constrói e se constitui a memória favorecendo a dinâmica do saber.

É importante salientar que não há novidade absoluta no uso dos relatos orais quando analisamos os processos de construção e constituição dos saberes.

Contudo, percebemos, hoje, uma validação da oralidade como método que abre espaço para tratarmos de temas como racismo, discriminações, divisões e desigualdades sociais, guerras, fome, coações políticas, torturas e tantos outros fenômenos que fazem parte da história do homem e que são caros ao cenário sociológico. Mesmo porque “(...) qualquer tema pode ser tratado em perspectiva histórica” (Falcon, 1999) e as narrativas transmitem informações de cunho social, o que permite corroborar teorias ou elaborá-las novamente com uma outra perspectiva.

"Uma outra contribuição importantíssima da metodologia da história oral é a revisão ou reformulação de teorias. Por exemplo: eu tenho uma teoria sobre a questão da mineiridade, de que ela está presente em todas as camadas, uma coisa de domínio coletivo. A consciência coletiva mineira que é toda imbuída do espírito de mineiridade. Em cada relato oral eu vou testando, não só como método hipotético dedutivo. Mas eu estou gerando um conhecimento novo. Se eu não confirmar essa teoria, vou ter o conhecimento de uma outra coisa. Vou estar ao mesmo tempo não só confirmando, ou não, como também gerando um conhecimento".

(Lígia Maria Leite Pereira)⁴⁵

⁴⁴ Idem 18

⁴⁵ Idem 12

Não obstante, uma das maiores resistências ao uso de relatos orais na constituição de informações sociais e a construção coletiva do conhecimento está na subjetividade dos depoentes. Os obstáculos se colocam de forma tal que os relatos orais não podem ser considerados científicos, pois são vistos como dimensões subjetivas da história e, portanto, não são fontes neutras.

Na verdade, é justamente esse aspecto que torna a metodologia de história oral absolutamente original, por levar em conta a história social e o seu movimento traduzido pelas narrativas orais, evidenciando não apenas a fala de alguém, mas o lugar do discurso e o momento. É um trabalho de pesquisa que envolve todos os critérios científicos simultaneamente, ou seja, coleta, análise, reflexão e elaboração das informações sociais contidas em cada depoimento, envolvendo a subjetividade do depoente como também do pesquisador e da coletividade. Os processos de elaboração das análises e os procedimentos na constituição de fontes documentais, perseguem não só a busca de resultados, mas também o aperfeiçoamento do próprio pesquisador.

Leite (2005) em seu depoimento nos revela a experiência que teve com os espaços subjetivos da narrativa e de como estes espaços são imprescindíveis na construção do saber:

“Eu não estou vendo o subjetivismo, eu estou falando em subjetivismo que muitas vezes é coletivo. Porque esse subjetivo é formado socialmente, culturalmente e a metodologia de história oral dá acesso a essas relações, à idéia de processo e tempo, a idéia de acesso ao subjetivo que do ponto de vista da sociologia é fundamental no entendimento do coletivo (...). São reflexões necessárias. Até que ponto você está conseguindo lidar com a sua subjetividade? Com suas próprias emoções, seus próprios preconceitos, seus próprios conceitos e com a subjetividade do outro? Que tipo de informação, que tipo de material, que tipo de idéia nova ou informação você apreendeu e não tinha pensado antes? *Insights* que você teve ali e que podem levar a outras questões, outras entrevistas? Minha primeira grande experiência com entrevistas foi com o empresariado mineiro e lá pela segunda ou terceira entrevista, eu percebi o discurso do empresariado mineiro

fazendo um contraponto com o empresariado paulista de outros estados. Eles se auto definiam em relação aos outros. Eles se identificavam como sendo diferente dos outros. Isso veio à tona, o que explicita o grande potencial da metodologia: ter hipóteses ir verificando e depois transformar em teoria. Os empresários mineiros se auto definiam dentro daquele escopo de mineiridade como prudentes, cautelosos, trabalhadores silenciosos. Eles falavam assim: você nota que em Minas quase não há concordatas ao passo que em São Paulo existem mais aventureiros. Aquela idéia de Bandeirante que está conquistando tudo e o mineiro não. Esse é um exemplo desse potencial (...) onde se tem a preocupação de transformar a fala individual para um estudo sociológico, com novas hipóteses, novos caminhos de investigações, baseado em questões teóricas postas anteriormente.

(Lígia Maria Leite Pereira)⁴⁶

Essa é outra possibilidade da metodologia, evidenciar discursos de um momento a partir de uma "grande colagem" de falas que ao mesmo tempo se mostram como um único discurso. As histórias de vida trazem à tona essa potencialidade como afirma Camargo (1999, p.173): "(...) a chave de tudo foi combinar a história de vida com a história oral. Procurar mostrar como a história de vida é que dá matriz e referência fundamental a narrativa, porque todo ser humano tem referências de tempo na sua história e na sua percepção. A história de vida nos permite capturar esses referenciais".

É inevitável reconhecer que por mais teorias e hipóteses que se tenha a priori de qualquer pesquisa utilizando-se a metodologia de história oral, o encontro, a liberdade de fala e expressão e a ilimitada possibilidade que o encontro entre o depoente e o pesquisador propicia, poderão inserir nesta pesquisa novos contornos, novas possibilidades, caminhos antes não sonhados ou hipoteticamente desenhados. Considerar subjetivo tudo o que advém desta possibilidade, significa limitar o universo de pesquisa e seus resultados. Isto sim, não é científico.

⁴⁶ Idem 12

A metodologia de história oral também é conhecida como o método dos relatos orais, métodos biográficos, metodologia dos relatos orais, dentre outros. Contudo, o importante a ser assinalado é que o oral não é história e sim o documento, a fonte que se obtêm.

Dentro dessa perspectiva esse recurso pode ser utilizado como método, técnica ou fonte, não se furtando dos processos analíticos primordiais no processo de construção do conhecimento: Gravador e fita são simples instrumentos, o seu uso por si só como fim é meramente técnica e não uma metodologia sólida, partindo do pressuposto de que podemos recuperar, resgatar processos, eventos, o movimento das sociedades sob o olhar de quem viveu e presenciou esses momentos. A metodologia favorece por si só a interdisciplinariedade na medida em que está na fronteira da Sociologia, Antropologia e História. Áreas de saberes que hoje se voltam para questões contemporâneas.

"Não estou preocupada em estabelecer leis que podem ser muito bonitas. Quanto maior isso, maior aquilo. Muito certinhas e que podem ser aferidas através de modelos estatísticos ou empíricos. A função da minha ciência é conhecer a realidade. Não descarto ou desprezo em absoluto os modelos estatísticos. Mas eu quero conhecer as razões subjetivas que levam as pessoas ao movimento. Quais foram as trajetórias. De onde partiram, aonde chegaram e porque partiram. Essa é a possibilidade de conhecimento que a história oral oferece".

(Lígia Maria Leite Pereira)⁴⁷

A possibilidade de um trânsito efetivo em que o indivíduo em seu contexto social, a expressão de sua classe, seus valores, sua forma de ver e estar no mundo é essencial para a compreensão desse universo. Neste contexto é importante a referência histórica do narrador, de qual lugar o

⁴⁷ Idem 12

discurso é proferido. Do lugar de líder sindical? Do lugar do patrão? Do lugar do empregado? Do político? Do empresário? Da mãe? Do filho?

" Talvez a história oral tenha mais a contribuir para a compreensão do velho dilema das ciências sociais. A história é feita pelo indivíduo ou o indivíduo é apenas um resultado, uma expressão das estruturas? O velho dilema do individualismo, do estruturalismo. A história oral pode responder a essa demanda. Você percebe onde é que o indivíduo foi esmagado ou não. Suas amarras, seus limites de liberdade. Quer dizer: foi a estrutura que pesou mais? Os momentos foram fortes? Ou existiram momentos em que ele teve mais liberdade de ação? É o trânsito entre o indivíduo e a história social, entre o público e privado. Na história oral você não tem essas oposições que são falsas.

(Lígia Maria Leite Pereira)⁴⁸

Busca-se através da história oral não apenas uma teoria ou método de confirmação de hipóteses. Quer-se o conhecimento, novos conhecimentos, a interação entre as ciências sociais através da metodologia de história oral.

Assim, é importante registrar a necessidade de comunicar para saber, a necessidade de interagir, socializar, compreender-se mutuamente em um momento marcado por uma verdadeira explosão informacional. Apesar das novas tecnologias apresentarem-se como um verdadeiro mistério para a maioria da humanidade, a informação vem como mola propulsora do desenvolvimento científico, social, político e o humano. A velocidade com a qual essas informações circulam pelo mundo e pelos diversos meios sociais dita sua evolução e a consequência desse processo. Essa evolução leva a uma "mistura de saberes" e os objetivos da história sempre serão renovados.

A recuperação e o tratamento da informação com todos os procedimentos que ele encerra, juntamente com a ampliação desse universo, democratização do uso e acesso, pode e deve ocorrer permitindo-se a análise

⁴⁸ Idem 12

por parte da sociedade dos vários fenômenos e mudanças sociais que poderão decorrer dessas informações.

A partir da garantia desses espaços de troca, interação e comunicação é que alcançamos a consciência de que através dos processos coletivos, favoreceremos tanto a construção social do conhecimento como a sua constituição democrática e acessível ao mundo.

CAPÍTULO 4

História e Memória: Os Programas de História Oral

"A cultura... o sentimento... são universais. O ódio é o mesmo na Rússia, na China ou em Ouro Preto. Mas a expressão disso... como fica? Por isso é que tem Aleijadinho, Michelângelo, por isso é que tem arte chinesa. O que isso quer dizer? Quer dizer que nossas vidas são uma história com um grande H e com muitos pequenos h's. São histórias de sentimentos, sentidos e acontecimentos (...). Se o movimento da história oral fosse só mineiro ou bretão seria folclore. Seria só para descobrir as características psicológicas, climáticas, de pessoas e grupos. Mas é justamente o contrário: é para tornar a palavra universal".

(Michel Marie Le Ven)⁴⁹

⁴⁹ Idem 16

Como foi posto anteriormente, o recurso da metodologia de história oral vem sendo fortemente utilizado desde a década de 60, chegando ao Brasil em meados dos anos 70. Visto como técnica por alguns, como fonte por outros ou ainda como uma metodologia, fato é que pesquisadores e cientistas sociais que dela se utilizam vêem a possibilidade de repensar a história da humanidade a partir das narrativas dos sujeitos sócios-políticos e economicamente envolvidos nas trajetórias das construções sociais, lançando assim, um novo olhar para os processos históricos. O que sem dúvida, abre possibilidades de hipótese e análises onde o sujeito e suas interações com o meio social, suas trocas e construção de signos e sentidos podem ser vistos dentro de um espectro mais amplo e complexo.

Novas possibilidades se apresentam ao mudar-se a direção das análises históricas para o cotidiano e não para os fatos em si, observando-se que as trajetórias sociais não são um alinhavar de heróis e seus grandes feitos e sim um processo de construção contínuo, feito a partir do comprometimento dos "sujeitos comuns" que por muitas vezes mudaram o rumo dos acontecimentos - mesmo sem o saber ou querer. Tornar evidente e socializar essas narrativas é também tornar viva e dinâmica a identidade de um povo. Estas são as propostas do Programas de História Oral – PHO e de seus pesquisadores.

Desta forma é importante evidenciar ainda, que a proposta dos Programas de História Oral – PHO – é a de construir acervos e potencializar novas leituras da sociedade contemporânea. A partir de relatos individuais de história de vida, busca-se resgatar a memória individual e coletiva de sujeitos socialmente constituídos nos processos históricos da humanidade e que nunca foram ouvidos pela historiografia tradicional. Os Programas de História Oral têm seu compromisso intimamente ligado à construção do conhecimento que

nos remete aos processos políticos, econômicos e culturais de um determinado grupo. Abrangendo esferas da vida cotidiana, pública e privada; bem como levantando questões relativas ao planejamento social, modernidade, representações políticas, dentre outras... . Logo, sua essência está na busca do conhecimento para a compreensão do universo histórico do homem.

Ainda sobre os acervos de história oral, alguns aspectos devem ser ressaltados:

- Considerando-se que os Programas de História Oral não são a personificação deste ou daquele pesquisador e que o fruto da pesquisa constitui-se numa nova visão de um mesmo momento, acrescido de múltiplas leituras a partir do lugar social dos narradores, então a esses acervos pertencem a toda a sociedade que os produziu e que poderá usufruir dessa visão e compartilhá-la com as futuras gerações. Podemos afirmar, que o domínio dessa informação e a sua sistemática troca é de responsabilidade de toda a comunidade acadêmica. Neste sentido, é importante uma forte política documental no Brasil, que deve fomentar a democratização do saber.
- O diálogo entre os acervos dos Programas de História Oral, é importante para ampliar sua potencialidade de conteúdo, mantendo-os socializados e democraticamente acessíveis. São patrimônios sociais e culturais de toda a sociedade que o produziu. Portanto esses acervos têm a característica de possuir um fluxo informacional intenso. Sem uma política que favoreça os

instrumentos de busca a essas informações, as fontes documentais que fazem parte desses acervos são fontes mudas, que não acrescentam e não dizem nada à sociedade.

Como garantir a interlocução entre os vários Programas de História Oral, entre os pesquisadores e a sociedade?

A riqueza das informações contidas nos acervos dos Programas de História Oral e o universo em que se situam, em cada Universidade ou Centro de Estudos são, a nosso ver, inquestionáveis podendo tratar de um mesmo tema, apresentando visões diferentes dos mesmos momentos vividos, ampliando o espaço universal para o debate, o amadurecimento sócio-cultural e político da sociedade. Todavia é evidente que a coleta de depoimentos não é suficiente para que as informações contidas nas narrativas estabeleçam por si só a construção social do conhecimento. Nesse aspecto é fundamental a utilização de métodos que garantam a captura e o processo reflexivo desse fluxo de informações. Em outras palavras, é preciso o uso de instrumentos teóricos e empíricos que possibilitem o uso, a potencialização e a dinamização dessas informações, dessas narrativas, em conhecimento constituídos, disseminados e socializados. São preocupações bastante pertinentes como aponta a professora Verena Alberti (2005), coordenadora do Programa de História Oral da Fundação Getúlio Vargas:

“Eu tenho uma preocupação sobre os acervos, há uma enorme dificuldade dos Centros de Pesquisa, das Universidades cuidarem daquilo que está sendo produzido em termos de documento. A história oral tem uma coisa muito interessante; ela tem um glamour, toda essa discussão sobre memória, subjetividade, interação... entrevistas, entrevistado.

É uma maravilha, todo mundo fica embevecido com esse lado glamouroso da história oral; agora a análise da entrevista que é uma coisa para você buscar; análise sobre o que você constrói, a preservação do que é produzido, os instrumentos de auxílio à consulta do que é produzido é absolutamente carente”.

(Verena Alberti)⁵⁰

Os Programas de História Oral – PHO - possuem em relação ao sistema de coletas das informações e sistematização das mesmas, um rigoroso critério metodológico e científico, que obedece a padrões internacionais. Por outro lado, o sistema de representação é simplificado, muitas vezes baseado no senso comum, desenvolvido pelos pesquisadores envolvidos nos processos reflexivos e partem das políticas específicas de cada Programa. Os Programas de História Oral como fim em si mesmos, estão bem sustentados e em todo o país dispõem de um imenso e rico acervo, todavia considerando-se as possibilidades de acesso a estas informações, os sistemas de representação não alcançam toda a sua potencialidade.

A reunião, o tratamento e a recuperação da informação são etapas do conhecimento que vem sendo construído na Ciência da Informação por seus profissionais. Neste aspecto, acreditamos ser possível e necessário o diálogo entre os Programas de História Oral - PHO - e a Ciência da Informação – CI - com o objetivo de aperfeiçoar o acesso ao conhecimento gerado, levando-o a outras áreas do saber. Ambas as áreas podem se beneficiar das riquezas conceituais de cada uma delas e das possíveis construções de novos conceitos e metodologias que refletiriam primeiramente nas práticas acadêmicas, objetivando reflexos também nas práticas sociais.

As narrativas de memória que compõem esses acervos são únicas e singulares, e assim como na Ciência da Informação, são voltados para o fazer

⁵⁰ Idem 18

humano. Temos então a interlocução garantida na fluidez e na coerência dos objetivos. O nosso interesse é o de somar diferentes esforços dentro e fora do nosso país, no sentido de promover debates e teorias que favoreçam a aplicabilidade de metodologias próprias da Ciência da Informação, ultrapassando os limites do uso efetivo das técnicas informacionais ou da Metodologia da História Oral, posto que é preciso também explorar novos caminhos que nos levem à reflexão do tempo e do espaço, ampliando e potencializando os depoimentos para que tenham, efetivamente, funções de cunho social. Esta preocupação torna-se evidente nas falas dos pesquisadores que utilizam esta metodologia e sentem-se compromissados com a construção efetiva do conhecimento.

"Cada vez mais, têm pesquisadores trabalhando com a metodologia de história oral no Brasil (...) fazer uma entrevista é o máximo, mas e depois? Transcrição, conferência de fidelidade, sumário, os instrumentos de auxílio à consulta, à pesquisa, à preservação, dar acesso, permitir que outras pessoas façam consultas temáticas. Se você não fizer isso tudo, aquele acervo fica mudo. Produz um monte de fitas que fica ali. Quem diz o que tem dentro? Se eu quiser fazer uma pesquisa sobre o que disseram a respeito de determinado assunto? Não tenho como fazê-lo. Isso exige um constante trabalho, desgastante e que não aparece. Por isso é que acaba não se dedicando a esse tipo de trabalho que é muito penoso".

(Verena Alberti)⁵¹

Neste espaço estamos falando de dois lugares distintos: Programas de História Oral e Ciência da Informação - com diferentes olhares e abordagens, mas com a interlocução, ainda muito tímida. A possibilidade de diálogo entre essas áreas de saberes abre novos caminhos e perspectivas para construção, constituição e disseminação do conhecimento. Não se trata apenas da comunicação muitas vezes confundidas com acesso, que através de convênios

⁵¹ Idem 18

supõe que a disponibilidade é suficiente para interação e efetiva interlocução entre uma e outra. Considero a comunicação neste caso a aplicação das teorias e técnicas da ciência da informação, o uso da metodologia de história oral dominada pelos programas e dos acervos ali constituídos, numa proposta ampla de construção de conhecimento, objetivando a compreensão do universo social passado e presente, como forma alternativa de apresentar novas análises à sociedade contemporânea.

Isso posto, será enriquecedor conhecer a memória dos Programas de História Oral, PHO - escolhidos como objetos de estudo, no intuito de perceber e "re-conhecer" o lugar social dessas unidades informacionais nas instituições a que estão vinculadas. O embate - muitas vezes velado - que se dá entre o fazer científico e o fazer social, bem como vislumbrar o movimento entre o projeto e o gesto, ou seja, entre o pensar e o viabilizar. Entre os relatos orais e o estabelecimento desses espaços nas comunidades informacionais e o processo de construção social do conhecimento.

Conhecendo um pouco da visão dos pesquisadores e daquilo que norteou a criação e vida destes Centros de Pesquisa, veremos não apenas a riqueza dos arquivos, documentos e conhecimento ali produzidos, como a necessidade urgente de uma maior interlocução entre a metodologia de história oral e a Ciência da Informação. É inevitável perceber que essa interlocução ampliará horizontes de conhecimento e propiciará uma maior difusão e acesso da sociedade contemporânea a estes arquivos.

Assim, falaremos, primeiramente, do Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil, vinculado à Fundação Getúlio Vargas - CPDOC-FGV/RJ e do Programa de História Oral desse Centro de Pesquisa. Em seguida trabalharemos com o Programa de História Oral -

Centro de Estudos Mineiros, vinculado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais - PHO/CEM/Fafich/UFMG, espaço próximo à Ciência da Informação, porém com tímido diálogo e interlocução.

4.1 O CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação:

Pioneirismo e referência para o desenvolvimento da Metodologia de História Oral no Brasil.

Em 1973 - "anos de chumbo no Brasil" - em plena ditadura militar, o direito da fala era totalmente cerceado pela conjuntura política imposta pelo regime, neste contexto funda-se o CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil / Fundação Getúlio Vargas.⁵² Seu objetivo primeiro era o de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país e desenvolver pesquisas históricas, tendo inicialmente o próprio acervo do ex-presidente Getúlio Vargas como fonte privilegiada. Buscando compreender um passado recente, que carece de documentação e de arquivos de expressiva relevância para a compreensão e análise dos fatos nacionais, não podemos esquecer que as forças governamentais do momento não faziam questão de trazer ao público acadêmico e à sociedade problemas estruturais da nação.

O CPDOC foi criado em 25 de julho de 1973, a partir da necessidade de alguns membros da família Vargas em ter um lugar apropriado para abrigar o arquivo pessoal do ex-presidente Getúlio Vargas e dando a esse arquivo o tratamento profissional.

Com a proposta de criar um acervo que garantisse a memória histórica-política brasileira, focalizando principalmente as trajetórias de desempenho das elites brasileiras dos anos 30, Celina Vargas do Amaral Peixoto, socióloga e neta de Getúlio Vargas deu início a esse Centro de Pesquisa voltado para o

⁵² A Fundação Getúlio Vargas foi criada com a função de dar treinamento altamente qualificado para os funcionários da administração pública e era mantida quase que totalmente com verba federal.

Brasil pós 30, colocando em prática a idéia de pesquisar o processo de montagem do Estado Brasileiro. Estas análises permitiram compreender o regime militar então vigente. Dois anos depois, em 1975, é fundado O Programa de História Oral do CPDOC - FGV, tendo como primeira coordenadora a pesquisadora Aspásia Camargo.

"Nosso propósito era bem pragmático: registrar o depoimento de muitas pessoas que colaboraram conosco na localização e na cessão de arquivos e documentos e que vinham também ao CPDOC em busca de um diálogo e da possibilidade de trocar idéias sobre as grandes transformações da década de 30, das quais haviam sido atores ou testemunhas."

(Aspásia Camargo, in: Alberti, 1990)

Em 1975, o Brasil vivia o momento inicial do processo de abertura política, ainda que de forma muito tímida. Também o movimento da metodologia de história oral estabelece novos espaços em instituições de pesquisa, na produção historiográfica e na formação de arquivos tanto na Europa, como na América do Norte. É neste contexto, onde a história política estava desacreditada e a historiografia tradicional dedicava-se ao culto dos "grandes homens" de forma superficial é que o Programa de História Oral do CPDOC alia a técnica de história oral ao método de história de vida, buscando o rigor científico para os relatos orais que estavam compondo o acervo, criando também um banco de dados inovador e importante para as pesquisas acadêmicas e para o público em geral.

Com a proposta de trazer para a cena pública a história contemporânea do Brasil o Programa de História Oral - CPDOC começa por recolher depoimentos de pessoas que atuavam no cenário nacional e que acrescentaram a produção intelectual da época. É importante mencionar que o CPDOC foi a primeira instituição brasileira a receber e dar tratamento

arquivístico a documentos privados em grande escala e hoje é o mais importante acervo de arquivos pessoais de homens públicos do país.

“Havia uma geração de pessoas que já estavam mais velhas, que eram memórias vivas. Quando as pessoas morrem, acaba o contato físico com a realidade que representam. Quando se perde contato físico, as interpretações começam a sofrer uma outra química, que pode ser melhor ou pior. O que uma geração pode capturar é muito grande, em termos de vivência, de narrativa, até de sentimentos, de como as pessoas viveram pessoalmente todos seus dramas, oposições, raivas que se criaram, críticas que faziam uns aos outros. [...] o Programa de História Oral entrou aí de uma maneira estrategicamente muito importante”.

(Aspásia Camargo, In: CPDOC 30, 2003, p.171).

Em julho de 1975 acontece o "Seminário Inter-universitário de História Oral". Esse seminário contou com a presença do professor George Philips Brawne - Universidade de Colúmbia; Professor James W. Wilke - UCLA e Eugenia Meyer – UNAM. O evento foi motivado pela necessidade de capacitação e aprofundamento teórico na metodologia, já que era uma atividade pioneira no Brasil.

"A história oral no CPDOC foi uma coisa que nasceu da própria vivência. Como tínhamos alguns arquivos e a Celina estava fazendo uma grande ofensiva para conseguir novos, freqüentemente tínhamos pessoas que vinham doar documentos e sabiam de coisas incríveis. Lembro que quando se organizou o arquivo de Oswaldo Aranha, seu secretário, por exemplo, Ruben Rosa, já velhinho, nos visitava, nos ajudava a identificar os documentos e ficava contando casos (...) começamos então a ser ‘as meninas do CPDOC’, aquelas que tinham disponibilidade para ouvir histórias”.

(Aspásia Camargo. In CPDOC 30 anos, p.62, 2003)

O evento de 1975 enlevou a possibilidade do desenvolvimento da metodologia de história oral onde foram propostas várias medidas para cuidar

dos acervos de memória histórica do país. O acervo do CPDOC acabou por ser o disseminador e modelo da Metodologia de História Oral no país.

Desta forma, junto ao arquivo privado de Getúlio Vargas agregaram-se novos arquivos como de Oswaldo Aranha, Gustavo Capanema e outros documentos doados por suas famílias. Nesse período, os pesquisadores do CPDOC que trabalhavam com a metodologia, tinham uma preocupação de constituir um acervo sobre a vida pública pós anos 30, com informações completas, amplas e profundas e que principalmente, contribuíssem para construção de um saber histórico sobre a política recente do país. Com produções historiográficas voltadas para o século XIX e utilizando análises de um grande número de documentos deixados pelos “Governos e políticas oficiais”, a metodologia de história oral abria caminhos inovadores para a construção do saber histórico recente.

"Em países como Brasil,, em áreas do conhecimento mais carentes, e em que o registro histórico é precário ou nulo, (...) cabe à história oral exercer a função globalizadora da coleta de informações, verbalmente transmitidas pelos participantes e testemunhas dos acontecimentos (...) em países como o nosso, onde inexistente uma tradição historiográfica consolidada, a importância estratégica da história oral transcende, portanto a função mais clássica de complementaridade (...) se enquadrando mais a nosso ver ,nessa perspectiva totalizante.

(Aspásia Camargo. In: CPDOC 30 anos, 2003, p.68)

Aliando pioneirismo, qualidade e rigor metodológico o acervo de história oral do CPDOC foi ampliando suas entrevistas para temas mais específicos como trajetórias de empresas estatais, governos militares, instituições de ensino dentre outros. O que se objetivava era compreender conjunturas e acontecimentos na estruturação histórica do Brasil, procurando estar atrelado às produções acadêmicas do CPDOC. O trabalho, feito com critérios científicos

levou a credibilidade e reconhecimento tanto nacional como internacional, tornando então esse acervo referência em todo país já na década de 80.

“Partimos então da idéia de que havia filtros de várias naturezas para estudar o processo de montagem do estado brasileiro nos anos 30: havia o filtro dos atores que montaram esse processo e o filtro dos que foram contrários a ele... .Tínhamos, portanto, que construir uma mediação entre o que os atores diziam e o que nós poderíamos dizer sobre aquela realidade: se houve atores que construíram determinado processo, isso devia ter uma certa lógica, e o mais importante para nós era capturar essa lógica, e não simplesmente criticar os atores. (...) Havia uma curiosidade quase etnográfica, antropológica, para lidar com os que conheciam aquele passado que era desconhecido na suas sutilezas.

(Aspásia Camargo. In: CPDOC 30 anos, 2003, p.69)

A diversidade do acervo de entrevistas reflete a proposta interdisciplinar que sempre orientou as pesquisas científicas do CPDOC, garantindo um conjunto de produções ricas em hipóteses e múltiplas leituras. A interlocução entre a produção intelectual de antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, literatos, historiadores e profissionais de outras áreas do saber está espelhada na composição de um grupo multidisciplinar de pesquisadores. O CPDOC era - e ainda é - por vocação, um centro de pesquisa multidisciplinar que gira em torno de interesses acadêmicos como: história política, pensamento social brasileiro; elites políticas, militares e cultura brasileira.

Com as entrevistas, amplia-se o número de informações sobre processos estruturais da sociedade brasileira, como a formação das elites governamentais e empresariais, influências intelectuais, conflitos, formas de conhecimento e reconhecimento do mundo. Estas linhas de composição ainda orientam o acervo que conta com entrevistas de políticos, tecnocratas, militares, diplomatas dentre outros. São entrevistas de pessoas que ocuparam

cargos no Estado e fora dele ou ainda que cooperaram ou lhe fizeram oposição.

"O acervo de entrevistas do programa de história oral é ponto de partida de diversas produções do CPDOC, como textos de análise, edição de depoimentos, livros sobre temas tratados, conjuntos de entrevistas e etc. Os depoimentos cuja liberação foi formalmente autorizada pelos entrevistados encontram-se abertos à consulta, à disposição do público de pesquisadores na forma de texto ou na forma de áudio".

(Verena Alberti)⁵³

Ao valorizar o papel do indivíduo na construção do saber histórico e privilegiar os arquivos pessoais e depoimentos orais como fontes, o projeto acadêmico do CPDOC foi, por muitas vezes, alvo de questionamentos, críticas e desconfianças. Seus pesquisadores optaram por trabalhar na contramão da historiografia moderna; afinal os relatos orais não eram confiáveis e sim subjetivos. Esse modelo metodológico já tinha sido descartado desde o século XIX. Além do mais, as análises do comportamento coletivo era mais importante para a história do que encontros individualizados. Também prega-se a necessidade de uma distância de tempo do fato, para que as análises fossem mais neutras. Sendo assim, a história contemporânea foi marginalizada, impossibilitada de levantar conclusões coerentes e neutras.

No entanto, a história política abre novos caminhos na historiografia internacional e os anos 80 foram marcados pelo reconhecimento dos papéis das trajetórias individuais dentro das estruturas sociais. Muda-se o foco dos temas e a história contemporânea recebe novos contornos a partir das experiências individuais.

⁵³ Idem 18

A equipe multidisciplinar do CPDOC aceita o desafio de combinar a organização dos arquivos pessoais de homens públicos, a criação de acervo de entrevistas, o rigor metodológico e científico e a pesquisa, a produção acadêmica e geração de informações para o conhecimento social. Camargo (2003, p.22) afirma que o CPDOC é um Centro de Pesquisa com capacidade institucional para executar políticas bem claras e precisas de documentação e informação, constituindo-se ainda em uma referência dentro e fora do país. De seus pesquisadores afirma:

“(...) seus profissionais souberam identificar, na reunião e organização das fontes documentais, a possibilidade de trabalhar com informação retrospectiva e com os estudos históricos de forma a construir a memória de suas especializações em áreas de conhecimento, instrumento informativo necessário, no mínimo para avaliar, encaminhar políticas e processo de trabalho”.

(Aspásia Camargo, 2003, p22).

Cumprir a proposta de ser um Centro de Documentação e Pesquisa, bem como de informação significou definir políticas fundamentadas no conhecimento das condutas exigidas pelo usuário que utiliza esse acervo. Assim o CPDOC adotou e continua adotando um conjunto de ações específicas de proteção e organização desse patrimônio social, para que o conhecimento ali contido seja: "um bem público, capaz de realizar sua função inclusiva primordial" (Camargo, 2003, p.23). Os pesquisadores do CPDOC foram responsáveis pelo desenvolvimento de metodologias de procedimentos técnicos que orientaram e orientam ainda hoje outros projetos por todo país.

"(...) A trajetória do CPDOC foi a de formar um acervo respeitável... de inclusive servir como disseminador dessa metodologia no Brasil, de modo que acabou sendo o modelo neste método. Isto até mais ou menos a década de 80. Nesta época já tínhamos algumas instituições que trabalhavam com história oral no Brasil além do CPDOC. E aí estourou mesmo na década de 90, com a criação da Associação Nacional de História Oral, aí temos várias pessoas interessadas, Programas sendo fundados dentro de Universidades e fora de Universidades e aí... o CPDOC continua sendo um centro de referência, mas não é mais e nunca foi o único modelo possível, sempre existiram vários modelos. Mas continua sendo um Centro de Referência sem dúvida".

(Verena Alberti)⁵⁴

Os esforços do grupo multidisciplinar de pesquisadores do CPDOC em reunir documentos, depoimentos orais e gerar novas fontes, sem dúvida contribuíram para o desenvolvimento de estudos sociológicos pioneiros sobre história contemporânea do Brasil, fomentando também a necessidade de aprofundar a análise dos documentos das informações disponíveis ali e assim sinalizando intenso movimento voltado para criação de Centros de Referência, Memória e Pesquisa no Brasil.

Ao abrir à sociedade possibilidades de acesso às informações e o conhecimento, abriu-se também a necessidade de criar condições, à prática e ao exercício da pesquisa, tornando-se essencial para a produção do conhecimento oferecer informações precisas e de qualidade. Desta forma, foram agregados aos documentaristas, arquivistas e bibliotecários, outros profissionais como antropólogos, historiadores e novos contornos de entendimento às atividades relacionadas à documentação e ao tratamento direcionadas as narrativas orais.

O gerenciamento, conservação e as contínuas mudanças na forma de selecionar, tratar e organizar esses acervos especializados garantem não só o

⁵⁴ Idem 18

aprimoramento das tecnologias informacionais como também o avanço das produções intelectuais, indispensáveis na produção científica e cultural do conhecimento.

"Os centros especializados permitem que a investigação científica assuma o verdadeiro caráter coletivo de realização e principalmente que desenvolva trabalhos de vanguarda, responsáveis pela valorização do pensamento crítico e pela ampliação de uma consciência social imprescindível a capacidade e estruturação de todo o conjunto da sociedade."

(Aspásia Camargo. 2003, p.26).

Estes acervos trabalham com contextos informacionais bastante peculiares, que se querem por excelência inclusivos e que envolvem esforços e possibilidades de preservação da memória bem como sua utilização na produção social do conhecimento. O acesso ao conteúdo informativo desses acervos é essencial na transformação do conhecimento científico em um bem público e todo esse processo envolve pesquisa, dedicação e trabalho como bem pontua Alberti (2005) quando fala da produção e socialização dessas fontes.

"São muitas as etapas que exigem muito cuidado e critério. Existem pesquisadores que preferem ouvir a fita mesmo que haja a transcrição. Porque para fazer a transcrição tem que ser muito sensível. Sensível para colocar no papel aquilo que realmente foi dito. Colocar no papel o máximo do que foi gravado. Você pode mudar uma fala, se colocar um ponto, uma vírgula diferente do que está sendo dito. É um trabalho difícil, que exige sensibilidade, não é todo mundo que tem capacidade para lidar com isso."

(Verena Alberti)⁵⁵

Trabalhando com um tipo de documentação não convencional e com novos suportes de registros informacionais (vídeos, fotografias, cartas pessoais

⁵⁵ Idem 18

dentre outros), o diferencial do CPDOC está na proposta de integrar documentos, relatos orais e pesquisa envolvendo um centro de informação para o desenvolvimento e composição do conhecimento.

O relatório de atividades de 1998, ao completar 25 anos de sua criação, afirma que este período tem um significado especial:

"Porque expressam a realização de um projeto existencial e profissional de uma geração que se aglutinou para construir uma instituição capaz de lidar com a história e a memória nacionais".

(Aspásia Camargo, 2003, p.35)

Por esta afirmativa, entendemos que não se trata de um projeto puramente organizacional, de acúmulo de documentos ou pesquisas específicas. A proposta do projeto perpassa pela produção sistemática de fontes de pesquisa, respondendo a demandas no campo da história social com novos padrões de abordagem histórica. Amado (2003, p.67) afirma:

"Tinha como principal meta a reconstituição da história de vida dos entrevistados de forma a pôr em relevo não apenas sua participação em determinados eventos históricos, mas todo o percurso desenvolvido, aí incluídas as relações familiares, a formação educacional, a vivência profissional, a atuação política nos diversos níveis, as transformações do pensamento e suas relações com partidários e adversários".

(Janaína Amado, 2003, p.67).

A interlocução entre o Programa de História Oral e as atividades de pesquisa desenvolvidas pelo CPDOC acontece de maneira plena; como mostra Amado (2003):

"Por falar em pesquisa, ressalte-se aqui a íntima ligação entre o programa de história oral e as atividades de pesquisa. Essa relação se deu de diversas formas, como: (...) das entrevistas realizadas por pesquisadores da instituição que não pertenciam ao programa de história oral (as entrevistas aí eram consequência de uma necessidade de pesquisa); no caso das entrevistas realizadas por pesquisadores do programa de história oral que por sua extensão e minúcia demandavam uma grande pesquisa prévia por parte dos entrevistadores (as entrevistas aí eram geradoras de grandes pesquisas); no caso dos pesquisadores externos ao CPDOC, que faziam uso do acervo de entrevistas como material para suas pesquisas pessoais (as entrevistas como fonte de pesquisa); entrevistas realizadas pela equipe do programa de história oral com o objetivo de complementar as informações fornecidas pelas pesquisas realizadas nos arquivos escritos do CPDOC (as entrevistas eram complementos de pesquisa) e finalmente com pesquisadores da instituição, alguns do Programa de História Oral que retiravam dos arquivos orais e das entrevistas os temas das informações necessárias para seus trabalhos individuais, suas teses de mestrado, de doutorado dentre outros (as entrevistas serão inspirações para pesquisas)".

(Janáína Amado, 2003, p.69)

Percebemos não só a interação do Programa de História Oral com as pesquisas em curso no CPDOC, como também toda a potencialidade que o relato oral, quando bem trabalhado, em todo o processo de seleção, organização e tratamento, encerra. A metodologia de história oral é bastante diversificada em relação às perspectivas de seu uso e a equipe do CPDOC parece ter clareza de toda essa potencialidade.

“A entrevista e sua análise precisam ser consideradas em vários planos: o primeiro plano é informacional. Entretanto esse plano se dá em um contexto de entrevista e jamais se pode deixar de considerar isso. Às vezes o entrevistado vai dizer uma coisa para você que não vai dizer para outra pessoa ou vai dizer em um dia e que não vai dizer em outro dia. Enfim, o contexto da entrevista, as circunstâncias, influenciam demasiadamente o andamento da entrevista, sobre aquilo que está sendo dito. Como o entrevistado quer incidir sobre o interlocutor. A fita registra um acontecimento, então ela é um documento histórico daquele acontecimento. Além de ser um documento que traz uma narrativa histórica do entrevistado sobre o passado, ela documenta o que o entrevistado quer provocar no entrevistador e no público em geral pois ele sabe que está sendo gravado. A entrevista também mostra aquilo que o entrevistado interpreta do passado, porque é feita uma retrospectiva e aí você vê em andamento as memórias em disputa. Ele está

querendo construir a memória de um jeito e não de outro. Ele está também interagindo com outra memória que ele conhece e quer fazer prevalecer a sua. São várias planos e várias possibilidades e muitas informações.

(Verena Alberti)⁵⁶

Tanto é assim, que desde a década de 80 a política de acesso e disseminação das informações ali presentes vêm passando por processos de aperfeiçoamento, desenvolvidos juntamente com a equipe de tecnologia da informação. Sem dúvida, os avanços da pesquisa nessa área são constituídos e construídos coletivamente a partir da demanda que contempla a forma mais completa à necessidade do usuário.

Outra forma de tornar público o resultado das pesquisas está refletida nas diversas publicações que acontecem desde a década de 70. Levantamentos feitos até 1990 nos mostram que foram vinte e sete publicações referentes à história oral, de autoria de pesquisadores do CPDOC, além de artigos e entrevistas editadas e comentadas. É certo que, quinze anos depois esses números e sua inserção na produção do conhecimento social são bem maiores e significativos.

Hoje o Programa de História Oral do CPDOC têm um acervo de depoimentos de importância reconhecida em todo Brasil e também no exterior. São mais de 4.000 horas de gravações sendo que pelo menos a metade está disponível à consulta no portal do CPDOC. A página referente ao Programa de História Oral, a base de dados - ACESSUS - foi pensada para propiciar aos usuários informações existentes no acervo, de forma rápida e eficiente.

O usuário tem acesso neste banco de dados a manuscritos, impressos, fotos, discos, filmes, fitas e transcrições de entrevistas. Com um acervo

⁵⁶ Idem 18

estimado em um milhão e oitocentos mil documentos, cerca de um milhão já se encontra referenciado na base ACESSUS. Na verdade, as políticas voltadas para a disseminação das informações que ali se encontram acabaram por promover grandes transformações nas áreas de organização e tratamento de informação. Em seu trabalho de pesquisa o CPDOC desenvolve várias metodologias integradas promovendo a interlocução de diversas áreas de conhecimento com a tradição da interdisciplinaridade. Como isso acontece efetivamente? É o que nos relata a coordenadora do Programa:

“O primeiro passo é o projeto, aí é que você vê quem vai entrevistar, a gente normalmente trabalha com dois entrevistadores. Após entrevista, os entrevistadores - pesquisadores - continuam trabalhando na parte de conferência de fidelidade porque as transcrições são feitas fora do CPDOC. Eles trabalham no tratamento da entrevista até ela ficar à disposição do público. Dependendo do projeto, os estagiários e bolsistas nos ajudam nessas tarefas, mas sempre sob a supervisão dos pesquisadores. Os sumários são feitos também pelos bolsistas sobre nossa orientação. Nós treinamos os estagiários, os bolsistas, até estarem em condição e aí nos reunimos e ajustamos os trabalhos que eles fizeram. Aqui no CPDOC, praticamente todos pesquisadores realizam entrevistas através da metodologia de história oral. Existem vários projetos concomitantes e no Programa de História Oral propriamente dito são poucas pessoas. Eu sou coordenadora do Programa, eu tenho um estagiário pela manhã e outro estagiário à tarde. A nossa função é cuidar do acervo produzido por diferentes pesquisadores, em diferentes pesquisas. Então vamos alimentando o banco de dados. Temos que ter o controle do acervo que está sendo feito. A transcrição bruta não é aquela que será divulgada. Temos várias modalidades: existem entrevistas que nunca vão ser transcritas porque vão se transformar em livros; existem entrevistas que passam por uma edição. Mas as informações sobre como foram feitas, porque foram feitas, em qual projeto se encaixaram, tudo isso é repassado pelo pesquisador e nós vamos alimentando o banco de dados. Mesmo livros, quando eles são publicados possuem informações em nosso banco de dados. Tem também a ficha técnica, quantas horas de gravação, quais temas apareceram nas entrevistas. Então se pode ter acesso a estas informações disponibilizadas no nosso portal.”

(Verena Alberti)⁵⁷

⁵⁷ Idem 18

O usuário pode fazer suas buscas pelo tipo dos documentos (texto oral, audiovisual, livros...), por assunto, título, autor e data de produção. Desta forma será retornada uma descrição detalhada dos documentos solicitados e no caso das fotografias a possibilidade de visualizá-las na tela. O perfil do usuário também é importante na construção dos processos de auxílio a busca de informações.

Quando se acessa o site do CPDOC, é preciso fazer um pequeno cadastro com algumas informações como, por exemplo: escolaridade, idade, sexo etc. São informações que servem de base para constituir um perfil de quem acessa este site e até mesmo quantas vezes ele acessou.

"Aqui no CPDOC há quase 2 milhões de documentos textuais, iconográficos, pessoais, que são doados à instituição desde a sua fundação. Acervos particulares como de Oswaldo Aranha, Tancredo Neves, Betinho e vários outros. Qualquer pessoa que entre no site do CPDOC e procure informações sobre esses documentos precisa complementar alguns dados por exemplo se possuem nível superior, idade e outras informações e assim vai se construindo a base para o conhecimento do nosso usuário. Existem pessoas do mundo inteiro, tem o Brazilian List que está lá cadastrado. É possível saber quantas vezes uma pessoa entra no site, quantas novas pessoas... já chegamos a mais de um milhão de usuários".

(Verena Alberti)⁵⁸

O perfil deste usuário acaba por balizar a forma de produção das fontes, não a produção propriamente dita e sim como se produz.

"O fato de nós termos um programa que produz as entrevistas não apenas para os projetos, mas para ficarem abertos à consulta, influencia toda a nossa prática de trabalho cotidiano. Nós estamos constituindo um acervo para disponibilizá-lo para consultas. Quando fazemos a entrevista procuramos fazer perguntas que possam situar o entrevistado - às vezes são perguntas mais importantes para a disponibilização da entrevista do que para aquele projeto específico. Sabemos que

⁵⁸ Idem 18

a entrevista vai ficar aberta à consulta e é importante situar quem está falando e de onde está falando".

(Verena Alberti)⁵⁹

É neste sentido que o perfil do usuário norteia os trabalhos do Programa de História Oral - CPDOC/FGV. Não existe um usuário em especial, mas sim o fato de se ter inúmeros usuários. Mesmo porque esse é objetivo dos pesquisadores, atingirem um público amplo, tanto é que os dossiês⁶⁰, fotos, partes de documentos, trechos de entrevistas são muito consultados por alunos do segundo grau.

"A produção também é balizada porque nós temos o objetivo de atingir um público amplo e não apenas o acadêmico. Nós temos também de passar a idéia da importância da história para o usuário comum. O aluno de ensino médio, por exemplo".

(Verena Alberti)⁶¹

Todo processo de análise e elaboração do trabalho perpassa por diferentes perspectivas e procedimentos cuidadosos, estabelecendo pontes multidisciplinares, garantido o pluralismo complexo da sociedade brasileira. Alcançar essa plenitude no fazer histórico é a preocupação explícita dos pesquisadores dessa instituição como bem pondera Bastos (2003):

“(...) reconhecer a existência de um conjunto de produtores de idéias conscientes de sua missão na reconstrução do país, debatendo temas comuns, constatando a presença de um novo público resultante de transformações econômicas e sociais, percebendo a emergência de uma nova linguagem e capazes de diagnosticar os problemas do país. A partir dessa ótica passa-se a definir o estilo de pensamento que se desenvolveu nesse tempo”.

(Bastos, 2003, P.104)

⁵⁹ Idem 18

⁶⁰ Dossiê Vargas, Dossiê Jango, Dossiê Juscelino são alguns exemplos.

⁶¹ Idem 18

Desde a criação do CPDOC, algumas linhas de investigação vêm sendo desenvolvidas e permanecem como pontos de referência para a identidade de seu grupo de pesquisadores. Elites políticas, história institucional e pensamento social brasileiro são áreas de interesse que se mantêm, quer como escolha intelectual dos profissionais, quer como projetos institucionais que recebem apoio de agências de financiamento.

Essas grandes áreas se desdobram em outros recortes de pesquisa, que incluem como objeto de estudo, biografias, temas ligados à educação e matrizes institucionais de políticas públicas, sempre na perspectiva multidisciplinar, tradicionalmente adotada e que se reflete em uma equipe de pesquisadores distinta no mundo acadêmico e intelectual⁶².

Infelizmente a realidade estrutural e organizacional do CPDOC não reflete o que vem acontecendo nos acervos de história oral e isto não é válido apenas nos acervos do Brasil. É geral a preocupação dos pesquisadores orais no que diz respeito ao uso científico e ético da metodologia, bem como a necessária restituição do que se produziu, à sociedade. Tornam-se pertinentes às reflexões da coordenadora do Programa de História Oral - CPDOC/FGV, professora Verena Alberti (2005):

"É preciso muita sensibilidade na prática metodológica dos relatos orais. Para que se tenha um uso mais ativo dos acervos que estão sendo constituídos. Em grande parte, uma dissertação de mestrado ou tese de doutorado após o uso, normalmente leva a entrevista para a gaveta. Tem um historiador alemão que diz isto: _veja que coisa estranha, uma metodologia que se diz democrática (...), entretanto o pesquisador é por vezes autoritário. O único que domina a fonte e o resultado da entrevista. Em uma pesquisa acadêmica quando se menciona um documento você tem que colocar: documento tal, caixa tal, arquivo tal etc. Para que outros possam ver o documento, isto é, interagir, objetar se for o caso. No caso da história oral se as fitas ficam na gaveta - ou mudas no acervo - o pesquisador torna-se dono da

⁶² Ver mais a História do CPDOC: 30 anos. FGV. RJ.2003 e www.cpdoc.fgv.br/htm

fonte e isso não é democrático, ou seja, é um documento ao qual não se tem acesso e o pesquisador torna-se dono de uma memória. É preciso mais instrumentos que possibilitem o cuidar desse acervo, a harmonização e o acesso e disseminação do conhecimento e informações contidas nesse acervo".

(Verena Alberti)⁶³

É inevitável dizer que a preocupação exposta acima é o retrato da grande maioria dos acervos de história oral, apesar dos esforços e ideários de seus pesquisadores. Com toda a potencialidade informacional que estes acervos encerram, a construção social do conhecimento sobre novas óticas e possíveis leituras de fato, ficarão comprometidas como poderemos ver ao estudarmos a memória do Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros - Fafich/ UFMG.

⁶³ Idem 18

4.2 O Programa de História Oral – CEM/ Fafich-UFMG/

Pioneirismo e referência no desenvolvimento da Metodologia de História Oral no Estado de Minas Gerais.

O Programa de História Oral da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais - foi criado em 1989 e integra o Centro de Estudos Mineiros. Com uma equipe interdisciplinar formada pelos pesquisadores Celina Albano - Socióloga; Lígia Maria Leite Pereira - Socióloga; Lucília de Almeida Neves Delgado - Historiadora; Michel Marie Le Ven - Cientista Político; Otávio Soares Dulci - Sociólogo; Regina Helena Alves da Silva - Historiadora; Thaís Cougo Pimentel - Historiadora, que tinham anseios diferentes mas uniram-se em torno da mesma perspectiva metodológica: a História Oral.

Este grupo interdisciplinar tinha como objetivo primeiro a constituição de um laboratório de pesquisa tendo como base os relatos orais, a partir da metodologia de história oral, que pudesse se tornar um acervo aberto a pesquisadores de todo país e ao público em geral. As entrevistas estariam voltadas para os temas contemporâneos relacionados ao estado de Minas Gerais, vinculados aos processos de formação do capital social, político, econômico e cultural.

"A idéia era uma coisa ampla, era a constituição de um laboratório de dados de pesquisa, partindo do pressuposto de que Minas Gerais era um estado de muita importância, porém isso não se verificava em termos de haver um volume de pesquisas e informações suficientes sobre a realidade do estado, em vários níveis. Então a proposta era que o laboratório se iniciasse através da metodologia de história oral".

Lígia Maria Leite Pereira⁶⁴

⁶⁴ Idem 12

Com pesquisadores oriundos de departamentos diferentes, a proposta desta equipe era absolutamente inovadora: um projeto institucional, interdisciplinar que combinasse pesquisa, formação de um acervo de fontes documentais e favorecesse a construção do conhecimento histórico do estado de Minas Gerais, que como bem mencionou Leite (2005) não possuía um volume de estudos e informações condizentes com sua importância no cenário nacional.

Em 1989, todos eles já haviam tido contato com a possibilidade de construção do conhecimento a partir dos relatos orais. Foram experiências distintas, histórias de sujeitos que tiveram suas próprias questões, hipóteses e projetos, mas que se encontraram e se encantaram com uma nova maneira de compreenderem e apreenderem a história e a memória de homens e mulheres mineiros.

"Meu primeiro contato com a história oral foi junto com o Michel e a Celina em uma pesquisa com os professores argentinos Jorge Balán e Elizabeth Jelin - Estratégia de sobrevivência das classes populares - onde a gente seguia um roteiro através de uma espécie de história de vida (...).Mais ou menos em 85 por aí, eu comecei a trabalhar em uma pesquisa sobre empresariado mineiro (...) eu retomei a questão do empresariado, só que focado em Minas Gerais⁶⁵. Nessa pesquisa eu comecei a fazer entrevistas. Eu entrevistei de 40 a 50 empresários. Eu e o Otávio Dulci tínhamos muitas idéias semelhantes a respeito do empresariado mineiro no processo de desenvolvimento regional e nós não concordávamos com os estudos que havia até então: desprezavam, menosprezavam ou minimizam muito o papel desse empresariado. Isso requeria um estudo mais profundo. Foi uma pesquisa que mostrou um potencial muito grande de trabalhar com as entrevistas. Nessa época eu já fiquei muito impressionada com a potencialidade das entrevistas."

Lígia Maria Leite Pereira⁶⁶

⁶⁵ Leite, em suas pesquisas anteriores já havia trabalhado com a elite empresarial mineira.

⁶⁶ Idem 12

"Meu primeiro contato formal com a metodologia de história oral foi através de gravações da história de vida do Tancredo Neves, junto com a professora Vera Alice que era da Ciência Política. Foi a primeira vez que fiz uma entrevista com a consciência de que estava fazendo história oral. Quando estava fazendo a pesquisa para a tese de doutorado sobre o PTB, o CPDOC entra forte na minha formação pois todo o arquivo de Getúlio Vargas está lá. Eu passei a ter estreitos contatos com o CPDOC que perduram até hoje e esse contato me ajudou muito na preparação de entrevistas, roteiros e tudo mais".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁶⁷

"A gente sabia o que era CPDOC, nós víamos o material deles. Mas nós nunca tínhamos feito aquilo de forma sistemática. Não era totalmente uma novidade. Estávamos no meio da carreira e tínhamos noção do que cada um produzia, mas não tínhamos o conhecimento epistemológico".

Otávio Soares Dulci⁶⁸

"Celina, Thaís e eu trabalhávamos em um grupo de pesquisa sobre a cidade de Belo Horizonte. Chegamos em uma etapa em que pensamos: o que vamos fazer agora? Qual etapa? Nós começamos a pensar em história oral, em entrevistas. Foi uma convergência do grupo da Lucília e do nosso. Nós nos encontramos na metodologia, porque não tínhamos contato ainda. Era uma idéia de criar um grupo que tivesse pessoas de outras áreas e foi assim que chegamos à metodologia de história oral".

Regina Helena Alves da Silva⁶⁹

"Particpei de uma pesquisa latino-americana coordenada pelos professores Jorge Balán e Elizabeth Jelin, junto com a Celina Albano e a Lígia Leite, sobre a estratégia de sobrevivência das classes populares e utilizamos as histórias de vida. Em 1971 quando escrevi a dissertação de doutorado, já trabalhava com a fala e a escuta mas não me lembro de ninguém que falava sobre isso. Também na época era tudo silêncio... não só político, mas intelectual também. No fundo não fui eu que entrei na história oral, ela é que entrou dentro de mim".

Michel Marie Le Ven⁷⁰

⁶⁷ Idem 15

⁶⁸ Idem 13

⁶⁹ Idem 7

⁷⁰ Idem 16

Estas são trajetórias diferentes e caminhos que se encontraram em um projeto apresentado pela Professora Lucília a Fundep - Fundação de Desenvolvimento de Pesquisa - com a proposta de organização e divulgação de um Acervo de História Oral. O objetivo do projeto era de, exatamente, formar o laboratório de dados de pesquisa.

Em 1989, saiu o edital da Fundep para projetos de pesquisa com o nome de "Prêmio Fundep", onde três projetos seriam premiados pela iniciativa de ação inovadora e arrojada em todos as áreas de saberes. Até então, nunca uma área de Ciências Humanas tinha recebido este prêmio, como relata a própria pesquisadora:

"Nós tivemos a ousadia de mandar um projeto para esse edital. Como era o ano de 89, tivemos uma circunstância que nos favoreceu: era um ano em que se comemorava aniversário da Revolução Francesa em todo o mundo e havia uma grande mobilização em torno da questão da revolução e aqui em Minas Gerais era a Inconfidência Mineira. Era considerado o ano da história no mundo e o nosso projeto realmente ficou bom, porque as nossas conversas para chegar nesse projeto... foram longas conversas... o fato de ter sido um projeto que reuniu professores de três departamentos da Fafich/UFMG - História, Ciência Política e Sociologia - teve um peso porque era um projeto de uma Faculdade".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁷¹

Talvez, eles não tivessem a consciência do pioneirismo da proposta: primeira pesquisa interdisciplinar da Fafich e que não pertencia a nenhum departamento, estava vinculada ao Centro de Estudos Mineiros - o órgão oficial da Universidade Federal de Minas Gerais. Em outras palavras, o Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/UFMG, apresentava uma particularidade significativa do ponto de vista conceitual: muito mais que coletar, reunir e produzir documentos a partir de relatos orais que pudessem

⁷¹ Idem 15

registrar a história contemporânea do estado de Minas Gerais, buscando contribuições para a compreensão desses momentos, ele trouxe à tona como condição de estruturação e formação o aspecto da multidisciplinaridade.

"Acho que nós fomos pioneiros da história oral em Minas Gerais. Acredito que consolidamos uma equipe forte. Tivemos momentos de esbarrar em obstáculos, momentos de dificuldade. Mas nenhuma construção coletiva é livre de conflitos".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁷²

Então, aquilo que em outros Programas de História Oral, inclusive na literatura acadêmica vinculada ao tema, se apresenta como possibilidade da metodologia, ou seja, a sua utilização por várias áreas das Ciências Sociais, no Programa de História Oral/ Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/ UFMG foi e é um dos pilares de sua criação, sustentação e continuidade.

"Nunca foi nosso desejo que o projeto fosse adotado por nenhum departamento em específico. Nós escolhemos o Centro de Estudos Mineiros para sediar o projeto porque ele é vinculado aos diferentes departamentos da Faculdade. O projeto era da Faculdade. Do contrário ele não seria interdisciplinar".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁷³

O projeto: "Minas Gerais: política e sociedade através da história oral - (1934-1964)" - recebeu o primeiro financiamento pelo Prêmio Fundep. Com a finalidade de produzir e analisar fontes orais a partir de entrevistas de história de vida e de entrevistas temáticas, o programa divide-se então, internamente, em três linhas de pesquisa, a saber:

⁷² Idem 15

⁷³ Idem 15

- História das Elites Mineiras;
- História da Cidade de Belo Horizonte;
- História dos Partidos e Sindicatos.

Percebe-se com clareza que as linhas de pesquisa estabelecidas abrangem a proposta inicial de produzir fontes documentais que favoreçam a compreensão histórica, política, econômica e cultural do estado de Minas Gerais. A escolha dos pesquisadores por cada uma dessas linhas perpassava pelas afinidades e proximidade dos temas trabalhados anteriormente; a professora Lucília Neves e o professor Michel Le Ven já tinham em suas trajetórias acadêmicas trabalhos referentes a partidos, sindicatos e sindicalistas mineiros. O mesmo se deu com a professora Lígia Leite e com o professor Otávio Dulci que estavam trabalhando com as elites empresariais sob uma perspectiva de uma sociologia histórica. Já a professora Celina Albano, e as professoras Regina Helena Alves e Thaís Pimentel participavam de um grupo de pesquisa sobre a cidade de Belo Horizonte. Logo: habilidade, liberdade, respeito e credibilidade mútua era parte integrante da proposta inicial do trabalho como relatam os próprios pesquisadores:

"Um grupo como aquele... acredito que foi único. Você já tinha doutores e gente que não tinha doutorado. Gente fazendo mestrado, gente voltando de Londres, mas éramos todos iguais. Não é fácil criar laços profissionais, afetivos, com respeitabilidade mútua e nós conseguimos".

Regina Helena Alves da Silva⁷⁴

“Tenho um orgulho muito grande de ter participado da construção desse programa de pesquisa, mais que um projeto, um programa de pesquisa. É uma alegria ter os companheiros que eu tive (...). Falo isso com a maior tranquilidade: o Programa não teria tido a repercussão que teve naquele momento se não estivessem nele pessoas altamente competentes, que queriam se inserir em uma pesquisa que

⁷⁴ Idem 7

rompesse com padrão tradicional. Hoje, nós temos laços para sempre, laços eternos, afetivos e profissionais. As coisas andam muito juntas... identidade que não se rompe jamais".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁷⁵

"Isso tem que ser dito, pois acho que ajudou muito na construção desse trabalho. Uma grande amizade e respeito intelectual nos uniam. O que era um componente que facilitava este começo; não era necessário construir uma relação lá dentro, já éramos parceiros de trabalho. Parece bobagem, mas isso é muito importante na área científica. A área científica e acadêmica é rodeada de tensões, ou as pessoas não são muito ligadas ou são competidoras (...). No nosso caso é uma coisa que fluiu facilmente pelos laços pessoais e profissionais que nos unia".

Otávio Soares Dulci⁷⁶

"A idéia do grupo era bem maior do que foi possível realizar mas quem é bem-nascido vai longe, não nascemos tortos, nascemos sim... com muita pretensão, ambição, com vontade e respeito mútuo. A Lucília, a Lígia por exemplo deram a vida para o Programa e cresceram intelectualmente a partir da história oral. Crescemos muito e mais importante que isso: crescemos juntos".

Michel Marie Le Ven⁷⁷

Se os sentimentos, crenças e intuição de que estavam no caminho certo se fizeram presentes, a dedicação ao conhecimento da metodologia e a busca por caminhos que legitimassem o saber ali produzido era uma premissa básica e inegociável.

Todos são unânimes em seus depoimentos ao afirmarem que em um primeiro momento eles estudaram muito, dedicaram bastante tempo ao conhecimento de outras instituições nacionais e internacionais, bem como o aprofundamento da literatura existente sobre a metodologia de história oral.

Cumpriram, assim, todas as etapas para a construção do conhecimento científico: lugar de estudo, pesquisa, produção que se estendia a todos, inclusive a bolsistas que participaram ativamente de seminários internacionais,

⁷⁵ Idem 15

⁷⁶ Idem 13

⁷⁷ Idem 16

nacionais, em grupos de trabalho, apresentação em *papers* e até mesmo na organização de *workshops* e eventos ligados à metodologia de história oral.

Alves (2005) em seu depoimento remete a Ivan Esquerdo⁷⁸ quando este afirma que o pesquisador é aquele que abre a porta do laboratório, varre esse laboratório, aprende a usar todos os equipamentos, entende seu objeto, propõe questões a este objeto, discute e reflete sobre as respostas deste objeto.

"Nós fizemos isso tudo, nós carregamos mesas, lutamos pelo nosso espaço físico. O Programa de História Oral foi um dos primeiros grupos que mostraram todos os passos da pesquisa, todo o caminho. Ele não nasceu montado, fomos atrás de órgãos financiadores, fomos entender o que é um gravador, fomos estudar para entender o significado da entrevista. Estávamos trabalhando com dinheiro público, tínhamos obrigações morais, sociais (...). O laboratório é fundamental em uma Universidade. O Programa de História Oral foi um grande laboratório que tinha desde os resultados finais entrevista - artigos, participações em congressos - até as atividades mais simples e fundamentais".

Regina Helena Alves da Silva⁷⁹

Alves (2005) afirma também que foi um momento em que aprenderam a dialogar com áreas absurdamente próximas, mas que não tinham o "hábito da troca". Outra característica interessante que foi brevemente pontuada acima diz respeito à relação que os pesquisadores tinham com os bolsistas. Também aí a generosidade do saber fez com que esse grupo fosse único no meio científico.

"Tínhamos sempre muitos estagiários e a função nossa na Universidade é também essa: formar novos pesquisadores. Então a pesquisa tem que ser laboratório de formação de pesquisadores com resultados e produção de conhecimento. Aprendi isso na História Oral, onde você envolve a todos, você cria, organiza, você traz pessoas de outras áreas para dialogar. É muito mais que reproduzir, é realmente produzir (...). Estudamos juntos... isso era muito bom, grupos de pesquisa geralmente - na nossa área - não estudam. Existem coisas prontas e os bolsistas procurando essas coisas, o pesquisador junta e fala o óbvio.

⁷⁸ Conforme depoimento em fevereiro de 2005, disponível no PHO-CEM/Fafich – UFMG.

⁷⁹ Idem 7

Nesse sentido ainda somos positivistas. Para o Programa de História Oral a coisa não era uma mera constatação do óbvio. Então o que eu faço tem que servir para mover o mundo".

Regina Helena Alves da Silva⁸⁰

O compromisso com o fazer científico, o respeito pelo lugar e pela intelectualidade de cada um, seja ele um doutor ou um graduando. Tanto é assim, que grande parte dos bolsistas que passaram pelo Programa de História Oral no período de graduação fizeram mestrado ou doutorado usando a metodologia de história oral em suas áreas de saberes.

Nos depoimentos cronologicamente apontados por Leite e Neves, podemos ver de forma consistente a proposta desenvolvida por essa equipe pioneira:

"Por caminhos diversos tínhamos chegado à metodologia de história oral. A Lucília comandou - vamos dizer assim - a formação de um grupo na Fafich. Ela tinha apresentado o projeto a Fundep, uma proposta de organização e divulgação de um acervo de história oral. Na época a Fundep financiava projetos emergentes e a proposta já implicava que o projeto seria abrigado no Centro de Estudos Mineiros. O projeto não era de nenhum departamento em particular e envolveu o Departamento de História, o Departamento de Ciência Política e o Departamento de Sociologia. Nesse momento eu fui chamada exatamente por essa minha proximidade com a perspectiva histórica. O projeto foi premiado e o recebimento da verba foi o sinal verde para darmos início à construção desse programa. Foi com esse recurso que compramos os primeiros equipamentos, formamos uma equipe interdisciplinar".

Lígia Maria Leite Pereira⁸¹

Num segundo momento o grupo teve como missão discutir e formular um projeto para ser apresentado ao CNPq, o que na época se chamava de

⁸⁰ Idem 7

⁸¹ Idem 12

projeto institucional⁸², ou seja, não eram projetos individuais de pesquisa e sim um projeto que ampliava o universo dos objetivos particulares e que muitas vezes resultavam em um outro produto final. O projeto institucional tinha como característica envolver um grande número de pesquisadores interdisciplinares. Foi escolhida como coordenadora do projeto perante o CNPq a Professora Lígia Maria Leite Pereira.

"Eu reunia alguns requisitos que eram condição para o CNPq: uma delas era já ser doutora há algum tempo, além disso, tinha uma certa disponibilidade - eu estava diminuindo minha participação em outros espaços e estava entusiasmadíssima com a história oral, com a entrevista. Queríamos nos aprofundar mais na metodologia e nós nos reunimos e definimos algumas diretrizes para um primeiro momento: o projeto a ser apresentado ao CNPq teria áreas temáticas que corresponderiam a especialização da equipe. A idéia é que começaríamos com áreas temáticas: eu e Otávio ficamos com a História das Elites, onde nós tínhamos uma trajetória. A outra área seria de Partidos e Sindicatos - a própria Lucília que tinha sido a indutora da formação desse grupo estava terminando doutorado usando entrevistas nessa e chamou o Michel que também tinha feito trabalhos nesse segmento. A História das Cidades contou com a Celina Albano, doutora em Sociologia Urbana, juntamente com Regina Helena e Thaís ,que trabalhavam num grupo sobre a cidade de Belo Horizonte. O que tínhamos em comum era a maneira como queríamos estudar Minas Gerais a partir da metodologia de história oral. Todavia o mais importante era a liberdade: cada área tinha autonomia para definir suas perguntas, suas hipóteses e qual seria a problemática a ser investigada. Autonomia das áreas temáticas e a metodologia como pilar de sustentação, elemento de conexão entre nós".

Lígia Maria Leite Pereira⁸³

Esse primeiro projeto tinha dois objetivos fundamentais a serem atingidos pelo programa: o primeiro era constituir um acervo de depoimentos

⁸² Percebemos em todos os depoimentos a preocupação de se ter um projeto bem estruturado, para que as entrevistas não acontecessem de forma aleatória. Outros pesquisadores poderiam situar o lugar social, político, econômico e cultural do narrador a partir da proposta do projeto.

⁸³ Idem 12

orais que seriam transformados em documentos para serem abertos ao público. O segundo objetivo era produzir estudos a respeito da história política, econômica, social e cultural de Minas Gerais a partir desse material produzido para o acervo. É interessante a transcrição integral do depoimento da Professora Lígia Maria Leite Pereira, levando em consideração o nível de detalhamento de suas lembranças e que não nos cabe qualquer intervenção.

“Nós tínhamos os mesmos objetivos, a mesma justificativa, a mesma metodologia. Fizemos o projeto dentro dessa meta, apresentamos ao CNPq e foi aprovado com bolsas para os doutores e bolsas de iniciação científica; o apoio do CNPq foi muito importante para a sustentação material, para compra de equipamentos, transcrição e viabilidade desse programa. Então, até recentemente tivemos uma equipe de pesquisadores muito bons. Funcionávamos com o aval do Centro de Estudos Mineiros junto aos órgãos financiadores, mas com total autonomia. Em primeiro momento ocupávamos uma pequena sala no quarto andar, depois fomos para outra no terceiro andar, para depois ocuparmos a sala do antigo laboratório de estética que foi extinto. Aí começamos a funcionar ainda em 1989; Lucília e eu fomos ao Rio de Janeiro e tivemos longas conversas com Ângela de Castro Gomes e Verena Alberti que estavam terminando o manual do CPDOC. No entanto, nosso projeto foi bem mais ambicioso, tínhamos o objetivo de compor o acervo, mas também produzir estudos. O CPDOC possuía como objetivo inicial o acervo. Da mesma forma o CERU-USP não teve como objetivo inicial o acervo e sim a produção de estudos, usar as entrevistas como fonte para a produção de análises e artigos. Desde o início a idéia de que era importante - era uma orientação nas nossas entrevistas de história de vida e entrevistas temáticas. Nós promovíamos nossas discussões metodológicas, cada um com a mão na massa. Era aquilo que unia o grupo e que começou muito entusiasmado, com excelente rendimento. Realmente todos estavam apaixonados por aquilo que estavam fazendo, instigados a examinar mais fundo quais eram as potencialidades, os desafios que a metodologia de história oral nos oferecia. Debruçamo-nos, então, sobre toda a bibliografia que conseguimos encontrar, montamos arquivos de textos e livros sobre história oral. Quando alguém viajava encomendávamos às pessoas, literaturas e materiais importados significativos sobre a metodologia, o manual do CPDOC foi muito importante pois possuía uma enorme bibliografia e compramos muitas coisas com a verba do CNPq. Quando fui à França trouxe muita bibliografia, enfim (...). Então, nós fomos trabalhando dentro dessa perspectiva e tivemos uma grande preocupação de ouvir outras experiências, de dialogar. Trouxemos o pessoal do CPDOC, do CERU-USP. Apesar das diferenças, o CPDOC era mais voltado para

área de história com uma preocupação mais arquivista, enquanto o pessoal da USP e Unicamp, que era formado por um pessoal mais das áreas de Ciências Sociais, tinha uma preocupação mais analítica. Nós buscamos reunir os dois conceitos e conviver com o ecletismo. Foi uma coisa interessante porque tivemos a consciência da interdisciplinaridade do nosso projeto e da nossa formação eclética. Foi uma equipe bem sucedida, cada um muito competente na sua respectiva área de conhecimento. Uma equipe que com certeza foi um sucesso no sentido de obter financiamento e dessa forma sustentar o projeto. Tivemos apoio ininterrupto do CNPq durante dez anos e o projeto sempre foi bem avaliado pelos órgãos financiadores, tanto do ponto de vista de sua organização, como da produção de relatórios, produção científica, de toda a sua estrutura, enfim em todos os procedimentos que uma pesquisa encerra. Em 1996 entramos com o primeiro projeto na Fapemig - Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - que foi aprovado também sobre a minha coordenação, foram três projetos aprovados no CNPq e Fapemig.

- “Minas Gerais: Política e Sociedade através da História Oral”.
- "Memória e história: Visões de Minas"
- "Vozes de Minas: Discurso e Restituição"

É interessante observar que o segundo projeto foi basicamente fruto das indagações surgidas a partir do primeiro. Surgiram tantas questões novas e significativas que a gente levou isso para um segundo momento, no segundo projeto, mas mantendo sempre as mesmas linhas: Partidos e Sindicatos, Elites e Cidades. Mantivemos as mesmas categorias sociais de forma a permanecer e aprofundar as linhas de pesquisa. Enquanto se montava o acervo, fazendo entrevistas e participando de congressos, nós tivemos uma impressionante e significativa produção. Em 94 começamos a participar sistematicamente da Associação Brasileira de História Oral, também de eventos internacionais como o Congresso Internacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro, em Istambul e em Roma... . Com apoio do CNPq e da Fapemig com os aportes financeiros que nos permitiram renovar equipamentos e ampliar a sustentação material do projeto... .Chegamos a ter um número significativo de bolsistas atrelados ao programa e eles começaram a fazer as transcrições. Com isso não ficamos muito defasados em relação a gravação e a transcrição. Nesse meio tempo em 1996, nós promovemos o segundo Seminário de História Oral na UFMG. O Seminário foi muito bom, com muitas participações de profissionais de outros centros de estudo e universidades, e de alunos também. Tínhamos essa preocupação de nos colocar dentro do circuito nacional de história oral. Michel já fazia parte da diretoria da região sudeste na Associação Brasileira de História Oral e em 1999 ele organizou o Encontro Regional em Mariana. No mesmo ano tivemos também o Encontro Nacional aqui em Belo Horizonte promovido e organizado pelo nosso programa e aí fizemos finalmente a abertura oficial do acervo ao público. Até então ele funcionava em regime fechado, com solicitações

específicas. Criamos uma logomarca, definimos o nome oficial. Em 2000 trouxemos o pesquisador inglês Paul Thompson, foi um encontro de dimensões inesperadas e muito bom. Posteriormente, fui eleita para a diretoria regional sudeste da Associação Brasileira de História Oral em novembro de 2003 e organizei o Encontro Regional de Tiradentes. Eu fiquei de agosto de 2000 até fevereiro de 2003 como coordenadora do Programa sem bolsa e sem ninguém para me substituir e que pudesse se dedicar... foi por puro amor à arte, por dedicação a uma metodologia que sem dúvida influenciou fortemente a minha formação e a minha produção intelectual, não conseguia deixar aquilo sem ninguém para se dedicar à sua continuidade".

Lígia Maria Leite Pereira⁸⁴

A história-memória do programa é permeada de dedicação, pesquisa, produção científica, mas também de ideários de uma equipe que estava junto, aprendendo e apreendendo, crescendo profissionalmente. É fundamental e unânime ressaltar que todos os pesquisadores apontam para o papel agregador, pioneiro e de doação da pesquisadora Lucília de Almeida Neves Delgado; ela narra a sua vivência e o impacto do Programa na história da produção científica da Universidade Federal de Minas Gerais:

"Olha! Sabe o que aconteceu? Eu defendi minha tese de doutorado em 89 e ela teve um impacto muito grande: " PTB: do Getulismo ao Reformismo". A defesa da tese coincidiu com o ano eleitoral no Brasil. Brizola, Lula e Collor concorrendo à presidência. Em outubro a tese foi lançada em livro pela editora Marco Zero. Até a cúpula do PDT veio ao lançamento do livro - no prédio antigo da Fafich, na rua Carangola - e eu fiquei em evidência. Isso também ajudou na aprovação do projeto, foi um pouco mérito meu, é evidente, mas também as circunstâncias favoreceram. Maquiavel lembra aquela coisa da Virtù e a Fortuna: A Virtù é a habilidade para lidar com as circunstâncias, a Fortuna são as circunstâncias que não dependem da gente e a eleição não dependia de mim e a tese foi defendida no início de 1989. O papel aglutinador teve essa característica: o meu contato forte com metodologia através do CPDOC e o fato de estar um pouco em evidência. Otávio sempre foi uma pessoa agregadora, Lígia uma pessoa querida por todos, Celina também, Michel sempre foi uma pessoa muito admirada na Fafich; enfim éramos pessoas de tradição na academia. Queríamos fazer algo inovador,

⁸⁴ Idem 12

institucional e diferente na pesquisa. Acredito que nós tivemos um papel agregador. Tínhamos intuitivamente uma percepção que um projeto interdisciplinar era inovador, mas não tínhamos grandes estudos sobre a dimensão disso. Fomos ter essa dimensão na prática, construindo juntos, a partir daí começamos a estudar e a estudar muito. Era uma responsabilidade imensa pela frente, organizar o acervo, participar de pesquisas, de eventos, publicar artigos, livros e construir conhecimento. Começamos a estudar mesmo..., estudar e praticar".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁸⁵

A preocupação com a formação intelectual de todos os membros da equipe - inclusive bolsistas - ultrapassava as questões técnicas de como se utilizar o gravador ou o momento da entrevista, como afirma Le Ven (2004). A produção de conhecimento efetivamente publicada ao longo dos anos pelo Programa de História Oral e por seus pesquisadores é extremamente importante, significativa e consolida não apenas a metodologia de história oral em Minas Gerais, como forma no interior do Programa, um número significativo de pesquisadores que aprofundaram essa ferramenta metodológica.

Ao longo desta última década, a constituição do acervo, com a coletânea de histórias de vida, entrevistas temáticas, objetos pessoais dos entrevistados (fotos, correspondências particulares, artigos, jornais e etc... .) e que hoje conta com mais de 400 horas de entrevistas gravadas e transcritas, além de diversas pesquisas e publicações desenvolvidas, teve como princípio a interdisciplinaridade.

O Programa continua fiel a sua proposta de constituir-se como acervo e de promover novas análises e releitura dos processos sociais referentes a história contemporânea de Minas Gerais. Portanto, o Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros - Fafich/UFMG está intimamente vinculado ao

⁸⁵ Idem 15

universo acadêmico tanto por sua história como pela proximidade das fontes a serem pesquisadas. Como mostra Alves (2005) os universos acadêmicos são absurdamente próximos, mas não dialogam, por vezes não se percebe a dimensão inclusiva e democrática que se pretende. Sem a necessária interlocução das áreas de saberes das Ciências Humanas, esse acervo fica mudo e de fato o seu silêncio a nenhum conhecimento favorece. Programas interdisciplinares não são ameaças, são possibilidades mesmo que a realidade se mostre contrária como afirma Alves: (2005):

"Quando você começa a falar interligado, você começa a entender os mecanismos de funcionamento. Você começa a criar o coletivo e coletivos sempre foram problemas. Sempre foram ameaças. Mais confortável é cada um em seu departamento".

Regina Helena Alves da Silva⁸⁶

Para os pesquisadores fundadores do Programa de História Oral até mesmo as agências de fomento e suas políticas de financiamento à pesquisa dificultam esse diálogo na medida em que as verbas saem de uma área específica e vão para uma equipe multidisciplinar, não sendo de um departamento específico como nos esclarece Neves (2005):

"Primeiro não há grande interesse em financiar projetos já consolidados. Segundo surgiram inúmeros grupos de pesquisa e pesquisadores individuais de história oral. Aumentou muita a concorrência para financiamentos. Em terceiro, eu volto àquela questão da compartimentalização: sempre entramos com o projeto do comitê de história, as verbas de pesquisa do Brasil sempre foram restritas. A tendência dos comitês das áreas é aprovar projetos específicos correspondente às suas próprias áreas... talvez haja um certo corporativismo.

⁸⁶ Idem 7

Então o projeto interdisciplinar apesar de ser mais ousado... o dinheiro está sendo enviado a vários departamentos. A escassez de recursos leva a essa tendência... Os comitês se fecham um pouco mais".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁸⁷

Também não foram poucos os obstáculos e as dificuldades. Poucos recursos para um projeto tão dispendioso, falta de preparo e conhecimento tecnológico para lidar com uma nova metodologia; um certo receio por parte dos próprios pares da academia.

Algumas dessas dificuldades nos são relatadas pelos pesquisadores:

"Essa pesquisa exigiu uma tecnologia melhor do que aquela que sempre conseguimos. Alguns desses problemas tecnológicos são enfrentados até hoje... e não foi culpa nossa, é até uma questão de cultura, não tivemos a ousadia para pedir uma tecnologia mais avançada... recursos para passar da fita cassete para fita de rolo, depois para gravação digital, mais computadores, acondicionamento apropriado, não tínhamos técnicos com formação adequada e tecnologia para lidar com acervo... nós fomos preparados para sermos bons sociólogos, bons cientistas políticos, bons historiadores. Não era para sermos 'executivos do programa'. Mas apesar da pouca receita, nós realmente fomos 'batutas' e o projeto se desenvolveu muito".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁸⁸

Juntamente com a construção teórica do conhecimento em relatos orais, o crescimento intelectual foi contínuo e em conjunto perpassado pela práxis, com os erros e acertos que ele encerra. Foi a partir dessa "ousadia" que começou a acontecer de fato uma pesquisa interdisciplinar na Fafich.

"Acho que tínhamos dois tipos de reação da comunidade: uma era de respeito... respeito mesmo: eles são os pioneiros, são gente de muita garra. A outra reação: na instituição tivemos uma enorme luta... muito maior que se podia imaginar. Quando nós ganhamos o primeiro financiamento da Fundep, recebemos os recursos para comprar computadores. Em uma reunião do conselho universitário, um

⁸⁷ Idem 15

⁸⁸ Idem 15

representante da Fafich, ou seja, da nossa própria comunidade acadêmica reclamou do fato da faculdade custear a manutenção desses computadores. Ora, em vez da unidade estar feliz com a sua representação e reconhecimento, fica se questionando a manutenção de um computador?

Lucília de Almeida Neves Delgado⁸⁹

Leite, também questiona as dificuldades enfrentadas dentro da instituição, afinal o projeto institucional e multidisciplinar somente poderia favorecer o crescimento intelectual a respeito da memória do estado de Minas Gerais e de sua capital. São poucas as cidades que podem ter suas memórias relatadas por sujeitos que viram e viveram os momentos de sua construção como é o caso da capital do estado.

“Acredito que é uma questão que deixo em aberto, uma reflexão. Porque na contramão de um movimento mundial - a metodologia de história oral - historiografia nacional, mundial, o interesse crescente, o potencial que ela representa? Porque no momento em que cada vez mais a memória faz parte da cultura das sociedades contemporâneas (...) exatamente, na contramão de tudo, aqui dentro da UFMG nós não conseguimos formar pessoas, despertar condições de uma integração maior”.

Lígia Maria Leite Pereira⁹⁰

"Somos uma instituição acadêmica, universitária... não no sentido petulante, mas acadêmico, no sentido de retorno e do respeito que as pessoas têm pela universidade.... Sempre tive a sensação de perceber um olhar sobre nós como sendo ilegítimos. Você tem o instituinte e o instituído, só que tem que ser uma dialética. A universidade morre se ela somente dialoga entre seus pares (...).

Michel Marie Le Ven⁹¹

Mesmo com essas dificuldades e obstáculos institucionais, as preocupações maiores do ponto de vista prático, giram em torno das questões tecnológicas, da qual hoje dependem a sobrevivência do acervo já constituído,

⁸⁹ Idem 15

⁹⁰ Idem 12

⁹¹ Idem 16

a continuidade e o crescimento do mesmo, como ponderam seus pesquisadores.

"As verbas para os projetos não são suficientes para transcrever todas as entrevistas, é um processo caríssimo. Tivemos longas discussões para definir se haveriam transcrições ou não. Mantivemos a opção de fazer as transcrições por uma simples razão: a nossa gravação nunca foi tecnicamente muito boa e sempre foi feita em fita cassete. Havia limitações. Não tínhamos e ainda não possuímos o lugar adequado para a escuta das fitas. Não tínhamos técnicos para acompanhar, funcionários para tomar conta do arquivo, tecnologia de escuta, cabines e todo o restante da tecnologia necessária para um acervo desse nível. É necessária uma tecnologia melhor tanto para a preservação do acervo, como para o acesso, uso e catalogação. Isso não depende só de nós, a instituição nunca viu essa pesquisa em ciências humanas necessitando desse aporte de tecnologia".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁹²

"O acervo é uma preocupação grande, captar recursos para a preservação, não só conservação, nossas condições estão muito longe do ideal. O acervo corre riscos, eu já perdi noites de sono, minhas preocupações são muito sérias e reais. Como manter o acervo aberto? Vivo? E a parte de formação de novos pesquisadores? O acervo precisa ser digitalizado, passar por vários processos, que são constantes e permanentes. Não adianta fazer apenas uma vez e deixar. A tecnologia muda rapidamente e tem que se adequar a novos suportes, novas linguagens, sob pena de se perder aquele riquíssimo material que Minas Gerais e a Universidade conquistou e que está ali no acervo."

Lígia Maria Leite Pereira⁹³

É importante mencionar a grande produção intelectual e acadêmica que aconteceu a partir das narrativas de anônimos, homens públicos, grandes empresários, sujeitos históricos da nossa memória.

Foram três projetos financiados pela Fundep, CNPq e Fapemig. Não obstante, houve muita doação por parte desses pesquisadores, o que deve ser aqui ressaltado.

⁹² Idem 15

⁹³ Idem 12

A Professora Lígia Maria Leite Pereira ficou na coordenação do Programa, sem vínculo institucional de agosto de 2000 até fevereiro de 2003, o Professor Michel Le Ven representou o acervo nacionalmente, trabalhou no projeto, coordenou bolsistas também por um longo período sem qualquer vínculo institucional. A Professora Lucília de Almeida Neves Delgado, mesmo tendo assumido outras atividades na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e não entrando oficialmente no projeto: "Vozes de Minas: Discurso e Restituição" trabalhou lado a lado com os demais membros na sua elaboração. A Professora Regina Helena participou efetivamente da organização de congressos e seminários mesmo não fazendo oficialmente mais parte do corpo técnico de pesquisadores. Acreditavam que o conhecimento também é construído e constituído por esses atos, nas palavras de Leite "por puro amor a arte". Todavia a não continuidade frustra e preocupa principalmente por não conseguirem recompor o quadro de pesquisadores e por terem certeza de que não serão eternos, certeza de que o acervo ultrapassará a personificação deste ou daquele pesquisador, por mais importante que tenham sido. A renovação aqui é necessária e imperativa.

"A gente quase não conseguiu fazer muito(...) de forma que nós, os fundadores, os pioneiros do Programa - digamos assim - pudéssemos ir nos retirando e deixando que outros assumissem... também coincidiu com o momento em que muitos professores estavam se aposentando na universidade, aconteceram mudanças na legislação que tiveram impacto direto na renovação do quadro de pesquisadores".

Lígia Maria Leite Pereira⁹⁴

Acredito que laços foram estabelecidos e que o Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/UFMG está constituído, mas o seu

⁹⁴ Idem 12

papel na produção historiográfica, na constituição social do conhecimento e na formação de novos pesquisadores ainda tem muito a ser feito, na medida em que os laços que efetivaram e que foram estabelecidos durante a criação do programa não são suficientes para sua continuidade.

"O Programa de História Oral formou pessoas... se um grupo de pesquisa na Fafich tem esse mérito é o grupo da história oral. Não é que não existam outros, mas ele sem dúvida tem esse mérito. Muitos de nós aposentaram, foram embora do Programa de História Oral, o projeto de pesquisa conseguiu formar pesquisadores, ele cumpriu mais do que se pretendia no papel de formar pessoas, de formar pesquisadores, na verdadeira acepção da palavra, fez como poucos, pouquíssimos projetos na Fafich podem dizer que fizeram".

Regina Helena Alves da Silva⁹⁵

"Acredito que novas pessoas vão entrar e vão estar de novo participando da construção do social do conhecimento ou que darão continuidade, se isso não acontecer, se não se sustentar mais... valeu muito. Por lá passaram equipes, inúmeros estudantes... construímos laços institucionais efetivos neste processo de construção do conhecimento. Acho que isso é vida, viver é isso... viver bem é isso".

Lucília de Almeida Neves Delgado⁹⁶

"Eu acredito e torço e se puder inclusive contribuir de alguma forma, contribuirei para que o Programa de História Oral tenha tudo para continuar e ser revigorado, para não ficar com essa coisa inexplicável de que em todo lugar a história oral floresce e aqui não".

Lígia Maria Leite Pereira⁹⁷

"O programa daqui sonhou um pouco em ser maior... que fosse um pouco o reservatório, o lugar da memória dos vários grupos sociais que compunham a cidade, o estado. Esse seria o papel político da Universidade. Existe a fragilidade mas conseguimos alguma coisa".

Michel Marie Le Ven⁹⁸

⁹⁵ Idem 7

⁹⁶ Idem 15

⁹⁷ Idem 12

⁹⁸ Idem 16

"Esse projeto foi muito importante para o meu amadurecimento com o pesquisador, com participante um grupo de pesquisa. Foi o primeiro grupo do qual fui membro de uma forma sistemática e duradoura. Então ele fez parte da minha história como pesquisador".

Otávio Soares Dulci⁹⁹

Os relatos acima pontuados expressam com muita propriedade as preocupações dos pesquisadores, com a manutenção do projeto e a preservação, com o acesso da sociedade ao acervo e com a difusão da metodologia de história oral como importante ferramenta interdisciplinar de pesquisa, mas, sobretudo com continuidade da pesquisa nas linhas atuais ou em outras linhas, que apresentaram resultados tão expressivos ao longo de todos esses anos.

Muito mais que o acervo e suas memórias, muito mais que textos e artigos, são imensuráveis os recursos ali disponíveis para a 'Construção do conhecimento'. Ali se propuseram e foram verificadas hipóteses sobre os fenômenos sociais contemporâneos, sob a perspectiva sociológica, histórica, política, que possibilitaram e possibilitarão uma nova leitura da sociedade como um todo.

Construir conhecimento e a partir dele mover o mundo como cita Alves (2005), está explícito em todas as falas, em menor ou maior grau. O principal ganho de todos esses anos de pesquisa foi construir um conhecimento que pudesse muito mais que retratar o movimento social, pudesse sim, induzir à reflexão e assim permitir a mudança. Construir conhecimento e mover o mundo é uma vocação natural do homem e isto fica nítido na história da fundação e continuidade do Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros/Fafich/UFMG. É preciso continuar.

⁹⁹ Idem 13

CAPÍTULO 5

A informação nos relatos orais e a construção social do conhecimento.

"A humanidade nunca viveu tanto a caverna de Platão como hoje. Vivemos na caverna do engano, de nossa própria ignorância e a única forma de sair dela é o debate, a crítica, a análise".

(Saramago - Carta capital. Junho, 2003: p 60-61).

Construímos cidades, desenvolvemos tecnologias, aperfeiçoamos formas comunitárias de vivências e sobrevivência, buscamos cada vez mais conhecimento. Os processos de construção e constituição do desenvolvimento humano aspiram um saber que favoreça a inclusão e a interação de todos nas possibilidades que o conhecimento possa proporcionar. Não obstante, a maioria dos estudiosos sociais é unânime em afirmar que em uma era marcada por fluxos de informação intensos, a sociedade mostra-se com formas cada vez mais excludentes, menos democráticas, e o conhecimento apresenta-se cada vez mais "estocado" e acessível a poucos. Mas o que vem a ser informação? O que vem a ser conhecimento? Como a ciência pode cumprir seu papel de transformador social? Inserir-se efetivamente nos processos de educação, qualificação, participação cultural, econômica e política?

A definição conceitual de conhecimento e informação vem provocando muitos debates em diversos segmentos sociais, principalmente quando usados como sinônimos. Macgarry (1999) enfatiza que o motivo de tamanha confusão tem origem na língua inglesa - muito falada em todo mundo - que não diferencia os dois termos, usando apenas o termo "know" para ambos. Entretanto, para autores como Breen (1997) e Kurz (2002), o esvaziamento e equívocos desses conceitos, têm sua origem na sociedade contemporânea, onde as tecnologias de informação buscam atuar como multiplicadores e facilitadores da racionalidade humana, destituída de qualquer análise crítica do contexto social. A história vem sendo ignorada, cedendo lugar às ações de marketing, na condução comportamental de produtores e consumidores em uma política de total conveniência.

Fato é que para nós, informação não é conhecimento, bem como não se pretende evidenciar nenhum tipo de hierarquização entre os conceitos. Isto

porque podemos e somos portadores de muitas informações que nos são úteis em momentos diferentes de nossa vida, sem que, com isso, criemos novos paradigmas teóricos. Entretanto, o conhecimento perpassa pela elaboração da crítica racional, estendendo sua experiência e fundamentando-se em dois pilares: a racionalidade reflexiva e a vivência. Le Ven (2004) afirma que "estudar, pensar, refletir é transgredir, é romper com algo posto e abrir possibilidades para o novo. É tomar a vida a sério e não só como uma comédia humana de Balzac". Então é estar em harmonia com as definições de informação e conhecimento postas neste trabalho.

Se a informação nos permite estar em consonância com o meio em que vivemos, estabelecendo renovados diálogos entre os sujeitos, por outro lado não podemos incorporar o discurso da velocidade tecnológica e nos furtarmos de estabelecer relações críticas essenciais para a estruturação da sociedade contemporânea. A informação sem esses caminhos são apenas dados soltos na trajetória humana. O conhecimento se constrói socialmente e se constitui entre as pessoas. Ele parte do encontro entre a vivência e a teoria, o encontro entre gente. Concordamos que o conhecimento é resultado do uso da razão e da experiência, que é fruto da reflexão, do agir e do fazer. É neste contexto que trazemos à tona a discussão a respeito da construção do conhecimento a partir do fluxo informacional que os depoimentos em histórias de vida ou em entrevistas temáticas podem favorecer, bem como a proposta democrática e inclusiva na construção social do conhecimento dos acervos dos Programas de História Oral. As narrativas são permeadas de informações e a oralidade é uma das possibilidades mais democráticas na troca e no desenvolvimento do conhecimento. Através e a partir da oralidade podemos transpor obstáculos e

favorecer diálogos em busca do aprofundamento das análises das produções sociais.

Como nos lembra Le Ven (2004), quando propõe distanciar-se de conceitos sedimentados e definir espaços para fazer humano:

"Estou querendo tomar alguma distância de expressões prontas, que podem dar a impressão de que está tudo sedimentado; tem classe, tem pessoas que quase mecanicamente produzem um discurso, uma ideologia de classes. Eu prefiro conhecimento feito por grandes e pequenos homens (...). São milhares de discursos, muitas ideologias... discurso sobre a cidade, discurso sobre a fome, sobre a cultura, a política... enfim... ele é múltiplo, é plural,... contudo ele representa uma sabedoria".

Michel Marie Le Ven¹⁰⁰

Essa sabedoria nasce do encontro, do diálogo entre um e o outro. Assim as narrativas trazem informações carregadas do desejo de produzir saber, de passar para o outro sua visão de mundo e sua forma de lidar com as demandas impostas pelo cotidiano. Desejo de registrar uma memória, ou seja, a sua memória.

Entretanto, essa memória é condicionada e vinculada a um - ou a vários grupos, pela situação econômica e política do momento e é nas narrativas orais que temos a oportunidade de vislumbrar a trajetória percorrida para a construção desta memória.

A narrativa oral guarda para os indivíduos e grupos sociais aquilo que é vital à existência humana: a identidade. Aquilo que somos, aquilo em que acreditamos, aquilo que nos move todos os dias, a busca da realização e assim se constrói a história social, que tem sempre como fundamento a troca entre os saberes de um e outro. Logo esta construção é eminentemente social.

¹⁰⁰ Idem 16

Pode ampliar-se em ações políticas, sociais e econômicas organizadas, estruturar-se em sindicatos, governos, partidos políticos e associações de classe, mas em sua essência nasce do encontro entre indivíduos e num movimento de ação e reflexão retorna a ele provocando ou não mudanças no saber desenvolvido.

Neste ideário, a partir da necessidade de estruturar Programas de História Oral no Brasil podemos compreender o papel da oralidade no processo de constituição social da informação, sua socialização e a adoção do conhecimento bem como sua democratização. Para Le Ven (2004) a própria história da oralidade nos leva a compreender a relevância do silêncio, do trabalho, da vida, enfim do próprio movimento da humanidade. Isso posto, uma questão fica: como analisar o processo de construção de conhecimento nesses acervos? Como se pretende sua socialização? Um narra e outro escuta? O que é informação e conhecimento para os pesquisadores orais? Como lidam com essas questões em seus fazeres científicos?

Para Alves (2005), estas questões deveriam inquietar a todos os pesquisadores do nosso país, na medida em que hoje o Brasil produz apenas 0,05% do conhecimento mundial. Alves (2005) é enfática ao afirmar que são dados precisos e vergonhosos, além disso, deveríamos ter discernimento em diferenciar produção e reprodução, ou seja, produzir não é apenas coletar dados e rearranjá-los de maneira científica.

"Uma coisa é o dado que eu tenho em uma fonte ou em um documento qualquer. Nele encontro uma série de dados. Esses dados estão reunidos para produzir informações. Quando acesso o relatório de um prefeito, por exemplo, eu tenho uma série de dados reunidos ali para produzir uma informação a respeito da gestão daquele prefeito: se sua política era pensar na periferia, portanto, abriu tantas escolas, asfaltou tais ruas, abriu um posto médico e etc.. Esses dados reunidos são informacionais. Agora! Quando eu trabalho uma série de informações, as discuto,

caso com outras informações das mais diferentes possíveis e faço isso como algo que me move para chegar a um lugar... eu estou produzindo conhecimento. Quando é uma mera compilação do óbvio é somente um arranjo, só estou ampliando o espaço da informação".

Regina Helena Alves da Silva¹⁰¹

O conhecimento deve servir para mover a sociedade e não apenas para aumentar e reforçar os abismos e as distâncias sociais entre os homens. Nesse sentido a informação é a essência de todos os processos, embora não seja a garantia absoluta de nenhuma construção humana. A *Internet* é um belo exemplo disto, pois é um grande banco de dados informacionais que possibilita e favorece o conhecimento, mas não o garante. Assim também se faz nos acervos dos programas de história oral. O simples fato de se ter um número expressivo de relatos orais não garante absolutamente a construção e a constituição do saber, este é o papel do pesquisador, porque não dizer que esta é sua missão, como argumenta Leite (2005):

"Volto àquela questão de que nenhum dado fala por si, nem mesmo um dado estatístico, nem mesmo discurso. O que se obtém no depoimento, em uma relação de entrevistas é um discurso que irá se transformar em um documento oral. Dessa forma, eu tenho vários discursos que podem ou não ser associados a outros tipos de documentos. Mas o que eu faço questão de reafirmar é que a partir dos objetivos colocados, eu vou construir um conhecimento que é uma interpretação (...). Aí vem aquilo que Foucault chama de: 'o fazer histórico'... aí sim estou fazendo história com H... estou fazendo a sociologia... estou construindo conhecimento e essa é a minha tarefa".

Lígia Maria Leite Pereira¹⁰²

A tarefa de todo pesquisador, em qualquer área do saber é: labor, elaboração, análises, reflexões.

¹⁰¹ Idem 7

¹⁰² Idem 12

Em outras palavras, percorrer a trajetória do teórico - pensar; prático - agir; produtivo - fazer. O que se busca nas produções científicas dos acervos dos Programas de História Oral perpassa por este caminho, cabendo ao pesquisador oral contextualizar e colocar os discursos e as informações por ele encontradas dentro de um quadro explicativo, a partir de uma dada realidade do objeto a ser investigado. O conhecimento não passa apenas pela descrição do fato, o processo torna-se sempre essencial. O objeto a ser pesquisado não se dá a conhecer de imediato, ele é construído e nós não podemos nos isentar deste papel.

"Jamais podemos nos esconder atrás os discursos de nossos entrevistados. Jamais podemos confundir o fato com a interpretação. Nós aqui fazemos história nesse sentido. Cada indivíduo faz sua história, agora, outra coisa é construir a história enquanto conhecimento. Isso é tarefa do pesquisador, jamais podemos nos eximir desse papel".

Lígia Maria Leite Pereira¹⁰³

Neste sentido, Alberti (2005) apresenta uma outra questão interessante: a do conhecimento que permeia a sociedade e que não passa necessariamente pelo espaço acadêmico. São nos saberes sobre o passado que se veicula as histórias constituídas por um determinado grupo, que parte da experiência e é guardado pela memória:

"Acredito que existam vários conhecimentos. Claro que como historiadora, eu prefiro entender o conhecimento que o historiador construir - se for um historiador que eu considere que vá construir aquilo de forma pertinente - então, há várias possibilidades de produzir conhecimento e nem sempre ele passa necessariamente pela academia".

Verena Alberti¹⁰⁴

¹⁰³ Idem 12
¹⁰⁴ Idem 18

No entanto, o saber acadêmico requer um objetivo e um objeto, necessita de análises, de dedicação, de estudos e critérios científicos e nos Programas de História Oral essa construção não ocorre de forma diferente: na maioria das vezes as entrevistas acontecem a partir de um projeto bem definido e seu roteiro é estabelecido não apenas por questões imediatas, mas de forma a abarcar possíveis hipóteses posteriores de outros pesquisadores.

"Eu não vou logo perguntando ao entrevistado sobre as minhas questões, eu vou começar com a história de sua vida, mesmo que seja uma entrevista temática. Eu sempre faço primeiro uma biografia, para entender sua formação... como ele chegou naquele contexto e etc".

Verena Alberti¹⁰⁵

Ampliar as possibilidades informacionais de uma entrevista é importante, como o depoente experimentou momentos de sua história, a vivência comunitária, o mundo do trabalho, a religiosidade, valores éticos dentre outros, podem ser abarcados em uma entrevista e enriquecer as análises posteriores (por isso, é importante reafirmar que o gravador e a fita consistem apenas numa técnica e não em um método).

Outro aspecto importante é que alguns pesquisadores orais vêem a metodologia como oportunidade de dar voz a uma parcela da sociedade que a priori não a tem. Nesse aspecto há bastante controvérsia, na medida em que a metodologia tem esse papel, mas não pode ser considerado o único e nem o principal. Alberti (2005) não compartilha dessa visão e justifica:

¹⁰⁵ Idem 18

"Não compartilho com essa visão. Acredito que hoje os grupos falam o que quiserem. Eu acho interessante porque somos nós é que queremos saber qual é a voz desses diferentes grupos. Não sei se eles estão interessados em ter voz, em que a gente dê a voz a alguém, mesmo porque dar voz a alguém é impossível, o movimento é sempre do pesquisador. Ele que está interessado em saber como pensam esses grupos".

Verena Alberti¹⁰⁶

Neste sentido, a demanda parte do pesquisador. É de seu interesse produzir pesquisas que ampliem o conhecimento e que não apenas repita o discurso do entrevistado. Para Alberti (2005) devemos estar atentos a estas armadilhas que qualquer metodologia pode oferecer. No caso da metodologia de história oral trabalha-se muito com sentimentos e estes devem ser tomados como dados objetivos, sendo observados com um dado informativo sobre a sociedade onde o entrevistado está inserido. Alberti (2005), no momento da entrevista, menciona Lévi Strauss e retoma uma de suas expressões: "tornar o sensível inteligível".

Essa é a função da academia e a tarefa do pesquisador oral: estar em harmonia com a noção do indivíduo dentro de uma sociedade complexa, a sociedade contemporânea. O que pode ser um aparente paradoxo, a visão singular de um indivíduo traduz um coletivo. Nenhuma memória é única, ela está inserida em um contexto familiar, de uma cidade, de uma associação de bairro, de um partido político. Assim, a identidade é coletiva e nesse aspecto cada entrevista apresenta-se como uma fonte informacional que pode vir a favorecer a construção do conhecimento. Por um lado, entrevista de história de vida traduz várias referências de uma visão de mundo, por outro lado o conjunto de entrevistas de um grupo de sindicalistas, por exemplo, ou de militantes de um partido evidenciam uma determinada estrutura de organização

¹⁰⁶ Idem 18

comunitária. A construção do conhecimento a partir dessas memórias que possuem amplas possibilidades de leituras favorece o saber e privilegia não apenas esta ou aquela instituição, mas a sociedade como um todo. E o mais importante: construído, constituído socialmente, a partir da interação entre as pessoas, entre o pesquisador e o narrador.

Todavia, é importante ressaltar: o conhecimento precisa ser socializado, assim como sua produção necessita de teorização, análise, laboração e elaboração, também é vital seu fluxo, a sua democratização..., enfim, sua socialização para que cumpra o seu papel e possa aguçar novas hipóteses e ser sempre acrescido por novas reflexões. Neves é categórica ao pontuar tais questões:

"Para ser conhecimento em qualquer área, tem que ser socialmente construído. Ele tem essa característica. Também é importante sua socialização... se eu o tenho sozinho, então não é conhecimento, sou apenas bem informada sobre determinado assunto. Aquilo que eu não elaboro, não analiso, não socializo... não é conhecimento".

Lucília de Almeida Neves Delgado¹⁰⁷

O saber, por natureza, se transforma, quando possível em espaços diversos como afirma Alves (2005). Principalmente nas áreas de ciências humanas, porque temos o olhar voltado para o sujeito e para a sociedade.

"O conhecimento tem que ser lugar de todas as possibilidades e não o lugar duro. Quando você dá uma permanência (*falsa*) para o conhecimento, ele endurece, ele não é mais possível em todos os espaços".

Regina Helena Alves da Silva¹⁰⁸

¹⁰⁷ Idem 15

¹⁰⁸ Idem 7

Na metodologia de história oral a construção do documento se dá de forma socializada, é um evento compartilhado entre sujeitos anônimos até chegar à entrevista propriamente dita. O projeto envolve toda uma trajetória a ser percorrida. Pesquisas do objeto a ser investigado, leitura de informações em jornais, conhecimentos já constituídos, informações de relatórios, artigos, documentos históricos, dentre outros. O momento que antecede a entrevista é representado pela escolha do pesquisador por seu objeto, juntamente com suas experiências e pela política dos Programas no qual está inserido. Em um segundo momento ocorre à interação entre o entrevistado e o entrevistador, que constróem conjuntamente um documento, uma fonte. De fato, a narrativa do eu passa a ser a narrativa do outro, para finalmente ser a narrativa de um terceiro, aquele que vai ler a produção desse conhecimento: o usuário. O conhecimento é o tempo todo socializado e quando chegamos a novas questões esse novo nasceu do encontro e da interação de muitos.

"Na história oral, o projeto é todo interativo, socializado, mesmo que sejam pesquisadores individuais, que não estejam vinculados a um Programa. Quando eu monto um roteiro, posso estar interagindo com arquivistas, bibliotecários, pessoas que vão me dar informações sobre o entrevistado. O roteiro é uma pré - pesquisa não é? Na entrevista há necessariamente uma interação entre pessoas e aflora neste momento tanto a história de vida do entrevistado como do entrevistador porque evidentemente as suas vivências, suas trajetórias, seus objetivos estão instruindo na montagem do roteiro. Existem algumas coisas de sua vida que interferem nesse processo. Algumas prioridades, alguma coisa que se destacou no seu estudo universitário, algum interesse, o momento em que você está vivendo, o momento em que o país vive, diferenças entre gerações e etc... . Então a minha socialização e a do entrevistado está presente. Há uma interação social necessária nessa construção do conhecimento".

Lucília de Almeida Neves Delgado¹⁰⁹

¹⁰⁹ Idem 15

De fato, neste processo, há uma evidente socialização mesmo porque o pesquisador oral não se desveste de suas hipóteses, de suas informações já postas e de seus objetivos. Ele é por si só interativo e perpassado por diálogos.

"O pesquisador oral foi ouvir uma história de vida deles e isso é bonito na construção do conhecimento. Ele é social e tem utilidade social".

Lucília de Almeida Neves Delgado¹¹⁰

Neves aponta também para a questão da linguagem, da forma como nos fazemos entender, o vocabulário:

"O pesquisador tem que inclusive conhecer o vocabulário do entrevistado, de seu meio social. A oralidade também é cultural - não no sentido de quem fala inglês, português ou francês - um camponês tem uma forma de se expressar completamente diferente de um militante comunista, por exemplo. Inclusive a sua relação com a memória é diferente".

Lucília de Almeida Neves Delgado¹¹¹

Cada grupo tem uma forma de comunicação e expressão e isso também é importante no momento da entrevista. Saber interagir com vocábulos como acumulação primitiva de capital, militância, célula, mais-valia, e outros, certamente farão com que as informações, em uma entrevista com comunistas sejam mais ricas e detalhadas.

Todos esses processos dependem fundamentalmente de nossas interações sociais. Para Alberti (2005) é impossível conceber um indivíduo sem pensar em suas interações sociais. O conhecimento perpassa pelos bens culturais, sociais, que o indivíduo recebe e que em consequência transforma,

¹¹⁰ Idem 15

¹¹¹ Idem 15

pois aprendemos a pensar com o coletivo ou solitariamente, promovendo a transformação, a elaboração, em uma relação permanente e dialógica. Então, como pensar o conhecimento que não seja construído socialmente? Neste processo a informação nos proporciona possibilidades e caminhos diversos para construção e a constituição daquilo que podemos dizer ser "conhecimento social".

"A elaboração das diferentes pessoas que vão se receptores dessas entrevistas... . Tanto você quanto outras pessoas que vão consultá-las posteriormente, que vão retrabalhar o que ouviram e transformá-lo (...). O conhecimento pressupõe trabalho, elaboração no sentido de labor, de transformação. A entrevista tem essa peculiaridade: como fonte ela fica disponível para novos trabalhos, elaborações e transformações daquelas informações em conhecimento".

Verena Alberti¹¹²

Então, é certo que todo conhecimento surge de questões e de pessoas e a partir das interações humanas, do encontro com um outro, como lembra Le Ven (2004):

"Somos feitos também do encontro com um outro e de nossas próprias elaborações, produções e reproduções. Mesmo porque a autonomia do saber não significa em absoluto a falta de relação com o outro".

Michel Marie Le Ven¹¹³

E diz ainda:

"Autonomia do saber é você ter sido capaz - dentro do processo de produção desse saber - de se dar, de se colocar dentro de um mundo permeado pela heteronomia. Não podemos esquecer que um peão do ABC virou presidente do Brasil e é claro que teve uma relação de troca com outro. Na história dos indivíduos, na produção social... graças a Deus existe gente forte numa sociedade que permite isso [risos]".

Michel Marie Le Ven¹¹⁴

¹¹² Idem 18

¹¹³ Idem 16

¹¹⁴ Idem 16

Espaços que permitem o saber social, mesmo porque todo o processo do conhecimento - pelo menos - deveria provocar mudanças no mundo em direção do saber equânime e democrático. Claro, somos sujeitos que têm memória e saber, somos memórias e saberes e temos um tipo de intervenção na sociedade em que estamos inseridos.

Será que o conhecimento é algo separado da vida dos sujeitos? Em que o conhecimento é um saber viver? Ou é apenas estar informado? Percebemos que a vida inteira entrevistamos os outros, lemos os outros, ouvimos os outros, buscamos conhecimento no outro. Nas palavras de Alves (2005):

"Hoje eu advogo, e acredito no trabalho em forma co-laborativa, em rede, sem autoria. Essa é a minha grande militância, meu fazer".

Regina Helena Alves da Silva¹¹⁵

É o conhecimento que produz o movimento social, é a base das diferenças e congruências da humanidade, de seus erros, acertos, enfim, da condução de sua história. O conhecimento guarda uma universalidade duradoura, está presente em qualquer tempo, em qualquer sociedade. É notório na leitura dos depoimentos de todos os pesquisadores que o conhecimento se edifica sobre a informação, é fruto de processos reflexivos, que passam por um conjunto de ações articuladas e voltadas para um objetivo de construção de um saber social e para o social.

De que valerá um conjunto enorme de dados, de fontes, de fatos, ainda que adequadamente organizados, se não forem desdobrados em um movimento de busca do conhecimento?

¹¹⁵ Idem 7

"É necessário você explicitar todo o processo de pesquisa, construir fontes. Estou criando fonte, produzido há duas ou mais mãos. A produção é intencional, o que significa que isso tem a possibilidade de ser muito mais rico na exploração do objeto a ser investigado".

Lígia Maria Leite Pereira¹¹⁶

A informação, ou seja, aquilo que o depoente guarda em sua memória será construído por ele e pelo pesquisador, gerando um novo saber, uma nova leitura, e para que esta interação ocorra, o encontro é a base. Portanto a oralidade e o desenvolvimento dos arquivos e fontes nos Programas de História Oral possuem uma enorme possibilidade de construção de novos conhecimentos. Este saber é constituído de forma intencional como mostra Leite (2005):

"Primeiro, é uma fonte intencional - o fato dela ser produzida a dois - permite aprofundar mais as questões que de outra maneira não se poderia (...). É uma fonte que tem mais especificidades que me permitem produzir um conhecimento de uma outra natureza".

Lígia Maria Leite Pereira¹¹⁷

Leite (2005) também afirma:

"Acredito que conhecimento seja aquilo que eu vou construir com a informação. Então, informação é tudo aquilo que está no depoimento. A partir desses relatos e dentro dos meus objetivos é que vou construir o conhecimento".

Lígia Maria Leite Pereira¹¹⁸

Podemos concluir, que a oralidade é potencialmente democrática, inclusiva e uma das mais importantes ferramentas sociais de desenvolvimento,

¹¹⁶ Idem 12

¹¹⁷ Idem 12

¹¹⁸ Idem 12

ela é plural por excelência, instrumento de consolidação e de identidade. Os acervos dos Programas de História Oral, construídos através da metodologia, se configuram, portanto, numa inequívoca fonte de conhecimento e de dados ainda a serem explorados. A memória resgatada pela oralidade reflete um universo novo de leituras e de transformações sociais. A memória traz à tona fatos e imagens, que se expressam e se sustentam pela oralidade, aproxima as pessoas, torna possível e necessário o encontro para a construção do saber.

O conhecimento não pode prescindir da informação, todavia a sociedade contemporânea e de forte apego à tecnologia precisa reconhecer que não cabe a hierarquização dos conceitos: informação e conhecimento. Uma pretensa supremacia do universo intenso, ágil e veloz da informação sobre o conhecimento socialmente construído e constituído será sempre perigosamente fugaz, estruturalmente frágil diante do conhecimento que se fez sólido, erguido sobre a reflexão e transmitido de geração a geração.

CAPÍTULO 6

Considerações Finais

Ciência da Informação e os Programas de História Oral :

A interdisciplinaridade

“... a possibilidade de transpor a barreira do egocentrismo para uma coletividade, de construir a partir de grupos e para eles, traz expectativas bastante positivas para o trabalho com a informação. Se as atividades que os profissionais da informação desenvolvem não forem lastreadas pelas necessidades das comunidades nas quais estão inseridas, serão mínimos os efeitos do ponto de vista social. Ao usarmos o contexto dos grupos como fonte original de recursos, estaremos valorizando e reforçando os laços e as referências que são importantes para o exercício da cidadania. Desta forma, estaremos reduzindo o distanciamento entre a teoria e a prática, entre a ciência e a sociedade, entre produtores, distribuidores e usuários". (Guimarães, Júnia e Marinho Júnior, Inaldo. 1996)

A riqueza das informações contidas nos acervos dos Programas de História Oral e o universo em que se situam, em cada Universidade ou Centro de Estudos são, a nosso ver, inquestionáveis podendo tratar de um mesmo tema, apresentando visões diferentes dos mesmos momentos vividos, ampliando o espaço universal para o debate, o amadurecimento sócio-cultural e político da sociedade. Assim, cabe salientar que há uma necessidade de maior compreensão e articulação entre a organização, tratamento e disseminação, no intuito de que os processos informacionais presentes nos relatos orais possam não apenas alcançar um dinamismo real, como para que conquistem a acessibilidade como fontes documentais importantes, relevantes e fundamentais na compreensão da sociedade contemporânea, em seus mais simples ou complexos aspectos. Não nos referimos apenas ao acervo do Programa de História Oral - Centro de Estudos Mineiros/ Fafich/ UFMG. Ao contrário, as temáticas que fazem parte desses espaços são múltiplas e seus objetivos também. É importante lembrar que o conhecimento é antes de tudo um direito e uma possibilidade universal e sempre foi uma busca da humanidade. Cardoso (1996) nos chama a atenção para o empenho dos homens sábios ou estudiosos em apreender os mistérios da natureza humana e catalogá-los. O resultado desse empenho pode ser visto nas construções e constituições teóricas e empíricas de processos que auxiliam a humanidade, ajudam-na a se situar no tempo, no espaço, possibilitam a evolução da capacidade de socialização humana, o resguardo da memória e a superação de conflitos.

Sob esta ótica os Programas de História Oral – PHO - possuem em relação ao sistema de coletas das informações e sistematização das mesmas, um rigoroso critério metodológico e científico, que obedece a

padrões internacionais. Por outro lado, o sistema de representação é simplificado, muitas vezes baseado no senso comum, desenvolvido pelos pesquisadores envolvidos nos processos reflexivos, e parte das políticas específicas de cada Programa. Os Programas de História Oral como fim em si mesmos, estão bem sustentados e em todo o país dispõem de um imenso e rico acervo. Todavia, considerando-se as possibilidades de acesso a estas informações, os sistemas de representação não alcançam toda a sua potencialidade.

Para Bastos (2003, p.97): *“Enquanto não houver uma infra-estrutura documental forte no Brasil, cada pesquisador, ao desenvolver seu trabalho, forçosamente continuará a levantar informações que já poderiam encontrar organizadas”*.

Este é um ponto de extrema fragilidade no espaço da pesquisa científica no Brasil. É fundamental entendermos os procedimentos formais, acadêmicos, e porque não dizer políticos, da Ciência da Informação no universo da produção intelectual do conhecimento. Entender que não são, de forma alguma, procedimentos inflexíveis ou mecânicos. Devemos levar em consideração que o processo de tratamento da informação vai além dos conceitos sedimentados do que possa ser disseminação, potencialização ou democratização da informação e do conhecimento.

Socializar a informação, democratizar o conhecimento sem desqualificá-lo ou descontextualizá-lo é um grande desafio da academia na área do saber e deveria pautar-se pelo entendimento dos vínculos existentes entre informação, sociedade e universidade. Essa relação dialógica é condição "sine qua non" para enxergar os sujeitos dessa sociedade como promotores e produtores do conhecimento social.

No caso dos Programas de História Oral, as coleta de depoimentos - a entrevista propriamente dita - são apenas uma etapa da construção do conhecimento. Mas, em absoluto, é suficiente para que esse processo informacional e de produção de conhecimento se estabeleça, como argumenta Le Ven (2004):

"Então, é ter clara a idéia de que esses acervos deixaram de ser uma mera compilação de entrevistas para serem instrumentos com dimensões informacionais que abrem possibilidades ao conhecimento. (...) socializar a informação e o conhecimento produzido ali é permitir um lugar ao dizer das pessoas... é passar da informação ao conhecimento de sujeitos que efetivamente falam, analisam e vivem"

Michel Marie Le Ven¹¹⁹

A trajetória entre as narrativas, o saber e sua disseminação democrática (que seja possível em espaços diversos), apresenta aspectos que exigem outro campo de conhecimento. A interlocução entre a Ciência da Informação e os Acervos de História Oral, está garantida na fluidez e na coerência dos objetivos, já que ambas têm seus valores no homem. O nosso interesse é o de somar diferentes esforços e promover debates e teorias que favoreçam a aplicabilidade de metodologias próprias da Ciência da Informação ultrapassando os limites do uso efetivo das técnicas informacionais ou da Metodologia da História Oral.

É preciso também explorar novos caminhos que nos levem à reflexão do tempo e do espaço ampliando e dinamizando os depoimentos para que tenham, efetivamente, funções de cunho social, ou seja, que favoreçam a efetiva vocação dos Programas de História Oral – PHO.

¹¹⁹ Idem 16

As bases informacionais partem da oralidade e nesse sentido, abrem-se constantes demandas no que se refere aos aportes teóricos e empíricos da Ciência da Informação, como lembra Le Ven (2004).

“Há dois pontos que constituem a originalidade dos acervos dos Programas de História Oral: primeiro a gente fala do que viveu, então é sempre subjetivo, é uma experiência contada, portanto tem a relevância da memória. Precisamos considerar o quê, para quem e o que estão fazendo com aquilo que se fala. Informação é formação... mas também é deformação, é conformação, é reformulação... mas a Ciência da Informação é que detêm essa forma (...)”.

Michel Marie Le Ven¹²⁰

Le Ven (2004) também nos instiga a outras reflexões quando aponta o seguinte questionamento:

"É preciso ouvir mais essas narrativas, elas teriam que circular e não estamos falando de oralidade. Isso viria da Ciência da Informação, do processo informativo, formativo, o que seria a meu ver um grande avanço. Por quê? Porque conhecer vêm desde a primeira definição bíblica: um homem a uma mulher, passa pelo saber/sabor até o mobilizar ou imobilizar o cérebro. Hoje todo mundo fala em informação, mas o conhecimento é aquele que forma"

Michel Marie Le Ven¹²¹

Le Ven (2004) traz em sua fala a essência de uma das maiores dicotomias da sociedade contemporânea que confunde informação com formação. A partir do conhecimento podemos formar, pois ele permite o uso adequado das ferramentas informacionais. Ao contrário, toda a informação do mundo sem o conhecimento é inútil.

Neste sentido é fundamental uma melhor compreensão das propostas de cada programa, pois possibilita uma melhor interlocução entre eles.

¹²⁰ Idem 16

¹²¹ Idem 16

O conhecimento adequado do perfil dos usuários, para que até o momento da entrevista seja direcionado para esses objetivos, para que haja um melhor entendimento das dinâmicas da produção social do conhecimento desses acervos e que favoreçam o surgimento de novas ferramentas de acesso aos conteúdos informacionais que se encontram ali. Sem isto, são acervos silenciosos que servem a poucos.

Não podemos abrir mão, de valores conceituais que podem passar despercebidos em vários momentos da humanidade: mesmo com todo o avanço técnico-científico e humano, ainda será a memória, o último e indivisível espaço na construção do saber.

Pensamos e acreditamos ser o homem o construtor do seu dia-a-dia e de seu futuro, então, ler sua memória, registrar sua visão de mundo e produzir a partir daí conhecimento é resgatar e fazer prevalecer um conceito básico da humanidade: é a memória a primeira ferramenta da formação humana. Ela se consolida pela oralidade, atravessa os séculos e séculos pela oralidade.

O que se objetivou discutir no âmbito deste trabalho é a importância do acesso e a democratização da informação para a "construção social do conhecimento", especificamente nos acervos dos Programas de História Oral e a importância da narrativa oral na sociedade contemporânea. O que importa é reconhecer as informações estabelecidas ali e efetivar ferramentas de acesso que possibilitem e favoreçam a construção do saber. A interlocução entre a produção científica da Ciência da Informação e dos Programas de História Oral poderá fazer com que a intencionalidade dos acervos deixem de ser projetos e passem a ser gestos. Vale a pena reiterar a relevância destes gestos no depoimento de Neves (2005).

"O entrevistado é sempre uma pessoa que está colocando sua emoção a flor da pele. Então, quem trabalha com esses acervos tem que ter uma ética, uma produção de conhecimento exemplar, um respeito contínuo com o outro que você entrevistou, respeito com aquele que vai ler, com a posteridade do documento, com o arquivamento do documento. Você está construindo uma coisa que é baseada na experiência, na vida do outro que é um sujeito histórico e você é o intermediante. O que vai ficar registrado para que uma ou mais pessoas leiam exige muita responsabilidade. A socialização do conhecimento exige muita ética e critério. É muito trabalhoso, exige cuidado... desde o momento da elaboração do projeto, passando pelo contato com o entrevistado... pela elaboração do roteiro, pela realização da entrevista, pela transcrição, pela conferência de fidelidade da transcrição, pela socialização, pelo retorno ao entrevistado, pelo retorno à comunidade. É trabalhoso, mas permite aflorar inúmeras visões... e é extremamente rico".

Lucília de Almeida Neves Delgado¹²²

Não se pode pensar em produção social do conhecimento em qualquer fazer acadêmico, seja qual for a metodologia utilizada, sem essas trajetórias pontuadas por Delgado (2005): responsabilidade para com o objeto a ser investigado e para com os documentos produzidos e analisados, sensibilidade para com todas as possibilidades que este documento oferece e respeito na relação intrínseca entre a academia e a sociedade.

Neste espaço de reflexão é importante pensar sobre o fato de a Ciência da Informação ter como objetivo trabalhar a informação e a construção do conhecimento, abrangendo esferas do tempo e do espaço, no processo voltado para o saber constituído, recuperado, tratado e disseminado na sociedade.

"A ciência da informação é um campo devotado à investigação científica e à prática profissional, dedicando-se a problemas de comunicação efetivos do conhecimento e de seus registros entre humanos, no que se refere às necessidades e ao uso da informação nos níveis individual e social". (Saracevic: 1996: p.52)

¹²² Idem 15

A partir da conceituação de Saracevic (1996), podemos reafirmar que a interação entre a Ciência da Informação e os Programas de História Oral ultrapassam as fronteiras do uso efetivo das técnicas informacionais. Exige-se um domínio das diferentes etapas do saber, começando com a sua concepção – essa concepção antecede o momento da coleta - e caminhando até a sua disponibilização e utilização.

A sociedade contemporânea está diante de novos alicerces que redesenharão os perfis sociais. Estamos sob a égide da informação e do conhecimento e é neste contexto informacional que não podemos nos abster de buscar através da história-memória - que guarda a essência das identidades coletivas e individuais, e o nosso fazer crítico histórico - novos processos fundamentais para a construção do conhecimento.

Sabemos que para acontecer a aquisição e/ou transmissão do conhecimento é preciso apreender as novas tecnologias de representação e comunicação, sendo assim é importante identificar o papel da Ciência da Informação e o seu fazer intelectual nos processos sociais.

Cardoso (1996), também chama a atenção para o papel da Ciência da Informação, principalmente no contexto da sociedade brasileira contemporânea. Vivemos um momento em que cresce a importância de recuperar e fazer valer na formação de nossa sociedade conceitos como ética e valorização do bem comum, respeito ao bem público e ao meio ambiente, para a construção da cidadania, da identidade. Para a efetiva inclusão social, a informação e o conhecimento são essenciais.

O conhecimento é transformador, induz à reflexão, permite a superação de problemas e demandas surgidas pela ação do homem em seu meio e na natureza. A memória e os acervos dos Programas de História Oral, com suas

horas e horas de entrevistas, documentos e produções de conhecimento são o retrato daquilo que se viveu e se fez, para o enfrentamento dessas demandas em momentos diversos da história. As informações e todo o conhecimento ali produzido estão muito distante daquilo que poderíamos chamar de acessível, no que tange a sociedade que o produziu. Estes conteúdos estarão condenados à mudez se a necessária interface entre os Programas de História Oral e a Ciência da Informação não trazer o suporte teórico tanto à geração, como ao tratamento e disseminação deste saber.

A mudez a que nos referimos não é apenas aquela ligada à acessibilidade da sociedade ao conhecimento e informações dos Programas de História Oral; mas à mudez temporal, silenciosa e eterna, aquela que foi tão bem narrada para Alves (2005) pela senhora do interior de Minas Gerais:

“Desde lá de trás quando a gente veio para cá... quem veio para cá contava a história uns para os outros para a gente se lembrar o porque é que a gente veio para cá, então a gente tinha que saber o jeito de cada um para saber o que era nossa história e a gente ia contando, e contando, e contando. Vocês vieram aqui e ouviram as histórias da gente e aí vocês fizeram um livro. Nossa história ficou lá escrita no papel. Agora não tem mais história diferente da outra, só tem uma história... Esses meninos aprendem isso lá na escola e a gente se esqueceu da história, a gente não fala mais uns com os outros sobre a nossa história, porque agora está no papel. [silêncio] (...)”

Regina Helena Alves da Silva¹²³

Desta forma, faz-se necessário a continuidade desta pesquisa em busca da formalização da Metodologia de História Oral no campo da Ciência da Informação, propiciando assim não apenas um intercâmbio efetivo e prático voltado para a compreensão e apreensão desta metodologia, como para a

¹²³ Idem 7

formação de pesquisadores que possam contribuir para a disseminação e restituição à sociedade do conhecimento propiciado pelos relatos orais.

Em outro patamar desta pesquisa buscaremos avançar naquilo que efetivamente poderá ampliar em muito o efeito deste estudo, em termos de contribuição ao saber social: a consolidação de metodologias de organização, disseminação e restituição das informações e conhecimento dos vários Programas de História Oral existentes no país. Buscaremos deste modo, favorecer a maior democratização destas fontes e propiciar à sociedade uma reflexão que possa levar à consolidação da cidadania no desenvolvimento da sociedade brasileira.

7. Referências Bibliográficas

1. ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
2. ALBERTI, Verena. **Depoimento**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral da UFMG.
3. ARAÚJO, Eliany Alvarenga. **A construção social da informação**. Datagrama zero - Revista de Ciência da Informação, v.2, n.5, p.1-8, out. 2001.
4. ARAÚJO, Vânia. **Sistemas de Recuperação da Informação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
5. BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
6. BARBOSA, José Joaci. **História oral e hermenêutica**. Porto Velho: Ed. UFRO, 2002. Disponível em: <<http://www.unir.br/~primeira/artigo105.html>>. Acesso em: 12 mar. 2005.
7. BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança não mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahat, 2003.
8. BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
9. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1986. v.1.
10. BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
11. BRADFORD, S. C. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
12. BRANDÃO, Jacinto Lins. História Oral e memória no mundo grego. **Encontro Nacional de História Oral**, 5, 1999. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ABHO/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UFMG, 1999. Mimeografado.

13. BREEN, Marcus. Informação não é conhecimento: teorizando a economia política da virtualidade. **Journal of Computer Mediated Communication**, v.3, n.1, p.1-16, dez. 1997.
14. BUNGE, Mário. Ciência Básica, Ciência Aplicada e Técnica. In: _____. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p.23-25.
15. BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
16. CAMARGO, Célia (Org.). **CPDOC 30 anos**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
17. CARDOSO, Ana Maria Pereira. **Retomando possibilidades conceituais**: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v.23, n.2, p.107-114, jul./dez. 1994.
18. CARDOSO, Ana Maria Pereira. **Pós-modernidade e informação**: conceitos complementares. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.63-79, jan./jul. 1996.
19. CARNEIRO, Ceres F. Paul Zumthor e as Marcas da Oralidade. **Editora da UFRO**, Porto Velho, v.1, n.134, p.1-3, fev. 2003.
20. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
21. CEBRAP. Para o uso pragmático, ético e moral da razão prática. **Estudos Avançados / USP**, São Paulo, v.3, n.7, p.4 -19, set./dez. 1999.
22. CRUVIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.149-164.
23. CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

24. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **Depoimento**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral / Centro de Estudos Mineiros da UFMG.
25. DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.5, n. especial, p.67-80, jan./jun. 2000.
26. DOLLAR, C. M. O impacto das tecnologias de informação sobre princípios e práticas de arquivos: algumas considerações. **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.3-38, jun. 1994.
27. DULCI, Otávio Soares. **Depoimento**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.
28. DURANTI, L. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.7, n.13, p.49-64, jun. 1994.
29. DURKEIN, Emile. **The elementary form of religius life**. New York: Free Press, 1995.
30. ENRIQUES, Eúgene. Indivíduo, criação e história. In: _____. **Connexions: perspectives psychanalytiques sur les conduites sociales**. Paris, n.44, p.141-158, 1984. Mimeografado.
31. ESPIRÍTO SANTO, Carmelita do; FREIRE, Isa Maria. Relato de experiências: "Quissamã somos nós!" construção participativa de hipertexto. **Ciência da informação**, Brasília, v.33, n.1, p.155-168, jan./abr. 2004.
32. FENELOM, Déia Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa - projeto história. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, v.1, n.10, p.73- 90, dez. 1993.
33. FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Uso e abuso da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

34. FONTES, Carlos. **Universo Sonoro. A Escrita Alfabética. Os Desvios da Tradição. Emergências Históricas da Filosofia.** Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/emergcia.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2005.
35. FORTUNA, Edson. Memória e Educação na Era da Imagem Visual. **Methodus: Revista Científica e Cultural**, Rio Comprid, v.3, n.4, p.3-14, out./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/bbeonline/lista.asp?cod=147028&Assunto=MEMÓRIA&Doc=P&P=0&nl=20>>. Acesso em: 08 jan. 2005.
36. FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
37. FREITAS, B. A questão da moralidade: da razão prática de Kant à ética discursiva de Habermas. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**, v.1, n.2, p.7, 2^o sem. 1989.
38. FREITAS, Lídia S.; Gomes, Sandra Lúcia Rebel. Quem Decide o que Memorável?: a memória de setores populares e os profissionais da informação. In: FORO SOCIAL DE INFORMACIÓN, DOCUMENTACIÓN Y BIBLIOTECAS, 1, 2004, Buenos Aires. **Anais eletrônicos...** Buenos Aires: 2004. Disponível em: <<http://www.inforosocial.org/ponencias/eje05/25.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2004.
39. GAY, Peter. **O estilo na história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
40. GOMEZ, Maria Nélide Gonzáles. **A representação do conhecimento e o conhecimento da representação:** algumas questões epistemológicas. Ci. Inf. Brasília, v.22, n.3, p.217-222, set./dez. 1993.
41. GOMEZ, Maria Nélide Gonzáles. **Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação.** Perspectiva, ciência e informação, Belo Horizonte, v.6, n.1, p.5-18, jan./jun. 2001.
42. HABERMAS. **Consciência Moral e Agir Comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
43. HABERMAS. **O discurso filosófico da modernidade.** Lisboa: Dom Quixote, 1990.

44. HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologia qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
45. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
46. HALL, Stuart. **Da diáspora – identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.
47. HAVELOCK, Eric A. **La musa imparata a scrivere**: riflessioni sull'oralità e e' alfabetismo dall antichità al giorno d'oggi. Bari: Laterza, 1995.
Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~gaia/havelock.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2005.
48. IASBEK, Luiz Carlos. Os boatos. Além & aquém da notícia: versões não autorizadas da realidade. **Lumina - Facom da UFJF**, Juiz de Fora, v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=7728&cat=Artigos&vinda=S>>. Acesso em: 25 mar. 2005.
49. KURZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2002. Caderno Mais, p.14-15.
50. LASTRES, M. M. H; ALBAGLI, S. Introdução uma chave para o terceiro milênio na era do conhecimento. In: LASTRES, M. M. H; ALBAGLI, S. (Org.). **Informações e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campos, 1999.
51. LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. **Enciclopédia Einaud**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984a. p.11-50.
52. LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **Enciclopédia Einaud**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984b. p.95-106.
53. LE GOFF, Jacques. Documento monumento. In: _____. **História e memória**. São Paulo: UNICAMP, 1992. p.535-553.
54. LE VEN, Michel Marie. **Depoimento**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2004. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.
55. LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993. p.10.

56. MACGARRY, K. **O conteúdo dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
57. MENEZES, V. T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento, reflexões para um tempo de transformação. In: SILVA, Z. L. da. **Arquivos, patrimônio e memória**: trajetórias e perspectivas. São Paulo: UNESP, 1999. p.11-29.
58. MOSS, Willian W. **Oral history program manual**. Nova York: Praeger, 1974.
59. MOTTA, Miriam Hermeto; FARIA, Erica de; LE VEN, Michel Marie. **História oral de vida**. Campinas: CMV/UNICAMP, 1997. p.213-225.
60. MOURA, Maria Aparecida. Tratamento da informação - Aula expositiva. Belo Horizonte: ECI/ UFMG, jan. 2004.
61. NEITZEL, Luiz Carlos. **Evolução dos meios de comunicação**. Disponível em: www.geocities.com/Athens/Sparta/1350/evolucao_comunic.htm. Acesso em: 15 jan. 2005.
62. NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. **Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, v.1, n.10, p.7-28, dez. 1993.
63. PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Depoimento**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.
64. PERELMETTER, Daisy; ANTONACCI, Maria Antonieta (Org.). Ética e história oral. **Projeto História - Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, v.1, n.15, abr. 1997.
65. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, jan./jun. 1992.

66. PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História - Revista do Programa de Estudo Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP**, São Paulo, v.1, n.10, p.13-50, abr. 1997.
67. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos Oraís: do indizível ao dizível: In: SINSON, Olga de Moraes Von (org). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988. p.14-48
68. RÊGO, Fausto. **Tradição e modernidade**: uma só voz. [s.l.]: ABT, 2004.
69. ROAUNET, Sérgio Paulo. Sociedade do conhecimento: fato, ideologia, utopia? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 mar. 2002. Caderno Mais, p.15-16.
70. SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
71. SARACEVIC, Tefko. Ciência da Informação: origem, evolução, relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun.1996.
72. SARDE NETO, Emílio. **História oral: uma síntese reflexiva**. Disponível em: <Emiliosard@gn-net.com.br>. Acesso em: 22 mar. 2005.
73. SCHMIDT, Maria Luisa. **O passado, mundo do outro e outro mundo: tradição oral e memória coletiva**. São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0036.shtml>. Acesso em: 02 fev. 2005.
74. SILVA, Júnia M.; B. JÚNIOR, Inaldo. Socialização da teoria da ação comunicativa. **Ciência da Informação**, v.25, n.3, abr. 1996.
75. SILVA, Regina Helena Alves da. **Depoimento**. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, 2005. Entrevista concedida à Aparecida Maciel da Silva Shikida e ao Programa de História Oral/Centro de Estudos Mineiros da UFMG.

76. SILVEIRA, Ronie A. T. **Memória e escrita no Fedro de Platão.** Caderno de Atas da ANPOF, n.1, p.145-149, ago./set. 2000. Disponível em: <<http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/21-roniealex.pdf> >. Acesso em: 05 mar. 2005.
77. SOUTO, Solange; SOUTO, Cláudio. **A explicação sociológica:** uma introdução à sociologia. São Paulo: E.P.U, 1985.
78. SVEIBY, Karl Erik. **A nova riqueza das organizações:** gerenciando e avaliando patrimônio de conhecimento. Rio de Janeiro, Campus, [s.d.].
79. THOMPSON, Paul. **A voz do passado – história oral.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

8. Anexos

8.1 Imagens da oralidade : Os Programas de História Oral

PHO-CEM / Fafich-UFMG

PHO – CPDOC/ FGV - RJ

8.2 DOCUMENTAÇÃO:

**PRIMEIRO PROJETO DO PHO-CEM/Fafich-UFMG APRESENTADO À
FUNDEP**

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO PHO-CEM/Fafich-UFMG. DÉCADA DE 90